

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO, CACHOEIRINHA/RS SURGE

COMO UMA POSSIBILIDADE

Porto Alegre

2021

GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

**NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO, CACHOEIRINHA/RS SURGE
COMO UMA POSSIBILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos
Castrogiovanni

Porto Alegre

2021

Sensolo, Grazielle Macedo Barreto
Na estrada do conhecimento geográfico,
Cachoeirinha/RS surge como uma possibilidade /
Grazielle Macedo Barreto Sensolo. -- 2021.
151 f.
Orientador: Antonio Carlos Castrogiovanni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2021.

1. Ensino de Geografia. 2. Complexidade. 3. Ensino
da cidade. 4. Lugar. 5. Cachoeirinha/RS. I.
Castrogiovanni, Antonio Carlos, orient. II. Título.

GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

**NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO, CACHOEIRINHA/RS SURGE
COMO UMA POSSIBILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em ____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Profa. Dr^a. Ligia Beatriz Goulart (UFRGS)

Prof. Dr. Vitor Hugo Nedel Oliveira (CAP/UFRGS)

Prof. Dr. Marcos Irineu Klausberger Lerina (IFSUL- Campus Novo Hamburgo)

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em nome de seus coordenadores e secretários, pela atenção e pelo empenho em colaborar.

Aos colegas de Pós-Graduação, pelas trocas, aprendizados e por toda a compreensão: José Ricardo dos Santos, Alexandre da Rosa, Marcos Irineu Klausberger Lerina, Paola Gomes Pereira, Christiano Correa Teixeira, Lânderson Barros, Diego Brandão, Jaciel Kunz, Davi Gandolphi de Souza e Gabriel Bürgel Borsato.

Aos professores, componentes da banca examinadora, pela disponibilidade, intervenções e contribuições valiosas.

Ao meu orientador, Professor Antonio Carlos Castrogiovanni, pela confiança, orientação e pela capacidade de mostrar que o mundo pode ser visto a partir da Complexidade, que encanta, transforma e faz ter esperança.

À minha amada família, pela compreensão, apoio e carinho.

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS), na linha de pesquisa em Ensino de Geografia. Teve como propósito compreender como o trabalho de Geografia, que valoriza a cidade, favorece a compreensão do espaço geográfico em sua complexidade. O objetivo geral foi compreender como o ensino de Geografia, a partir do estudo da cidade, favorece o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade. Como auxiliares nesta tarefa, elencou-se como objetivos específicos: compreender como os alunos se relacionam com a cidade, tendo como estudo de caso a cidade de Cachoeirinha/RS; mostrar, a partir das especificidades constituídas pelos estudantes, o que está ausente nos currículos escolares e que precisa emergir, em sala de aula, mediante conceitos e temas trabalhados pelo ensino de Geografia; e construir propostas pedagógicas, para ler e entender o lugar, a cidade e, conseqüentemente, o mundo. A importância deste estudo corrobora com o que se percebe no cotidiano da escola: que algumas práticas são mais significativas para a aprendizagem dos alunos, fazendo com que eles compreendam o mundo, a partir de seu lugar. Ao percorrer a estrada do conhecimento, tem-se, na Complexidade de Morin (2007), uma forma de ler o mundo. O traçado metodológico foi fundamentado na abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa participante (BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2013), tendo suporte teórico de produções bibliográficas relacionadas aos objetivos. A estrutura deste tipo de pesquisa se formou na relação entre os pesquisadores e os sujeitos investigados (alunos do sexto ano dos anos finais do Ensino Fundamental), frente a ações educativas, como problematizações e aplicação de uma sequência didática. O suporte teórico foi baseado na revisão bibliográfica sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), nos conceitos da ciência geográfica como lugar, paisagem, cidade, rede, globalização, espaço geográfico e na aproximação com o método da Complexidade. Esta pesquisa possibilitou reflexões e diálogos relacionados ao ensino de geografia, entendendo que valorizar o estudo da cidade é facilitar a compreensão do espaço geográfico em sua complexidade, mesmo que provisoriamente.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Lugar. Complexidade. Geografia das Cidades. Cachoeirinha/RS.

RESUMEN

Esta investigación está vinculada al Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Río Grande Sul (UFRGS), en la línea de investigación en la enseñanza de la Geografía. Su propósito fue comprender cómo funciona la Geografía, que valora la ciudad, favorece la comprensión del espacio geográfico en su complejidad. El objetivo general fue entender cómo la enseñanza de la geografía, basada en el estudio de la ciudad, favorece la comprensión del espacio geográfico en su complejidad. Como ayuda a esta tarea, se enumeró como objetivos específicos: comprender cómo se relacionan los alumnos con la ciudad, tomando como estudio de caso la ciudad de Cachoeirinha/RS; mostrar, a partir de las especificidades constituidas por los estudiantes, qué está ausente de los currículos escolares y qué debe surgir; y construir propuestas pedagógicas para leer y entender la ciudad y, en consecuencia, el mundo. La importancia de este estudio es coherente con lo que se percibe en la vida diaria de la escuela: que algunas prácticas son más significativas para el aprendizaje de los estudiantes, haciéndoles entender el mundo desde su lugar. En el camino al conocimiento, hay una manera de leer el mundo en la Complejidad de Morin (2007). El enfoque metodológico se basó en el enfoque cualitativo, utilizando la investigación participante (BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2013), con apoyo teórico de producciones bibliográficas objetivas. La estructura de este tipo de investigación se formó en la relación entre los investigadores y las materias investigadas (alumnos de sexto año de primaria), frente a acciones educativas, como problemas y la aplicación de una secuencia docente. El apoyo teórico se basó en la revisión bibliográfica de la Base Curricular Común (BRAZIL, 2017), sobre los conceptos de ciencia geográfica como lugar, paisaje, ciudad, red, globalización, espacio geográfico y aproximación con el método de complejidad. Esta investigación ha hecho posibles reflexiones y diálogos relacionados con la enseñanza de la geografía, entendiendo que el valor del estudio de la ciudad es facilitar la comprensión del espacio geográfico en su complejidad, aunque provisionalmente.

Palabras-clave: Enseñanza de la Geografía. Lugar. Complejidad. Geografía de las Ciudades. Cachoeirinha/RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização de Cachoeirinha/RS	41
Figura 2 - Imagem de satélite com localização de Cachoeirinha/RS	45
Figura 3 - Vista aérea da cidade a partir da ponte.....	45
Figura 4 - Vista área da Avenida Flores da Cunha	46
Figura 5 - Localização do “Mato do Júlio”	46
Figura 6 - Vista área do “Mato do Júlio” – Em destaque a Casa da família Batista ..	47
Figura 7 - Mapa com localização da escola	53
Figura 8 - Representação feita por um aluno com as modificações da paisagem Atividade 1	62
Figura 9 - Representação da atividade 1 realizada por um aluno – concentrada na ponte.....	63
Figura 10 - História contada por um aluno referente a atividade 2	67
Figura 11 - Imagens antigas da cidade	76
Figura 12 - Respostas aos questionamentos referentes a atividade 5	77
Figura 13 - Folder produzido pelo aluno referente a atividade 6.....	84
Quadro 1 - Descrição dos princípios do raciocínio geográfico	36
Quadro 2 - A BNCC e currículo	38
Quadro 3 - Esquema da Sequência didática	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CME	Conselho Municipal de Educação
CTG	Centro Tradicional Gaúcho
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
OMS	Organização Mundial da Saúde
POA	Porto Alegre
RS	Rio Grande do Sul
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS	14
2.1 A Complexidade nos auxilia a percorrer essa estrada.....	15
2.2 Pesquisa Qualitativa	19
2.2.1 Procedimento metodológicos	20
3 REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1 CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA	22
3.1.1 A cidade	33
3.1.2 A cidade, o currículo e a BNCC	35
3.2 QUE LUGAR É ESSE NESSA ESTRADA?.....	41
3.2.1 Conhecendo a história do lugar para compreender as suas especificidades	42
4 AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS	48
4.1 CONTEXTUALIZANDO O ANO DE 2020.....	56
4.2 Imagine só como seria... ..	58
4.3 Vamos contar essa história?	64
4.4 Então foi assim?.....	68
4.5 E Cachoeirinha/RS se parece com Sitolândia ou não?	71
4.6 E antigamente essa estrada era assim... ..	75
4.7 A cidade de Cachoeirinha/RS na rota turística	77
5 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	99
APÊNDICE A – ATIVIDADES OPORTUNIZADAS, NÃO ANALISADAS NA PESQUISA	100
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	118
APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA (TAPC).....	120
APENDICE D – APRESENTAÇÃO PROJETADA AOS ALUNOS DURANTE ENCONTRO ONLINE	138
APENDICE E – IMAGENS DE CACHOEIRINHA/RS EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS.....	145

1 INTRODUÇÃO

Percorrendo a estrada... ¹

Este estudo está vinculado à área de Ensino de Geografia e tem como tema de pesquisa compreender como o trabalho de Geografia, que valoriza a cidade, favorece a compreensão do espaço geográfico em sua complexidade. Para tanto, busquei dialogar com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola localizada na cidade de Cachoeirinha, Rio Grande do Sul (RS), a fim de buscar repostas, mesmo que provisórias, para algumas inquietações. A fim de contextualizar as dúvidas e anseios existentes, discorri sobre a estrada que percorro até o presente momento.

Desde a tenra idade, eu me enxergava como professora. Aos quatro anos, expressei esse desejo à minha mãe e, aos 23 anos, graduei-me no referido curso. A primeira inscrição para o vestibular, ainda sem ter a conclusão do Ensino Médio, foi para a faculdade de Pedagogia, mas, no terceiro ano do Ensino Médio, encantei-me por uma disciplina que me fazia pensar que eu era capaz de mudar o mundo, a Geografia, através de aulas desafiadoras e instigantes de uma professora. Foi naquele ano do Ensino Médio que quis começar a ver o mundo por meio dessa ciência, a fim de poder ensiná-lo aos outros a partir desse olhar. As problematizações e o brilho nos olhos da professora, que instigavam os alunos a perceberem que o mundo confuso poderia ser encarado por outros ângulos, que poderia ser caminho para a liberdade e para a autonomia de práticas e pensamentos, fizeram-me escolher o curso de Geografia e minha profissão. Casei-me em 2004, mesmo ano em que iniciei a faculdade de Geografia.

Comecei a ministrar aulas no ano de 2006, em duas escolas da rede estadual de ensino, na zona norte de Porto Alegre, porém, um ano depois, optei por permanecer no turno integral em apenas uma das escolas, trabalhando perto de casa, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Essa faixa etária sempre me encantou, pois, na certeza de poder e ser capaz de mudar o mundo, entendia que esses alunos ainda têm dúvidas sobre a forma de ver o mundo.

Permaneci, por quase três anos nessa escola, até ser nomeada ao cargo de professora de Geografia no município de Alvorada/RS e ter minha primeira filha. No

¹ Utiliza-se a terminologia estrada em analogia ao surgimento de Cachoeirinha/RS, que se deu ao longo de uma estrada, como será apresentado no decorrer deste estudo.

ano de 2011, troquei o município de Alvorada pelo de Cachoeirinha/RS, onde permaneço como professora dos sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental. Em 2013, nossa família aumentou, com a chegada de nossa segunda filha.

Há alguns anos, comecei a questionar minhas práticas e a pensar sobre o porquê de eu não acreditar mais que, a partir das aulas, eu poderia mudar o mundo.

Em uma dessas manhãs de planejamento da escola, fomos convidados a pensar em um projeto para o ano letivo, que contemplasse os 20 anos da escola. Como apresentar aos alunos o caminho trilhado pela escola e sua comunidade escolar? Como engaja-los nesta descoberta? Essas e muitas outras dúvidas pairavam no ar, quando, nos grupos formados para o planejamento, questionei uma colega, que mora na cidade e trabalha na escola desde sua fundação, qual a origem do nome do bairro, Parque da Matriz. Ela, sem jeito, disse que não sabia.

Imediatamente, uma lembrança de infância veio em minha memória. Por volta de meus 11/12 anos, quando minha mãe, na luta comunitária por moradia digna, solicitou ajuda para construir uma maquete do local onde morávamos, o Parque dos Mayas, na zona norte de Porto Alegre. Lembro de meu irmão mais velho fazer essa mesma pergunta à minha mãe, qual a origem do nome do bairro, ela não soube responder. Até hoje, mesmo com diversos recursos tecnológicos, possibilidades de consulta à prefeitura e aos órgãos municipais, ainda não temos a resposta... Toda essa história, fez-me repensar a prática que venho aplicando em sala de aula. Como eu, professora de geografia, contribuía para que os alunos conhecessem a história de seu bairro, de sua cidade e, conseqüentemente sua própria história?

Fiquei incomodada com o que estava fazendo, mesmo após concluir uma especialização² e alguns cursos de extensão e aperfeiçoamento. Por indicação de um amigo, cursei, como aluna especial, uma disciplina³ ligada ao ensino de Geografia, a fim de obter 'novo gás'. Senti-me viva outra vez. Era bom voltar a pensar em questões cotidianas de sala de aula com outro olhar, ouvir que não é necessário ter certezas absolutas e lembrar que as dúvidas nos levam ao recomeçar, à reflexão. Envolver-me novamente com a Geografia por diferentes olhares, de colegas e professores, que, na certeza da dúvida, fizeram-me acreditar, mais uma vez, que eu podia igualmente ser uma pessoa e uma profissional melhor. Decidi que era hora de não ter mais medo de

² Especialização em Educação (O ensino da Geografia e da História: saberes e fazeres na contemporaneidade), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ O pós-estruturalismo no ensino de Geografia: Contribuições de Foucault e Morin (Posgea/UFRGS)

errar, de tentar, de crescer e melhorar. Inscrevi-me no processo seletivo do mestrado e aqui estou, tendo a oportunidade de vivenciar experiências e aprendizagens enriquecedoras.

Pensando nessa trajetória, nos alunos que por mim passam todos os anos e na forma como ministro minhas aulas, percebi que pouco avançava em relação a cidade em que trabalho. Pouco conversava ou questionava sobre Cachoeirinha/RS, a sua formação territorial e o quanto esse conhecimento era importante para a construção de sentimentos de pertencimento, para ajudar os alunos a compreenderem a complexidade de seu lugar. Vivemos em um mundo confuso e confusamente percebido, já dizia Milton Santos (2008). Mas, essa confusão é ruim? É possível ver um mundo sob outras lentes? Como fazer isso em sala de aula? Ou melhor, como mostrar aos alunos⁴ que existem diferentes formas de ver o mundo? Talvez fazendo-os perceber que o mundo é (des)organizado, segundo alguns padrões, e que compreender essa (des)organização dá mais sentido à vida e torna a aprendizagem mais significativa. Como professores, temos de buscar trabalhar dessa forma em sala de aula. Mas, como?

Atentando a estes questionamentos, inicia-se esta jornada, percorrendo a estrada do conhecimento geográfico que busca relacionar o estudo de Geografia ao lugar e a cidade dos educandos e assim compreender como o trabalho de Geografia, que valoriza a cidade, favorece a compreensão do espaço geográfico em sua complexidade. A partir desta inquietude inicial, elaborou-se o objetivo geral que pretendeu compreender como o ensino de Geografia, a partir do estudo da cidade, pode favorecer o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade. Como auxiliares nessa tarefa, elenca-se os seguintes objetivos específicos: I. compreender como os alunos se relacionam com a cidade, tomando como estudo de caso a cidade de Cachoeirinha/RS; II. mostrar, a partir das especificidades constituídas pelos estudantes, o que está ausente nos currículos escolares e que precisam emergir, em sala de aula, mediante os conceitos e temas trabalhados pelo ensino de Geografia; e III. construir propostas pedagógicas para ler e entender o lugar, a cidade e, conseqüentemente, o mundo.

⁴ Optou-se por utilizar o vocábulo aluno em detrimento ao aluno(a) por acreditar que este exerce maior fluência à leitura do texto. Ressalta-se que se reconhece a importância da discussão e da desnaturalização da escrita nos termos de gênero masculino, compreendendo também a importância dos estudos relacionados às questões de gêneros e sexualidade na educação.

Esta pesquisa se justifica por problematizar situações cotidianas, buscando possibilidades de construir diferentes significações de seu lugar aos estudantes, auxiliando-os na construção de cidadãos com competências, mesmo que provisórias, para fazerem sua própria tradução do contexto em que estão inseridos, tendo mais autonomia e confiança para lidar com situações cotidianas, compreendendo-as como dinâmicas e provisória, possivelmente transformando o olhar destes estudantes e professores, cidadãos e gestores que se instiguem a pensar a partir dela. Assim, elege-se a escola de atuação da pesquisadora como local de análise, diálogo e prática deste estudo, pois ele nos parece ser local propício para unir teoria e prática, em benefício de todos os agentes envolvidos.

Nessa perspectiva, esta pesquisa está organizada em três seções, além desta breve introdução e das considerações finais. A primeira seção situa a lente pela qual enxergamos, atualmente, o mundo; traz a Complexidade como base de nossos estudos, propondo mostrar como ela auxiliará a percorrer a estrada do conhecimento geográfico em sua subseção 'A Complexidade nos ajuda a percorrer essa estrada'. Nas demais subseções, apresenta-se o porquê da escolha de uma pesquisa qualitativa como forma de trabalho, os procedimentos metodológicos utilizados e os sujeitos que percorreram a estrada conosco.

A segunda seção discorre sobre o referencial teórico, que expõe conceitos-chave para a geografia, revisitando-os, a fim de melhor estruturar e contextualizar nossa pesquisa. Analisa-se o conceito de cidade, apresentando Cachoeirinha/RS, de modo a perceber sua história, como se deu sua formação territorial e suas especificidades. E a terceira seção sugere uma sequência didática, que, neste momento, julga-se apropriada para o desenvolvimento de um trabalho com os educandos, que valorize seu lugar, contextualize o texto ao seu contexto e os auxilie a construir sua própria tradução do mundo, compreendendo, a partir de habilidades e competências desenvolvidas, o espaço geográfico em sua complexidade.

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Nesta seção, delinea-se as questões ligadas ao método e à metodologia utilizados na pesquisa. Entendendo o método como o olhar que guia esta caminhada, busca-se, na Complexidade de Morin, a lente que leva a uma nova percepção de mundo, mesmo que provisória. Utiliza-se a pesquisa qualitativa como metodologia, por se acreditar que ela permite a interação entre pesquisador e pesquisado, enriquecendo a compreensão sobre o objeto estudado.

2.1 A COMPLEXIDADE NOS AUXILIA A PERCORRER ESSA ESTRADA

Para percorrer a estrada, deve-se dar o primeiro passo! Sabe-se que esse caminho será, possivelmente, repleto de dúvidas e incertezas, permitindo que se inicie uma jornada rumo ao desconhecido. Ao trilhar a estrada do conhecimento geográfico, considerando Cachoeirinha/RS como possibilidade para compreender o mundo, entende-se que o final dessa estrada pode nunca chegar. A certeza, para onde leva? A uma zona de conforto que faz querer ficar, criar raízes e se acomodar com o que se tem. Essa não é mais à vontade, não se quer mais certezas absolutas, mas verdades provisórias que impulsionem o sonhar e o querer mais. Por isso acredita-se, neste momento, que a Complexidade pode ser a parceira de percurso, fazendo com que essa estrada bifurque em muitos porquês, muitas opções e muitos outros caminhos a percorrer.

Mas o que se considera complexo? Morin (2011a) diz que é o que foi tecido junto, trazendo a importância de religar e não dissociar os objetos das ações e de seu contexto. Pensa-se que a dúvida oportuniza pensar o contexto do texto e ajuda a reconectar o conhecimento ao todo. Castrogiovanni (2011, p. 35) auxilia nessa compreensão ao dizer que:

Devemos, enquanto professores, prever o religar dos conhecimentos a partir das dúvidas e das verdades provisórias. Cada sujeito tem sua história; portanto, uma possibilidade única de escolher e inovar. A escola necessita dar espaço para que a lógica da vida possa entrar e fazer parte dela.

Assim, pensa-se que, se cada sujeito tem sua história e ela também se desenrola dentro do contexto da cidade, logo, seria interessante conversar sobre ela, pensá-la, problematizá-la, para entender o mundo, trazendo a vida cotidiana para dentro da escola.

Em seu livro intitulado “Os sete saberes necessários para a educação do futuro”, Morin (2011a) sugere que, para o conhecimento ser pertinente, a educação deverá se tornar o contexto, o global, o multidimensional e o complexo evidentes. Cogita-se que, por meio de propostas pedagógicas, que tragam a realidade do aluno para dentro da sala de aula, pode-se evidenciá-los em nossa prática educativa. Ao trazer a história da cidade de Cachoeirinha/RS, questionando sobre sua formação territorial, sobre suas formas, funções, estruturas e processos, e ainda sobre os signos

e os significados que ela tem, pode-se refletir sobre o contexto. Morin (2011a, p. 35) reforça que:

Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular, contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que, ao mesmo tempo, faz parte dele.

Ao conhecer a cidade, busca-se ligar o todo às partes, trazendo questionamentos que façam pensar que as coisas são causas e causadoras. Assim ocorre em Cachoeirinha/RS, no mundo, nas relações interpessoais, na vida. Essas relações ocorrem de modo multidimensional, já que tudo está inter-relacionado. Pode-se questionar as relações que se estabeleceram no passado entre as cidades, que interesses levaram à divisão dos territórios, porque alguns territórios perderam espaços para outros, que razões levaram a cidade a ser constituída ao longo de uma estrada, que importância isso teve e ainda tem hoje. Acredita-se que essas ponderações auxiliarão os alunos a refletirem sobre o caráter multidimensional das organizações. E, nesse sentido, cogitarão a complexidade do mundo, analisando fatos e situações que ocorrem nesta parte do todo, percebendo que estão interligadas.

Entendendo a necessidade de um pensamento que une, a fim de evitar a simplificação, Morin (2007) desperta a questão da importância de dialogar com o cotidiano e o quanto este mostra a multiplicidade dos sujeitos. O autor alerta que quando os romances começaram a ceder lugar para o cientificismo, perde-se um pouco da arte de pensar o complexo, já que tudo foi simplificado, especializado. Que tal romancear a cidade, trazer histórias cotidianas para compreender o espaço geográfico? A Geografia parece mais interessante sob-está ótica. Busca-se, com o estudo da cidade, compreender o sujeito no mundo, entendendo este ser complexo que traz a si e aos outros para o centro do Universo (MORIN, 2007).

A complexidade permite buscar novas concepções, desperta nos sujeitos⁵ alunos e nos professores um novo olhar, que busca compreender sem limitar, criar a cada dia uma nova compreensão do mundo. No diálogo com a cidade, entre o que ela foi e o que é, é possível começar a compreender o lugar (de todos). Ao perceber que a cidade produz sujeitos e que estes produzem a cidade, nota-se a repercussão

⁵ Entendendo o sujeito como um ser multifacetado e em constante construção, que emerge com o próprio mundo, conforme Morin (2002).

organizacional presente no espaço (MORIN, 2007). Quando se entende que as mudanças ocorridas ao longo da história de Cachoeirinha/RS ocorreram devido às necessidades da sociedade e que estas serviam aos interesses de quem tinha mais poder em significar (LEFEBVRE, 2001), percebe-se a retroalimentação do sistema. Ao analisar essas ações, nota-se as diferentes visões que cada sujeito tem de uma parte do todo e deste nas partes. Cachoeirinha/RS possui características da sociedade e do indivíduo, e essas percepções são diferentes entre si, pois se retroalimentam, enriquecem o conhecimento de que o todo não é a simples soma das partes (MORIN, 2002).

Morin (2007) afirma que, desde a infância, a sociedade está presente, primeiramente nos costumes e hábitos aprendidos em família; após na modificação desses devido ao contato com a escola e com a cultura social. Como um morador de Cachoeirinha/RS se reconhece no mundo, dentro da cidade e a cidade no mundo? Conhecer a cidade parece, neste momento, saber ligar os saberes, sociais e individuais, e lhes dar sentido, concordando com Morin (2002, p. 37), que pontua ser importante “[...] conhecer o humano não separá-lo do Universo, mas situá-lo nele”. Quando se pensa, por exemplo, no nome da cidade, entende-se o texto em seu contexto e se situa o eu no universo.

Pode-se ir além, indagando o porquê de a cachoeirinha que deu nome à cidade não existir mais hoje. Afinal, por que ela foi dinamitada? Que interesses estavam por trás desse fato? Trouxeram benefícios para a sociedade local, ou não? Fez parte de interesse(s) maior(es)? Quais? A ideia é auxiliar os alunos a construir sua consciência cidadã, solidária, contraditória e responsável; a racionalidade aberta, que aceita argumentações, reflete e, se necessário, muda (MORIN, 2007; 2011), enfim, é fundamental ter a “cabeça bem-feita” (MORIN, 2002, p. 21). Acredita-se que, ao se sentirem cidadãos, os alunos poderão compreender, ainda que provisoriamente, o espaço geográfico e, conseqüentemente, o mundo. Destarte, assume-se a Complexidade como caminho para análise do objeto pesquisado. Entre seus sete Princípios norteadores, destaca-se três, os quais, entende-se, são mais pertinentes aos objetivos deste estudo.

- a) Princípio sistêmico ou organizacional: é possível compreender a cidade de Cachoeirinha/RS sem entender a sua história e sua formação geográfica? É possível compreender o mundo sem compreender o seu lugar neste mundo? Segundo esse princípio, não, pois ele considera ser impossível conhecer o

todo sem as partes e sem considerar que o todo não é apenas a soma das partes (MORIN, 2002), uma vez que a história desse lugar não está dissociada do contexto que a envolve e dos personagens que a tornam viva e dinâmica;

- b) Princípio “holográfico”: nas entrelinhas de Cachoeirinha/RS, encontra-se as partes que o ligam ao todo, assim como em um holograma que contém singularidades e pluralidades dependendo da forma que é visualizado? Este princípio evidencia que sim, já que “põe em evidência este aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte” (MORIN, 2002, p. 94). O holograma permite ver o mundo de diferentes formas, e entender o lugar permite fazer leituras de mundo, de modo que o trabalho dos professores deve ser caminhar com os alunos nessa estrada; e
- c) Princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento: pode-se restaurar o sujeito e o levar a fazer conexões com diferentes partes e elementos de seu dia a dia, para auxiliá-lo a compreender o mundo? Como se faz isso utilizando a cidade de Cachoeirinha/RS? Talvez, buscando mostrar que todo o conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por alguém, em determinada época, e que essa tradução pode ser questionada se existir o conhecimento de que o todo se liga às partes. Esse princípio permite evidenciar, mesmo que provisoriamente, que o conhecimento da cidade pode conduzir a uma reconstrução do pensamento e a uma melhor estruturação da tradução feita pelos alunos sobre o lugar onde vivem e sobre sua própria existência. Essa reconstrução/tradução permite compreender a complexidade do mundo e também sua beleza.

Tendo apontado esses Princípios, outro conceito central para a condução desta pesquisa é a noção de sujeito inscrita em Morin (2002). “É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades” (MORIN, 2002, p. 128). Para o autor, o sujeito é um ser múltiplo, em constante transformação, complexo. Assume-se, desta forma, a Complexidade como caminho para análise do objeto pesquisado, pois ela permite, por meio da dúvida e de inúmeras possibilidades, que este sujeito múltiplo e complexo compreenda, mesmo que provisoriamente, seu lugar no mundo.

2.2 PESQUISA QUALITATIVA

A fim de alcançar o objetivo proposto, utiliza-se uma abordagem qualitativa para auxiliar e se prepara o estudo a partir das análises realizadas no ambiente escolar pesquisado, já que “[...] a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Pensa-se que compreender o contexto auxilia os alunos a entenderem a complexidade do mundo:

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 33).

Partindo da associação entre pesquisa e fazer pedagógico, elaborou-se alternativas que auxiliem os alunos a compreenderem sua cidade e sua complexidade, pelas relações que se estabelecem com seu lugar. Dentre as diferentes formas de realizar uma pesquisa qualitativa, defende-se que a pesquisa participante é a que mais se adequa à obtenção dos objetivos, já que permite a interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados. Flick (2013) elucida que o pesquisador mergulha de cabeça no campo, observando através de sua perspectiva de membro, mas também de influenciador, haja vista participa ativamente do processo.

Intenciona-se alcançar a participação e a interação dos alunos, a fim de compreender como se relacionam com a sua cidade e para auxiliá-los na compreensão de sua complexidade. Castrogiovanni (2011, p. 34) complementa:

[...] a escola deve reaprender a complexidade, pois, para reconhecer, é preciso já conhecer. Para conhecer é preciso selecionar, religar, dar sentido, auto-organizar-se, é preciso ver a parte como todo e o todo mais do que a soma das partes, podendo ser, ainda, uma parte provisoriamente compreendida. Devemos aprender a ser sábios.

É preciso reaprender a ensinar, repensar os conceitos e religá-los ao todo. Pensa-se que esse repensar favorece o trabalho conjunto entre pesquisador e sujeitos envolvidos e que esta troca possa, talvez, auxiliar na compreensão do mundo.

2.2.1 Procedimento metodológicos

Com o intuito de alcançar o objetivo principal, que consiste em compreender como o ensino de Geografia, a partir do estudo da cidade, pode favorecer o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade, fez-se diferentes leituras de diversos autores e se realizou entrevistas com professores de Geografia de Cachoeirinha/RS, assim como foram elaboradas atividades pedagógicas. Essas aconteceram ao longo do ano letivo de 2020, em uma escola localizada na cidade de Cachoeirinha/RS, local de atuação profissional da pesquisadora. Devido ao momento que se vive⁶, o material das atividades foi enviado via e-mail, com vídeos gravados pela professora-pesquisadora e a interação se deu por meio de plataformas digitais. A utilização da *internet* foi primordial para o desenrolar das tarefas educacionais, não sendo somente um objeto, mas também uma ferramenta de pesquisa (FLICK, 2013).

A coleta de dados se deu a partir da revisão bibliográfica, da proposta curricular da cidade, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das entrevistas via email, com professores da rede de ensino de Cachoeirinha/RS. Optou-se pela entrevista neste formato, porque explica Triviños (1987, p. 146) que é “[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Devido a problemas enfrentados pelo contexto pandêmico, ficou-se impossibilitado de realizar a entrevista de maneira presencial. Os sujeitos professores não se sentiram à vontade para realizar um encontro *online*, por isso se usou o *e-mail* como modo de contato. Entende-se que a proposta se aproxima mais de uma entrevista *online*⁷ (FLICK, 2018), pois ocorreu com a troca de *e-mails* entre entrevistador e entrevistados. Segundo FLICK (2018, p. 243), neste método “[...] a espontaneidade da troca é substituída pela reflexividade das trocas escrita [...]”, percebe-se isso nas

⁶ No ano de 2020, o mundo foi surpreendido por uma pandemia ocasionada pelo coronavírus que causa a doença Covid-19. Foi decretado o distanciamento social, a utilização de máscara, além da mudança e da adesão de novos hábitos de higiene, como lavar as mãos com maior frequência. Muitos estabelecimentos foram fechados, como as escolas, a fim de frear a circulação do vírus e reduzir o número de infectados.

⁷ Seguimos as diretrizes constantes na Resolução 520/2016 do CNS e o Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS seguindo todos os preceitos da ética na pesquisa, a fim de preservar e resguarda todos os envolvidos, realizando os devidos esclarecimentos referentes a sua participação na mesma.

respostas dos entrevistados, como se apresenta no decorrer desta pesquisa.

A Triangulação, por sua vez, é entendida como uma forma de descrever, explicar e compreender o fenômeno estudado dentro de seu contexto (TRIVIÑOS, 1987). Assim, analisando a proposta curricular da cidade e as respostas das entrevistas, combinadas com a reflexão da pesquisadora, averiguou-se o fenômeno em seu contexto, de modo a desenvolver uma teoria que explique a questão desta pesquisa. Entendendo os procedimentos metodológicos a serem empregados neste estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, revisita-se alguns conceitos pertinentes à Geografia e ao ensino, por meio da revisão bibliográfica, que são importantes, neste momento. Entende-se é preciso ter clareza deles, para que se possa desenvolver esta pesquisa.

3.1 CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA

Conceito-chave da Geografia, o Espaço Geográfico, deve ser entendido como a instância do real, o local de ação e tudo que está ao redor. Sendo “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2009, p. 21), é preciso aprender a não dissociar as partes ao trabalhá-lo com os alunos. Assim, o lugar aparece como um de seus conceitos de análise, que ajuda a explicar a dinâmica desse mundo confuso (SANTOS, 2008). Para conhecer o lugar, utiliza-se a paisagem como ‘porta e entrada’ e, a partir dela, analisa-se, imaginam-se e se interage com o espaço.

Para Santos (2009, p. 103) a paisagem é “a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”, sendo composta por diferentes elementos. Cavalcanti (2012, p. 66) partilha desta ideia ao afirmar que “paisagem é o conjunto formado por objetos e sua disposição, pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos”. Entende-se, destarte, que com a paisagem se conhece o local e, posteriormente, o global.

Esse local se liga aos demais pelas redes que se fazem presentes e que auxiliam as partes e o todo a manterem a sua conexão. Além disso, une a todos a um todo globalizado, arquitetado, para vencer a diferença e homogeneizar o que se fizer à frente. Mas, será possível homogeneizar um planeta tão diverso, ou não? O lugar vai impondo as suas singularidades às misturas operadas por forças externas. A hibridação ocorre ao se transformar algo que parecia acabado, criando esse todo complexo que se retroalimenta e se reinventa a partir das relações cotidianas, as quais se evidenciam todos os dias nos espaços de luta existentes. Castrogiovanni (2000, p. 15) salienta que:

Cada lugar é sempre uma fração do espaço totalidade e dos diferentes tempos, portanto, na busca da compreensão dos lugares há necessariamente o trânsito pela totalidade. A ideia de lugar está associada à imagem da

significação, do sentimento, da representação para o aluno. O lugar é formado por uma identidade, portanto o estudo dos lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem, com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem.

Como Cachoeirinha/RS se liga a outros lugares? Como se pode compreender suas singularidades dentro da totalidade? Refletindo sobre a história de formação territorial da cidade, acredita-se que se consegue auxiliar os alunos nessa percepção. Ao analisar o passado e o presente, reflete-se sobre os significados, sentimentos e representações existentes nos diferentes tempos históricos, favorecendo, talvez, o sentimento de identificação com a cidade. Analisando as imagens antigas e as atuais de Cachoeirinha/RS, discutindo as formas, funções, processos e estruturas que envolveram e envolvem a construção de seu lugar, pode-se ir além do superficial e buscar o que não é dito, nem está escrito. Considera-se que a cidade é formada por singularidades que permeiam a totalidade, que estão impregnadas de signos e diversas identidades.

A identidade, segundo Hall (2003), é multifacetada e está em permanente construção. Esse conceito se aproxima do que Morin (2002) entende por sujeito, composto por inúmeras partes e que está em constante transformação. Na reflexão sobre esse sujeito, percebe-se que esta identidade multifacetada, esse sujeito múltiplo e complexo está intimamente ligado a um território. Este é a porção do espaço dominada pelo poder, sendo este de natureza material e simbólica (HAESBAERT, 2003). Evidencia-se, assim, a questão levantada por Haesbaert (2003), em que a identidade e território estão intrinsecamente ligados, pois, é pela identidade que se constrói no território que se criam as territorialidades, ou seja, sua forma de ser e estar, social e culturalmente, dentro desse território compartilhado e mediado por relações de poder.

A ideia de territorialidade parte da apropriação, da percepção, da participação que se tem no território. Se ela aparece a partir desta percepção⁸ é porque ocorreu uma subjetivação deste território, constituindo sua identidade. Esta vai sendo moldada, modificada e transformada mediante intenção e sensação de pertencer ao grupo, dentro de um dado território. Por estar repleto de valores culturais, o sentimento de pertencimento de cada indivíduo faz parte do território, deixando assim

⁸ Entendendo o conceito segundo Piaget como sendo uma experiência diversa que envolve a exploração, reorganização, esquematização, transporte e antecipação (ELKIND, 1972).

entrelaçados os conceitos de identidade e territorialidade, partindo da sensação de pertencimento que se tem dentro de um dado território, mesmo que este não esteja materializado no espaço.

Morin (2002) ajuda na compreensão dessa dinâmica, quando indica que cada ponto contém a quase totalidade da informação que o objeto representa. Para esse autor, “[...] não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte. Assim cada célula é uma parte de um todo- um organismo global-, mas também o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual” (MORIN, 2002, p. 94).

Partindo do entendimento de que a Geografia “[...] alfabetiza para a leitura do mundo [...]” (COSTELLA; SCHÄFFER, 2012, p. 37), planejou-se, partindo-se do lugar Cachoeirinha/RS, uma sequência didática que buscou desenvolver os conceitos de espaço geográfico, território, paisagem e lugar junto aos alunos, efetivando essa alfabetização e a leitura do espaço por parte dos alunos.

Primeiramente, trabalhamos a leitura menos complexa do território, depois das organizações que constituem a territorialidade, chegando à paisagem. A seguir, ampliamos a textura da nossa reflexão, abordando a importância do conceito de lugar para que o aluno possa compreender a Geografia como ciência dinâmica e comprometida com a mudança de comportamento (COSTELLA; SCHÄFFER, 2012, p. 53).

Ao estudar sobre a história da cidade, como o território surgiu, introduz-se essa leitura menos complexa, pretendendo fazer com que surjam ideias de diferentes territorialidades. A análise de diferentes imagens de Cachoeirinha/RS, em anos distintos, oportunizara um passeio por este território, conhecendo diferentes paisagens, que, certamente, lhes trouxe dúvidas e curiosidades sobre a importância desses espaços e porque eles foram modificados, levando-os a criar hipóteses para tentarem explicá-las. Assim, o conceito de lugar vai surgindo, podendo ser mais bem compreendido pelos alunos. Outras relações podem ser desenhadas, como a ideia de que Cachoeirinha/RS se liga ao todo a partir das redes, logo, pode-se fazer sua leitura de diferentes formas, partindo-se do ponto de observação.

Um morador do bairro da escola tem uma visão da cidade diferente de quem vive nas regiões centrais, por exemplo, e essas percepções se diferem de quem vive nos condomínios ou nas áreas de ocupação irregular, pois cada um entende o todo a partir de seu local, de onde está inserido, de sua leitura de mundo de suas

representações, mesmo todos sendo habitantes da mesma cidade. Não seria interessante fazer essa reflexão com os alunos? Por que moradores de uma mesma cidade a enxergam de maneiras tão diferentes?

Quando se propõe questionar a origem do lugar em que se vive e o modo como ele chegou a ser o que é, tem-se a oportunidade de relacionar os conceitos, de mostrar as diferentes escalas e interpretações que se pode fazer a partir dele. Nas práticas pedagógicas, nota-se que muitos alunos sequer sabiam onde o seu município se localizava no mapa, não conheciam a sua história, a sua origem, as suas raízes. Esse desconhecimento parecia, muitas vezes, gerar sentimentos de desprezo para com o lugar. Como diz um ditado popular: “o jardim do outro sempre parece mais florido do que o nosso”. Ao tentar situá-los no espaço geográfico e na história de Cachoeirinha/RS, parecia que estavam em outro mundo, distante da realidade e dissociados do todo, o que causa grande preocupação, levando a repensar algumas práticas para buscar outras formas de lhes mostrar que o todo não está separado das partes, e que a soma das partes representa mais que o todo (MORIN, 2002).

Explorava-se alguns caminhos, mas era preciso voltar à essência do que é ser um professor, sem renunciar à inquietude e de ser um pesquisador. Por inúmeros motivos e pelas atribuições do dia a dia, as aulas, muitas vezes, se tornam o ‘mais do mesmo’. Por se ter tanta convicção do que se sabe, é fácil não se dar conta de que o que se tem conhecimento é insuficiente e provisório ou não? Como aponta Freire (2018, p. 30-31):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Nessa busca, surge a dúvida, que é importante nesse trilhar, pois abre caminhos, possibilidades e conexões, desorganiza e conduz à ordem e ao caos. Para percorrer a estrada da incerteza, busca-se no Paradigma da Complexidade, inscrito em Edgar Morin (2002), segundo o qual o complexo é algo que é tecido junto e não como algo difícil, como frequentemente o termo é empregado pelo senso comum.

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o

econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si (MORIN, 2011^a, p. 36).

Complexus, o que é tecido junto, caracteriza também o espaço geográfico. A definição do conceito abordada nesta pesquisa é a desenvolvida por Milton Santos (2009, p. 63), que trata o Espaço Geográfico como “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, pois se entende que a análise dos processos e dos resultados pode dar conta da sua multiplicidade e diversidade e das situações que o envolvem e estão envolvidas no lugar.

O modo como o espaço está organizado reflete as diferentes maneiras de como os seres que o habitam vivem e se relacionam. Além disso, explicitam as diferentes necessidades e possibilidades e os anseios de uma determinada comunidade. Por isso, a tentativa de entender como ocorre essa dinâmica permite estabelecer uma conexão entre diferentes lugares, que são as partes e o todo, que é o Espaço Geográfico. Castrogiovanni (2011, p. 34) pontua:

O movimento de ensinar geografia parece ter que a partir da análise histórica do espaço geográfico, esse que é o espaço das mulheres, dos homens e dos demais elementos da natureza. Isto significa compreendê-lo pela sua gênese e conteúdo, não apenas pela aparência ou forma. Quer dizer compreendermos o passado à luz do presente e o presente em função das transformações sociais, de um novo futuro.

Acredita-se que é preciso compreender o espaço, o local de vivências, das histórias de vida; visitar o passado para quem sabe, planejar um futuro diferente, para compreender a própria participação nesse espaço. Com este olhar, Santos (2009) buscou compreender a complexidade das relações existentes entre os seres humanos e o mundo à sua volta. O conceito de espaço geográfico foi elaborado partindo de uma ampla análise feita pelo pesquisador sobre as configurações espaciais que ocorreram com o fim da Segunda Guerra Mundial, uma vez que, dadas as enormes mudanças espaciais globais, não seria mais possível entendê-lo pelos paradigmas anteriores.

A Geografia crítica propõe que os processos que ocorreram no mundo não podem ser explicados se forem desassociados do tempo e das relações sociais, em diferentes escalas, já que, ao observar um local, é preciso perguntar como, por que, por quem e para quem eles estão organizados da maneira que estão. Mediante essa

corrente de pensamento, a Geografia passa a ser compreendida, por alguns, como uma ciência de caráter crítico e social, e não mais como um saber inútil e decorativo ensinado em escolas. É possível ensinar que o modo como a cidade de Cachoeirinha/RS existe e está organizado pode ser semelhante ao modo como outros lugares estão e que, apesar disso, esses espaços não são iguais, pois, ao mesmo tempo, são uno e múltiplos.

Trazendo à tona o objeto de estudo da ciência geográfica de forma mais clara, Milton Santos é considerado no Brasil e no mundo um dos expoentes de renovação da Geografia (FERNANDES, 2013). Entendendo o espaço geográfico como um todo complexo, suas ideias se aproximam daquelas trazidas pela teoria da Complexidade de Edgar Morin, o qual analisa o todo a partir das partes, sem dissociar as partes do todo. A partir dessa compreensão, averigua-se o espaço geográfico com outro olhar, analisando sua mudança ao longo dos diferentes tempos históricos. As técnicas⁹ também variam, já que fazem parte do todo complexo que forma esse sistema, e estão evidenciadas em cada lugar, o que facilita a análise das diferentes formas de apropriação e ordenamento espacial e, assim, auxiliar na compreensão do mundo, mesmo que provisoriamente.

Com o propósito de aproximar o conceito de espaço geográfico ao dia a dia da sala de aula, busca-se conhecimentos da história de Cachoeirinha/RS, fazendo com que os alunos compreendam que a formação de sua é muito semelhante à de outros lugares do globo, e que essa parte do espaço se conecta a esse todo complexo, que é o espaço geográfico.

Em conversa com os alunos sobre os seus hábitos, seus modos de se vestir e de se relacionar com os outros, tenta-se fazê-los verificar que muitos de seus costumes são observados e se manifestam também em outras realidades. Faz parte da ciência o ensino da criticidade e do pensamento reflexivo, que é capaz de juntar as partes e organizar os conhecimentos de forma articulada (MORIN, 2007). Nas palavras de Cavalcanti (1998), entende-se que a globalização é o fenômeno de eliminação de limites que afeta os países em múltiplos campos e, pelas afirmações de Santos (2009), compreende-se que não existe espaço global, mas espaços globalizados. A incerteza surge quando se pensa de que forma se deve agir e o que

⁹ Técnicas: entende-se esse conceito a partir de Santos (2009, p. 29), que pontua: “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço”.

se deve fazer para que os alunos compreendem esse contexto.

Se o mundo é um conjunto de possibilidades (SANTOS, 2009), que possibilidades se tem quando se trabalha com o local de vivência dos alunos? Que outras alternativas existem para que se compreenda a globalização além de seu próprio lugar? O que os modos de vida e costumes, a organização da cidade e os diferentes arranjos podem ensinar sobre o local e o global? Esses são questionamentos e reflexões importantes que levam à melhoria da prática pedagógica e valorização de ações.

A BNCC (BRASIL, 2017, p. 364) leva a pensar sobre como ensinar esse global (que está interligado ao local), quando assevera que o ensino de Geografia, nos Anos Finais, deve procurar:

[...] expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo. Dessa forma, o estudo da Geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social: a de cidadão ativo, democrático e solidário. Enfim, cidadãos produtos de sociedades localizadas em determinado tempo e espaço, mas também produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas.

Imagina-se que a tarefa dos professores seja oportunizar que os alunos se vejam como cidadãos, sujeitos locais e globais, que interagem e se relacionam com o uno e com o múltiplo, compreendendo que suas ações afetam o todo planetário (MORIN, 2011b). Assim, deve-se entender que os lugares não estão dispersos na malha espacial, mas conectados por sistemas técnicos, em um emaranhado de redes.

De forma ampla, compreende-se as redes como toda a forma de interligação ou comunicação entre diferentes partes de um todo. Elas podem ser materiais, como uma ferrovia ou rodovia; ou imateriais, como a *internet* ou as relações estabelecidas entre as pessoas de um mesmo local. Podem ser encaradas também como um conjunto de locais interligados ou conectados entre si (SANTOS; OLIVEIRA, 2019). Esse conceito tem ganhado importância nas últimas décadas, devido à forte conexão técnico científica. Corrêa (2011) diferencia rede social de rede geográfica: se considerar a rede com suas funções e hierarquias, ela é apenas social, mas, quando se localiza na esfera espacial, chama-se de rede geográfica. O autor ainda interliga esses conceitos ao propor que “[...] as redes geográficas são redes sociais especializadas” (CORRÊA, 2011, p. 200).

Ao longo do tempo, as redes foram utilizadas de diversas maneiras. Primeiramente, como forma de melhorar a vida de certo nicho da população, sem grande preocupação como o seu entorno, o que é perceptível quando se analisa o território que constitui a cidade de Cachoeirinha/RS: no início, só ligava um local a outro, segundo os interesses comerciais da época; depois começou a ligar certos locais a outros, conforme interesses e normas que a sustentavam. A partir da necessidade de apropriação de outros espaços, mais distantes e que atendessem as necessidades de alguns grupos, as redes se expandiram, unindo pontos de interesse.

As redes servem ao processo de globalização, uma vez que a expansão, agora, é orquestrada por agentes invisíveis que estabelecem ligações entre várias partes do globo em função de interesses mundiais, muitas vezes ligados ao mercado. Essa crítica à globalização perversa, que busca formar consumidores e não cidadãos (SANTOS, 2008), pode ser levantada e questionada através do lugar dos alunos e das relações que eles têm com este na cidade de Cachoeirinha/RS: o que difere o cidadão do consumidor? Em Cachoeirinha/RS, os alunos acreditam que estão mais próximos de qual substantivação? É uma pergunta que pode ser problematizada com os alunos.

Os lugares se conectam, se globalizam e se expandem, fornecendo, ao mesmo tempo, resistência a essas novas forças. Assim, “[...] a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo diversos modos de sua própria racionalidade” (SANTOS, 2009, p. 338). Deste modo, o local e o global se encontram no lugar e estão ligados a partir das redes (CORRÊA, 2009) que se estabelecem entre eles.

Cachoeirinha/RS nasceu ao redor de uma rodovia, uma rede, que ligava distintas partes do Brasil, seguindo o processo histórico por qual passou todo o sul do país, com a tentativa de catequização dos indígenas e sua escravização, com o reconhecimento e a instalação das sesmarias, com migrantes vindos da região de Laguna, com a instalação da Aldeia dos Anjos e com o adensamento populacional da região.

Uma grande área de terras ainda não loteada permanece no coração da cidade, conhecida pelos cidadãos como “Mato do Júlio”, mantendo viva, na memória dos habitantes, as histórias do início da formação de Cachoeirinha/RS. Essa área ainda está ali porque os agentes imobiliários envolvidos ainda permitem que ela esteja, como nos lembra Carlos Mattos (2006), que destaca o papel de grandes corporações

privadas na fragmentação do espaço, ressaltando que:

[...] en este escenario, diversos cambios incidieron en la organización y en el funcionamiento de la economía mundial, a medida que la propia dinámica de la globalización impulsaba la formación y consolidación de un espacio mundial, en el que el estado-nación cedió el paso a la empresa como actor principal central de los respectivos procesos de acumulación y crecimiento (MATTOS, 2006, p. 44)¹⁰.

Assim como Estados-Nações cedem espaços para corporações particulares, alguns municípios, como Cachoeirinha/RS, não ficam fora desse processo, já que configuram espaços envoltos pelo processo de globalização. Essa visão de dominação pelo mercado imobiliário é igualmente destacada por Abramo (2007, p. 44) quando salienta que:

A hipótese do trabalho que propomos afirma que o mercado, ao ser o principal mecanismo de hegemonia da coordenação das decisões de uso do solo, produz uma estrutura ou forma de cidade particular e característica da América Latina.

Como se pode explorar com os alunos a manutenção ou transformação de áreas dentro de sua cidade? Como explicar que os mecanismos que mantêm o “Mato do Júlio” ali estão além de uma análise superficial? Que outros espaços da cidade podem ser enquadrados no mesmo caso? Com vistas a refletir sobre essas questões, pensa-se na ideia de elaborar atividades didáticas onde os alunos possam caminhar; e visitar, de alguma forma, os espaços da cidade, explorando as possibilidades que ele lhes oferece, buscando alternativas de como aproveitar melhor e se apropriar dos espaços que ele disponibiliza aos seus cidadãos.

Observou-se, durante as aulas de Geografia, a dificuldade que os alunos têm em se colocar como cidadãos que conhecem seu lugar. Analisando essa questão, lembra-se quando, certa vez, ao solicitar que os alunos desenhassem o trajeto que fazem da casa até a escola, muitos não conseguiram realizá-la, pois não sabiam por onde passavam, já que muitos chegam à escola de carro e não tinham o hábito de visualizar o trajeto, ou, até mesmo, não se interessavam por ele. Solicitou-se que

¹⁰ “[...] nesse cenário, várias mudanças afetaram a organização e o funcionamento da economia mundial, pois a própria dinâmica da globalização impulsionou a formação e consolidação de um espaço mundial, no qual o Estado-nação produziu a transição para a empresa como principal ator central nos respectivos processos de acumulação e crescimento” (MATTOS, 2006, p. 44, tradução nossa).

olhassem com atenção da próxima vez e observassem algumas referências que pudessem ser importantes para sua localização. Mesmo assim, muitos tiveram dificuldades em realizar a tarefa. Isso causa inquietação, pois, durante as pesquisas, Gehl (2013) instigava a pensar em cidades caminháveis. Surgiu, então, a pergunta: Cachoeirinha/RS é caminhável, ou não? Por quê? Ou melhor, como proporcionar uma experiência que auxilie os alunos a perceberem a vida, o edifício e o planejamento, nesta ordem, como propõe Gehl (2013)? “[...] Infelizmente na maioria de cidades e empreendimentos, a conclusão é que a dimensão humana, está lamentavelmente, perdendo terreno” (GEHL, 2013, p. 196).

Quando se caminha, tem-se a oportunidade de observar e descobrir os locais, perceber nuances que não são notadas/percebidas no trajeto rápido dentro de um automóvel ou em cima de uma moto. Muitas vezes não se tem a oportunidade de questionar: isso sempre esteve aí ou não? Esse local foi sempre assim ou não? Como era antes? São perguntas distantes do dia a dia, mas importantes para a compreensão do mundo. Esses questionamentos fazem parte do processo de análise da paisagem, que permitem entender suas formas e funções, em diferentes contextos. Utilizando a estrutura adotada por Santos (2009), para análise do espaço geográfico, a forma, a função, a estrutura e o processo, associados às demais categorias de análise, proporcionam uma ampla discussão sobre a complexidade do estudo da cidade, Lobato Corrêa (2011, p. 01) elucida essa questão, salientando que:

As quatro categorias, argumenta Milton Santos, são indissociáveis entre si, interpenetrando se dialeticamente. Se considerarmos apenas cada uma isoladamente faremos uma análise incompleta, desprovida de sentido. Se considerarmos a estrutura e o processo faremos um estudo de história ou de história econômica, útil, no entanto, para os geógrafos, mas incapaz de abarcar a espacialidade humana. Se por outro lado considerarmos apenas a função e a forma faremos um estudo descritivo, classificatório, deixando de lado o tempo social: a sociedade e o seu movimento são excluídos. Ao se considerar apenas a estrutura e a forma eliminaremos as mediações e a possibilidade de entendimento da espacialidade humana. Ao considerarmos por sua vez, as categorias processo e função, realizaremos um estudo da natureza econômica útil, mas no qual a espacialidade humana está fora.

Ao se unir os processos de análise, verifica-se as especificidades evidenciadas no lugar e se compreende que o mundo pode ser visto de maneiras diferentes, como um holograma (MORIN, 2007) e, pode-se reintroduzir o conhecimento no todo do conhecimento (MORIN, 2007), trazendo, deste modo, os Princípios da Complexidade à vida cotidiana. Talvez seja possível oportunizar que os alunos compreendam os

processos que levam os lugares a se conectarem e como Cachoeirinha/RS está inserida nesse processo. Esse pensamento é evidenciado por Cavalcanti (1998, p. 24):

A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjunção desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de crianças e jovens na vida adulta, seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica.

Entende-se que, a partir do convívio e da aprendizagem do lugar, o ensino de Geografia se torna mais atraente e oportuniza grandes descobertas, as quais podem fazer com que os alunos se percebam como parte do todo e consigam, de maneira crítica, compreender seu papel nesse todo globalizado. Vive-se em rede, em um mundo complexo. Logo, é preciso aplicar, em sala de aula, propostas que possibilitem a lugarização, que, por sua vez, talvez levem à compreensão do mundo como uma totalidade. Concorda-se com Castrogiovanni (2007, p. 41) quando diz que:

O estudo do espaço geográfico deve considerar as noções e os conceitos já construídos, que envolvam a espacialidade e valorizar a formação da consciência territorial – sentimento de pertencer ao lugar, tão comumente adormecido em países como o Brasil. Deve interpretar as territorialidades dentro da complexidade e conhecer não apenas os elementos objetivos que compõem o espaço, mas valorizar as subjetividades e tentar entendê-las.

Ao descobrir e problematizar o que os alunos já sabem sobre seu o lugar, ao auxiliá-los na valorização de suas subjetividades, ao mostrar-lhes as combinações e relações existentes entre as diferentes partes do todo, tem-se em mãos diversos caminhos para tornar as aulas mais atrativas e desafiantes para todos os sujeitos envolvidos. Acredita-se que se está auxiliando-os perceber o conjunto indissociável de objetos e ações, as tensões, as forças e as diferenças presentes no seu lugar. Encontra-se, nas palavras de Morin (2002, p. 37), um alicerce que auxilia na compreensão do mundo “[...] todo o conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto. 'Quem somos?' é inseparável de 'Onde estamos, de onde viemos e para onde vamos’”.

Carlos (2007, p. 39) ajuda a pensar como o emprego de diferentes técnicas de

ensino pode colaborar com a aprendizagem, pois reforça a importância da memória para o resgate do lugar, ao afirmar que a memória é uma: “[...] possibilidade do resgate do lugar, revelando-o e dando uma outra dimensão para o tempo”. Da mesma forma, Castrogiovanni (2007, p. 43) salienta que “[...] mais do que nunca deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade e com as múltiplas aproximações: eles devem saber operar o espaço!”. Pensa-se que uma maneira interessante de trabalho seria através do seu próprio lugar, de sua produção e organização.

Ensinar não é uma tarefa fácil, conseguir despertar no aluno o desejo de querer aprender é um grande desafio que os professores têm. Muitos são os atrativos que desviam o olhar de interesse do aluno na escola. Por isso, fomentar neles esse desejo parece ser uma constante nas práticas educativas. Mas, como aproximar conceitos que parecem tão distantes de suas rotinas, como fazer com que compreendam que a Geografia está presente em seu dia a dia e em cada leitura que fazem do mundo? Essas inquietações forçam o repensar da forma de ensinar. Possivelmente mostrando essa ligação entre o local e o global, parece ser uma alternativa para auxiliar os alunos a compreenderem a complexidade do mundo, vendo o espaço geográfico como um livro a ser lido, interpretado e questionado, segundo suas próprias lentes, mesmo que provisoriamente ou não? “Assim, vimos no trabalho com a cidade uma possibilidade de práticas pedagógicas que fortalecem os laços identitários dos alunos e proporcionam a sua tradução do espaço vivido, visando auxiliá-los a compreender-se como parte de um todo.” (SENSOLO, CASTROGIOVANNI, 2021, p. 26)

Na próxima subseção, dialoga-se com os diferentes conceitos de cidade, a fim de compreender como esse conceito auxilia no atingimento dos objetivos propostos nesta pesquisa.

3.1.1 A cidade

Nessa aproximação com a Complexidade, dá-se, agora, os primeiros passos nessa estrada. Refletindo sobre o lugar dos alunos, Cachoeirinha/RS, acredita-se que é importante refletir sobre o conceito de cidade para se compreender o espaço urbano em que os alunos estão inseridos e as representações que nele podem ser notadas.

Definir cidade, ou seja, conceituá-la, não é uma tarefa fácil, já que o conceito está repleto de subjetividades. Consoante legislação vigente no Brasil, o Decreto-Lei

nº 311, de 1938, o termo é genérico e amplo, estando no patamar de cidade praticamente todo o território de um município (BRASIL, 1938). Sakakibara (2019, p. 40) convida a esta reflexão quando evidencia “[...] três possibilidades básicas distintas para a configuração territorial de um município (claro que pode haver outras possibilidades de configuração, mas todas serão derivadas de uma das três)”. Destaca-se a primeira possibilidade, pois se entende que Cachoeirinha/RS se insere nela¹¹:

Possibilidade 1: o município é formado por apenas um distrito, e não possui zona rural. Nesse caso, o território municipal, o território do distrito, o território da cidade, e o território do perímetro urbano são a mesma unidade espacial, possuindo a mesma área. Poder-se-ia discutir se o exemplo “B” a área urbanizável, ou de expansão urbana (AuEu) faz parte da cidade. Tributariamente, existe diferenciação entre as duas áreas, já que a cidade é área já constituída, e a área urbanizável, ou de expansão urbana é apenas “potência de cidade” – é urbana, sem necessariamente apresentar características de cidade. Contudo, para efeitos de análise de enquadramento enquanto espaço urbano, a cidade e as AuEu não se diferenciam (SAKAKIBARA 2019, p. 40).

Hoje, Cachoeirinha/RS tem 100% de sua população vivendo em áreas urbanas, onde o território municipal, o perímetro urbano e a cidade se confundem. Por essa razão, adota-se, neste estudo, o termo cidade e não município para designar Cachoeirinha/RS. Buscando outras possibilidades de análise do conceito de cidade, tem-se Lefebvre (2001) que afirma que ela é uma célula viva que manipula e identifica os espaços conforme os atores que lhes dão significado. Isto é, quem possui maior poder para significar lhe ordena a estética. No livro “Direito a cidade”, o autor propõe reflexões sobre a cidade, conceituando-a como uma projeção da sociedade sobre o local, podendo ser, igualmente, o conjunto de diferenças entre as cidades e suas pluralidades, a coexistência e simultaneidade, no urbano de padrões, de maneiras de viver a vida urbana. Dessa forma, reitera-se que os conceitos se complementam, sem se sobreporem, e que outros conceitos podem surgir, dependendo da significação que se quer dar à cidade (LEFEBVRE, 2001).

Para Carlos (2007), a cidade é o trabalho materializado a partir das necessidades, ela é produção social. Segundo Gelpi e Kalil (2016, p. 35), a cidade é

¹¹ Evidencia-se a primeira possibilidade por julgá-la pertinente ao texto (SAKAKIBARA 2019, p. 40). Para maiores informações e visualização das demais possibilidades, recomenda-se a leitura do autor, que consta em nossas referências bibliográficas.

o “[...] espaço construído pelo homem que reflete o modo de vida, a cultura, a produção e as relações sociais de uma sociedade, em um determinado período de tempo”. Entende-se que estes conceitos se complementam, já que a cidade é uma célula complexa, projeção social e materialização do trabalho e das relações sociais que ali acontecem.

Nota-se, nesses conceitos, que as questões de representações, significados e relações aparecem como parte integrante para a compreensão da cidade. Lefebvre (2001) apresenta a cidade como obra de arte, composta por seres sociais e históricos, mutáveis, reforçando a importância da linguagem e da imagem na compreensão das representações contidas no espaço-tempo. A fim de compreender um pouco mais estas representações, discorre-se sobre o tema e outros pertinentes a ele, no tópico a seguir.

3.1.2 A cidade, o currículo e a BNCC

As representações podem ser percebidas no espaço geográfico quando se pensa este como um livro, que conta a história do tempo, das técnicas e dos atores que ali estavam ou estão inseridos. Ao se analisar as diferentes paisagens de Cachoeirinha/RS, evidencia-se como se organizava a sociedade, que técnicas utilizavam, que usos foram realizados, avaliando assim os sistemas de objetos e ações presentes nesta porção do espaço, percebendo os significados, as significações e as representações que se impuseram no espaço-tempo. Gil Filho (2005, p. 51) elucida que “a representação é uma forma de conhecimento”.

Quando alguém representa é porque assimilou e acomodou (BECKER,2001), fez sua própria tradução, deu sentido ao texto e o compreendeu em seu contexto. É isso que se quer despertar nos alunos. Por isso, a proposta é refletir com eles sobre essas representações e sobre as significações que se impõem, de modo a problematizar suas vivências e experiências com e na cidade em que vivem. Para tanto, explora-se, na sequência, o conceito de lugar, a partir da cidade de Cachoeirinha/RS.

Pensando nesta parte do todo, que se liga a outras partes do mundo, não se pode esquecer que há normas e currículos que devem ser seguidos nesta caminhada. No ano de 2020, a BNCC passou a fazer parte da vida escolar de professores, estudantes e da comunidade, por isso, considerá-la como parte integrante dos

estudos parece, neste momento, oportuno. A BNCC:

[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2017, p. 7).

A BNCC é um documento normativo que prevê aprendizagens essenciais, que podem ser discutidas e reorganizadas mediante as especificidades de cada local. As propostas pedagógicas contidas nesta pesquisa tentam dialogar com essas aprendizagens, partindo do lugar dos alunos, podendo ser desenvolvidas como parte do conteúdo diversificado da base ou dentro de suas habilidades e competências. No Quadro 1, observa-se que a BNCC busca, no que ela denomina de "princípios geográficos", vincular aspectos cotidianos ao ensino da ciência geográfica:

Quadro 1 - Descrição dos princípios do raciocínio geográfico

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação*	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem**	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço, de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fonte: BNCC (2017, p. 362).

Esses princípios aproximam o lugar e o ensino, tais como práticas mais significativas de aprendizagem, e é por meio da cidade que se pode explorá-los, estabelecendo conexões entre o todo e as partes. A análise da paisagem da cidade e suas modificações ao longo do tempo, as relações estabelecidas entre os diferentes habitantes da cidade, as configurações atuais e seus marcos referenciais são diferentes formas de tornar a implementação da base possível, mantendo a autonomia da prática pedagógica e a autoria, tanto de alunos quanto de professores.

No quadro a seguir apresenta-se como podem ser desenvolvidas as atividades propostas nesta pesquisa na parte diversificada do currículo, a partir dos preceitos da BNCC:

Quadro 2 - A BNCC e currículo

Atividade 1 Atividade 2 Atividade 3	“Imagine só como seria” “Vamos contar essa história” “Então foi assim...”
Unidade temática	O sujeito e seu lugar no mundo
Objeto de conhecimento	Identidade sociocultural
Habilidade	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
Competência específica da Geografia	3. Desenvolver autonomia e senso crítico para a compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
Competência específica de Ciências Humanas	5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
Princípios do raciocínio geográfico mobilizados	Distribuição; extensão, localização; ordem (ou arranjo espacial)

Atividade 4 Atividade 5 Atividade 6	“E Cachoeirinha/RS se parece com Sitolândia ou não?” “E antigamente era assim...” “A cidade de Cachoeirinha/RS na rota turística”
Unidade temática	O sujeito e seu lugar no mundo
Objeto de conhecimento	Identidade sociocultural
Habilidade	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos; (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades
Competência específica da Geografia	1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas. 2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história. 3. Desenvolver autonomia e senso crítico para a compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. 4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
Competência específica de Ciências Humanas	1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos. 5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
Princípios do raciocínio geográfico mobilizados	Analogia, conexão, distribuição; extensão, localização; ordem (ou arranjo espacial)

Fonte: elaborado pela autora a partir da BNCC (2017, p. 355,364,382,383)

Salienta-se que este quadro se apresenta apenas como sugestão, podendo o professor utilizar as habilidades, competências, princípios, etc. de diferentes formas ou não, mantendo sua autonomia pedagógica.

Essa autonomia também deve ser observada na análise do currículo escolar, questionando-o e adaptando-o à realidade. Nas últimas décadas do século XX, foram produzidos, por meio de pesquisas, diversos conhecimentos sobre o currículo, objetivando explicá-lo para melhor auxiliar em sua elaboração e aplicação, sendo que ele “[...] nasceu de um interesse administrativo, operacional, não intelectual” (CASTRO; LAUANDE, 2010, p. 54).

Contudo é certo que a realidade escolar sempre conviveu com a realidade curricular, na medida em que a escola foi se tornando necessária na sociedade capitalista. O panorama político, econômico e social do século XX trouxe a demanda por mais escolarização, ampliando a socialização do saber entre a população como requisito de qualificação de mão de obra. O objetivo político-educacional era organizar essa demanda pelo conhecimento, mantendo assim, o controle (CASTRO; LAUANDE, 2010, p. 54).

O currículo surge, então, como uma oportunidade de qualificar a educação para o trabalho e, ao que parece, ainda hoje se mantém como uma forma de poder, na medida em que não se questione, não se pergunte a quem ele serve e como se pode fazer diferente. Isso é evidenciado por Pereira (2010, p. 129), quando assevera que muitos estudantes de pedagogia viam (e, possivelmente, ainda veem!) o currículo como “[...] um conjunto de objetivos que teriam de ser alcançados e um rol de conteúdos que teriam de ser transmitidos”. Essa visão não parece diferente entre os estudantes de licenciatura em Geografia. Mesmo que correntes posteriores, como a crítica curricular (SILVA, 2010), oportunizem esses questionamentos, todas, de certa forma, acabam tecendo sua maneira de ver o mundo, de impor sua ética. Entende-se que são visões de mundo a serem respeitadas, e questionadas, já que o currículo serve para ser provocado, questionado e experienciado.

Em todos os campos de pesquisa, há um conhecimento melhor, mais confiável, mais próximo da verdade sobre o mundo em que vivemos e sobre o que significa ser humano. Ao mesmo tempo, esse conhecimento não é estático nem dado; é sempre falível e pode ser desafiado (YOUNG, 2013, p. 234).

A proposta de trabalhar com questões ligadas ao cotidiano do aluno pode ser uma oportunidade de lhes mostrar as possibilidades, ou de, pelo menos, fazê-los pensar sobre esse conhecimento dinâmico, falível e que pode ser questionado. Quando se reflete, por exemplo, sobre áreas da cidade de que permanecem quase Cachoeirinha/RS intactas, como o “Mato do Júlio”, faz-se questionamentos e se

constata que nada é por acaso e, tampouco, em vão. Se as estruturas se mantêm, que motivos justificam sua manutenção? Essa pergunta pode levar a muitas outras, que, por sua vez, despertam a curiosidade, que pode levar a uma melhor aprendizagem.

Entende-se que o currículo¹² é um norteador das práticas, mas não pode ser visto apenas como uma programação a ser seguida e alcançada a qualquer preço. Concorda-se, com Castro e Laudane (2010, p. 58), quando dizem que “[...] o currículo não deve se limitar a disciplinas, a saberes que deverão ser ensinados, que fazem da memorização a sua base fundamental: o ensino não deve estar dissociado da vida”. Essas ideias compactuam com a teoria da Complexidade, que busca trazer o texto ao seu contexto, não dissociando as partes do todo e nem o todo das partes.

Macedo (2011) reitera que o currículo é tecido por relações organizadas e orientadas, em um complexo cultural que se bifurca. Essa bifurcação permite novas possibilidades e a complexidade se mostra frente às incertezas deste caminhar. Nesse jogo de retroalimentação, o sujeito constrói e é construído pelo currículo, ator e autor de seu conhecimento, como ser individual e coletivo, participante do processo de ensino aprendizagem.

Ao analisar o currículo como documento que traduz o pensar da escola, sua trajetória, os caminhos escolhidos e a sua identidade (SILVA, 2010), entende-se que este irá orientar a caminhada; por isso busca-se estabelecer algumas ações que podem ser desenvolvidas para que o aluno seja visto dentro deste, como um sujeito plural, multifacetado e que deve estar apto para intervir em seu lugar e no mundo. Um currículo sobre a ótica da Complexidade deve partir do diálogo entre alunos e professores, ser flexível e aberto a novas possibilidades, onde os sujeitos envolvidos possam agir e estabelecer conexões entre as partes do processo. Evidencia-se, assim, que este currículo leva ao desenvolvimento de competências que o tornaram apto para o desenrolar de ações refletidas e contextualizadas em suas vivências cotidianas.

Costella (2011, p. 229) distingue competência e habilidade “[...] da seguinte forma: uma competência é uma habilidade mais abrangente, mais complexa; e uma habilidade é reconhecida como uma competência de menor alcance”. Para Macedo (2009), ser competente é saber fazer, utilizando todos os conhecimentos prévios, a

¹² Pontuamos que os autores utilizados nesta discussão pertencem a diferentes correntes de pensamento.

resolução de um problema.

Com o objetivo de possibilitar a construção de competências e habilidades que permitam ao aluno intervir em sua realidade, acredita-se ser pertinente, na próxima subseção, conhecer um pouco mais sobre Cachoeirinha/RS.

3.2 QUE LUGAR É ESSE NESSA ESTRADA?

Na Figura 3, verifica-se a localização de Cachoeirinha, dentro do estado do RS.

Figura 1 - Localização de Cachoeirinha/RS



Fonte: Adaptado pela autora a partir do Atlas socioeconômico do RS

Assim como a Geografia era vista, por muito tempo, apenas como uma disciplina de descrição dos fenômenos naturais, carente de uma definição concreta de seu objeto de estudo, outros conceitos tiveram suas definições sem muita atenção ao longo dos diversos percursos investigativos. O conceito de lugar foi um deles, pois era percebido por sua descrição e não como uma parte do espaço, que era repleta de ações e significados que o compõem. Depois de ser deixado de lado e,

posteriormente, ser analisado apenas como uma forma de descrição dada dentro de uma região, o lugar passou a ganhar ênfase no movimento de renovação da Geografia, sendo que:

[...] O termo lugar teria sido recuperado da Geografia Clássica para a Geografia Humanista e passando a condição de conceito-chave associado a Fenomenologia e ao Existencialismo. Esta associação do conceito de lugar à Fenomenologia teria sido estabelecida primeiramente por Relph (1979) ao afirmar que o lugar deveria ser analisado a partir das experiências diretas do mundo e da consciência do ambiente vivido (FERNANDES, 2013, p. 68).

O conceito, então, passou a ser percebido como uma categoria de análise importante para a compreensão do todo, já que possui características individuais estabelecidas por meio das relações com o todo que o rodeia, uma vez que o Mundo “[...] é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação, depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2009, p. 337).

Se o espaço geográfico é composto por partes, e essas partes contêm o todo, estudar os aspectos destas leva a meios de entender o mundo (ou pelo menos tentar entendê-lo), analisando-o, a partir de porções espaciais menores que constituem o lugar. Ele é o espaço cotidiano, onde as relações afetivas, vividas e de poder se dão. Ele é o conjunto híbrido do espaço geográfico, já que “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2009, p. 339). Mas, como os alunos veem Cachoeirinha/RS? A cidade é um lugar a ser desvendado ou não? Tenciona-se descobrir, analisando e conhecendo a sua história.

3.2.1 Conhecendo a história do lugar para compreender as suas especificidades

Com o intuito de conhecer as peculiaridades existentes na cidade de Cachoeirinha/RS e melhor compreender estas especificidades, discorreremos sobre a história da cidade.

Em 1730, iniciou-se a implementação dos primeiros assentamentos em Viamão e Gravataí, no chamado Rincão do Gravatahy, sesmaria de Pedro Gonçalves Sandoval. Em 1732, foi concluída a Estrada dos Conventos ou Estrada Real, que ligava Viamão até Araranguá, e ia até Curitiba. Quando, em 1736, terminaram as melhorias na nova estrada dos tropeiros, que levava as tropas até a Serra Geral por

Santo Antonio da Patrulha, Gravataí entrou na rota de circulação de tropas. Com isso, a estrada começou a ter uma estrutura com boas instalações para pouso e despacho de embarcações para Rio Pardo ou Rio Grande. O local ficou conhecido como estratégico para o trânsito de carretas que iam da Aldeia dos Anjos até a capital da Província. Possuía também uma boa travessia pelo rio, já que havia uma formação rochosa que represava as águas, facilitando a travessia dos viajantes (MONTEIRO; SILVA, 2017; MOMBACH, 1991).

Os primeiros assentamentos localizados na região da atual cidade de Cachoeirinha/RS também possuem sua história vinculada a disputas antigas entre os reinos de Portugal e Espanha por territórios além-mar. Após a assinatura do Tratado de Madrid, foi acordado entre os dois reinos que Portugal devolveria as terras da Colônia de Sacramento que estavam em território espanhol, em troca das terras onde estavam localizados os Sete Povos da Missões. Quem povoaria essas terras seriam povos vindos do arquipélago de Açores, que sofria com a superpopulação. Devido a isso e à assinatura posterior do Tratado de Santo Ildefonso (1777), os índios guaranis, que estavam na região das missões, deveriam deixá-la. Com a negação dos índios em deixar seu local de origem, eclodiu a Guerra Guaranítica. Naquele contexto, milhares de indígenas fugiram para o território português, estabelecendo-se na região do Rio Pardo e do atual município de Santa Maria (MONTEIRO; SILVA, 2017; MOMBACH, 1991).

O processo de colonização da região que corresponde aos limites atuais de Cachoeirinha/RS ocorreu com a ocupação do Capitão Antonio Pinto Carneiro, que trouxera, da região do rio, os índios sobreviventes das guerras guaraníticas. Dessa forma, fundou-se a Aldeia Nossa Senhora dos Anjos (MOMBACH, 1991). Quando o senhor José Marcelino de Figueredo chegou ao poder da Província de São Pedro, em 1772, a Aldeia dos Anjos começou a se desenvolver. Ele urbanizou o aldeamento construindo moinhos, olarias e escolas. Indígenas foragidos das Missões jesuítas do Uruguai foram levados a Gravataí e ensinados a trabalhar com a cultura do arroz.

Nos primeiros anos da Aldeia, além das doenças e da fome, os índios enfrentavam a pressão da população portuguesa para que deixassem a região. Para tentar sanar os problemas entre brancos e índios, várias ações comunitárias foram desenvolvidas pelo governo de Antônio Carneiro, na tentativa de apaziguar os ânimos e organizar melhor o território, que, por fim, obteve bom resultado. Mais tarde, os indígenas se estabeleceram nas proximidades de Itacolomi, entre o morro e a estrada

antiga que existia até Pinhal, e o local ficou conhecido como Potreiro dos Índios (MOMBACH, 1991).

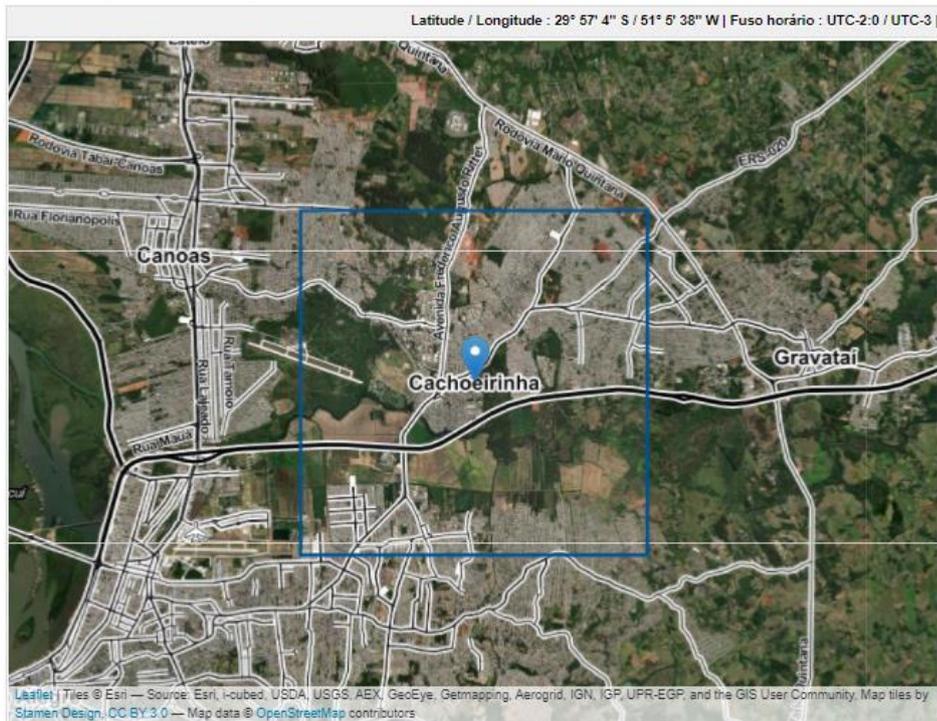
Após a criação dos primeiros municípios do estado do Rio Grande do Sul, em 1809, a Aldeia dos Anjos se tornou um distrito de Porto Alegre. Devido ao grande trânsito de carretas de mercadorias, que vinham do Litoral Norte e de Santo Antônio da Patrulha, ele passou, posteriormente, à condição de vila. E, em quatro meses, tornou-se, oficialmente, o município de Gravataí, na data de 23 de outubro de 1880. Este, mais tarde, perdeu parte de seu território e, em 7 de junho de 1957, uma lei municipal criou o distrito de Cachoeirinha/RS. A emancipação aconteceu de forma legal no ano de 1965, e sua implementação em 1966.

A origem do nome do distrito remete a uma pequena queda de água que havia próximo à ponte sobre o rio Gravataí. Porém, o local que, inicialmente, foi visto como um ponto positivo, pois permitia a navegabilidade, mais tarde se caracterizou como um empecilho. Por isso, as rochas que davam origem à queda hoje não existem mais, haja vista que precisaram ser dinamitadas para permitir um maior fluxo de navegação no rio (MOMBACH, 1991; TEIXEIRA, 1998).

A cidade de 43,77km² pertencia aos Batista, uma família que era dona de grande parte das terras da atual Cachoeirinha/RS. Com a morte do Coronel João Batista Soares da Silveira e Souza, em 1923, as terras foram divididas entre os herdeiros, que as lotearam. Com a expansão da vila que fazia parte de Gravataí, as ruas Tamoio, Tabajara, Tupi e Tapajós foram abertas para formar o primeiro loteamento, a Vila Cachoeirinha (MOMBACH, 1991).

A seguir, apresentamos algumas imagens da cidade de Cachoeirinha/RS, a fim de ilustrar alguns dos locais descritos no texto e assim facilitar a contextualização do leitor.

Figura 2 - Imagem de satélite com localização de Cachoeirinha/RS



Fonte: http://www.mapnall.com/pt/Mapa-Cachoeirinha_1144555.html

Figura 3 - Vista aérea da cidade a partir da ponte.



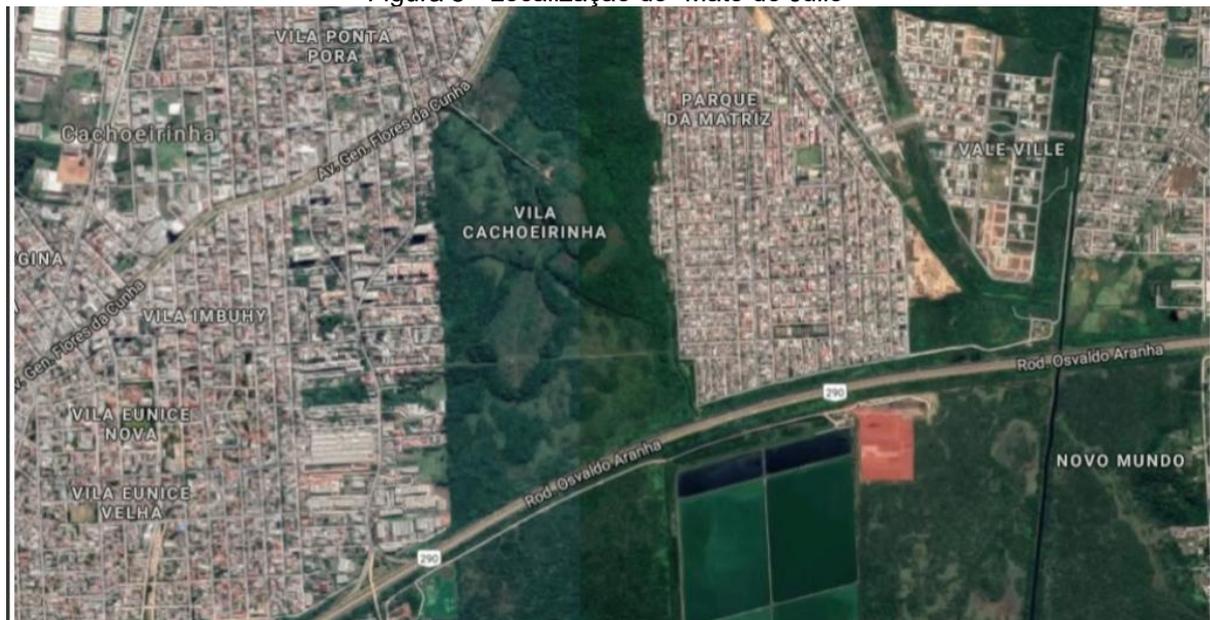
Fonte: <https://www.ferias.tur.br/fotos/7502/cachoeirinha-rs.html>

Figura 4 - Vista área da Avenida Flores da Cunha



Fonte: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/rs/cachoeirinha>

Figura 5 - Localização do "Mato do Júlio"



Fonte: <https://www.correiogravatai.com.br/noticias/cachoeirinha/2020/02/17/acordo-entre-prefeitura-e-herdeiros-do-mato-do-julio-contraria-pontos-de-estudo-ambiental.html>

Figura 6 - Vista área do “Mato do Júlio” – Em destaque a Casa da família Batista



Fonte: <https://www.correiogravatai.com.br/noticias/cachoeirinha/2020/02/17/acordo-entre-prefeitura-e-herdeiros-do-mato-do-julio-contraria-pontos-de-estudo-ambiental.html>

Na próxima seção, organiza-se as propostas de sequência didática, de modo a desvendar a estrada que leva ao conhecimento sobre a cidade.

4 AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Nesta seção, expõe-se as entrevistas realizadas com os professores e a sequência didática desenvolvida com os alunos.

As atividades aqui descritas foram pensadas para serem aplicadas de forma sequencial e inter-relacionadas. A cada instante, os alunos eram desafiados de diferentes maneiras a pensar sobre o seu lugar no mundo. As intervenções, durante a realização das atividades, tentaram encaminhar para a compreensão de conceitos, partindo da cidade onde os alunos vivem.

Antes de pensar nas questões pertinentes ao lugar visto pelo aluno, conversou-se com cinco professores da rede de ensino de Cachoeirinha/RS., de modo a compreender, mesmo que provisoriamente, como eles veem a cidade, como ela é trabalhada em sala de aula ou não, e que importância os conceitos geográficos têm na construção de suas aulas e na distribuição dos temas a serem trabalhados dentro do currículo. As conversas se deram via *e-mail* e as respostas foram preenchidas em um formulário digital (Apêndice C). Todos os entrevistados trabalham na rede municipal de ensino da cidade, com ensino de Geografia. Seus alunos cursam o Ensino Fundamental, sendo que um dos entrevistados trabalha também na rede estadual, com o Ensino Médio. Tem formação em nível superior, sendo dois deles na disciplina de História. Possuem especialização na área de ensino, tendo um dos entrevistados mestrado em Economia e outro em Educação. O tempo de atuação na área de ensino é bastante variado, de 3 a 31 anos de magistério. Desenvolvem suas atividades profissionais em Cachoeirinha/RS e três deles também lecionam no município vizinho de Gravataí/RS, tendo uma carga horária bastante diversas.

Os três primeiros questionamentos visavam compreender como o conceito de cidade/município (e seus desdobramentos) é tratado/trabalhado nas aulas de Geografia. Todos os professores responderam que trabalham o conceito em suas aulas, geralmente no sexto ano do ensino fundamental. Para um dos entrevistados, o conceito aparece em todos os anos deste ensino, sendo trabalhado de diferentes formas. Para três dos professores, o uso de mapas, croquis e imagens pode ser utilizado como uma ferramenta de aproximação dos alunos aos conceitos. Para um professor, o uso do livro didático é uma opção e, para outro, a apresentação do conceito e a aproximação dele à realidade dos alunos é uma possibilidade. Dentro dessa análise, todos concordam que aproximar os conceitos à vivência dos alunos é

importante, tentando estabelecer relações com o local e o global.

As três perguntas seguintes buscam conhecer a concepção de currículo por parte dos professores e as potencialidades de Cachoeirinha/RS, enquanto espaço pedagógico. Para todos os professores, o currículo é um norteador dos conhecimentos a serem desenvolvidos em sala de aula, podendo ser adaptado à realidade de seus educandos. Dois professores dizem que a BNCC, em sua parte diversificada, proporciona essa adaptação, pois ela é dinâmica e atual. Para um dos professores, ele serve como base para ler e interpretar o espaço geográfico, mas deixa a desejar, no que se refere à criticidade, pois percebe que os alunos não conseguem colocar em prática o que aprendem.

Seguindo a análise, busca-se verificar se esse espaço geográfico é entendido, ou não, por meio dos conceitos de lugar paisagem, como relevante para o ensino de Geografia. Os professores caracterizam Cachoeirinha/RS como sendo uma cidade pequena, com pouca vegetação preservada (só o conhecido “Mato do Júlio” aparece como referência), totalmente urbanizado. Uma das professoras faz referência a uma paisagem diversificada, com diferentes realidades, dependendo de onde o aluno está localizado na cidade. É interessante perceber que um colega da mesma escola dessa professora, já não vê essa diferenciação e questiona de onde veio a pergunta sobre o descontentamento por parte dos alunos. Percebe-se aqui as diferentes formas de se analisar o mesmo espaço, sob óticas diferentes. Mesmo discordando, este professor sugere que o descontentamento pode ser usado como ponto de partida para o aluno analisar a paisagem, sugerindo que se trabalhe com as desigualdades sociais observadas na paisagem. Esse elemento também é trazido pelos demais professores, ao sugerirem que os alunos estão insatisfeitos porque não conhecem a cidade e por isso seria ideal que se trabalhasse dessa forma.

Apesar de concordarem que aproximar os conceitos é importante, os professores não citam exemplos de como fazem isso na prática. Dois deles disseram que intercalam as aprendizagens com outras disciplinas ou trazem os temas transversais como racismo, gênero, relações de trabalho e participação da comunidade em ações públicas, para analisarem e contextualizarem o lugar e a paisagem.

No eixo final dos questionamentos, tenciona-se saber como, por meio dos preceitos e normas constantes nos documentos oficiais propostos para a Educação Básica, é trabalhada a construção da cidadania nesta área, considerando toda a

complexidade que a envolve e as representações presentes no imaginário desses sujeitos em relação à cidade. Os cinco professores disseram estar preocupados com a aprendizagem dos alunos, buscando relacionar os temas com a realidade. Quando citam o que desenvolvem em sala de aula, para promover a educação cidadã, não se vê essas relações, os exemplos foram dados de forma superficial, sem realmente trazerem o contexto da cidade para esta realidade. Não se sabe dizer ao certo se isso ocorre porque os questionários foram respondidos via formulário *online*, mas, acredita-se que o distanciamento social imposto devido à pandemia não permitiu uma real interação com esses professores. Talvez, em uma conversa formal e presencial essas questões poderiam ser esclarecidas. Ao conversar via rede social, com duas professoras, foi possível fazer mais trocas e compreender melhor como elas enxergam a cidade. Os demais professores não abriram a oportunidade de conversa por esse canal.

Finalizando a entrevista, destaca-se a fala de uma das professoras, que conceitua a cidade como o lugar onde a vida acontece. Os demais a descrevem como um espaço essencialmente urbano. Refletindo sobre o que os professores trouxeram ao longo das entrevistas, constata-se o quanto é pertinente esta pesquisa, pois ela fornece material, sugerindo práticas de ensino, que auxiliem os professores a desenvolverem os temas que eles mesmos julgam ser importantes. Não se tem a intenção de fornecer 'uma receita pronta', mas permitir, mediante esta proposta e das relações que se traz, oportunizar a exploração dos sujeitos professores sobre o lugar dos sujeitos alunos.

A fim de contextualizar a realidade em desenvolvemos nossas atividades profissionais e a pesquisa, apresentamos algumas informações referentes aos sujeitos pesquisados e ao local de sua aplicação.

O sexto ano do Ensino Fundamental é a fase de transição onde as crianças estão perto da adolescência, e a mudança entre currículo por aprendizagens para currículo por áreas de conhecimento se evidencia, causando certo desconforto e desorganização. Por que então não possibilitar aos alunos que compreendam que mudanças e desorganização fazem parte da vida de todos? Que o lugar que habitam nem sempre foi e teve as mesmas funções que hoje tem e que entender a complexidade de sua cidade pode ser uma parte importante que os auxiliará a compreender melhor a sua vida e suas relações? Cavalcanti (2012, p. 47) evidencia que:

Compreendendo o mundo, e também o seu lugar, como uma espacialidade, o aluno terá convicção de que aprender elementos do espaço é importante para entender o mundo e seu lugar, na medida em que ele é uma dimensão constitutiva da realidade, e estará, com isso, mais motivado para estabelecer com os conteúdos apresentados uma relação de cognição, colocando-se como sujeito do conhecimento.

Busca-se motivar os alunos com as descobertas sobre sua cidade e como eles podem estabelecer relações, ou não, com os conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Na cidade de Cachoeirinha/RS, a maioria das disciplinas que fazem parte do quadro curricular possuem o mesmo tempo em sala de aula com os alunos, na chamada isonomia, contemplando dois tempos semanais de 55 minutos cada. Isso permite que os alunos compreendam que todas as áreas são fundamentais e importantes para o seu aprendizado, e, nesse cenário, surgem as dúvidas de como melhor ensinar e fazer as aulas de Geografia mais significativas e interessantes.

A estrutura era dividida em módulos de aprendizagem que contemplam fases do desenvolvimento infantil, os quais eram divididos de acordo com os estádios de desenvolvimento de Piaget (BECKER, 2001), sendo que a criança avançava para o módulo seguinte depois de contemplar todas as expectativas propostas para os anos dentro desse módulo. Esse avanço ocorria a cada três anos de aproveitamento satisfatório ou parcial nas disciplinas. A partir do ano de 2020, os módulos passaram a contemplar dois anos, decisão tomada após algumas reuniões entre professores, diretores, Comunidade Escolar e Secretaria de Educação. A organização da estrutura modular do município, conforme art. 9º da Resolução nº 025/2019 do Conselho Municipal de Educação (CME), está assim especificada:

Art. 9º A Organização Modular de Aprendizagem para a Educação Infantil (pré-escola) e o Ensino Fundamental será assim definida:

1. Módulo 1 – Pré Alfabetizador - para as turmas de pré-escola 1 (4 anos) e pré-escola 2 (5 anos);
2. Módulo 2 – Alfabetizador - para as turmas de 1º, 2º e 3º anos;
3. Módulo 3 – Estruturante Inicial - para as turmas de 4º e 5º anos;
4. Módulo 4 – Estruturante Final - para as turmas de 6º e 7º anos;
5. Módulo 5 – Sistematizante - para as turmas de 8º e 9º anos (CACHOEIRINHA, 2019, p. 4).

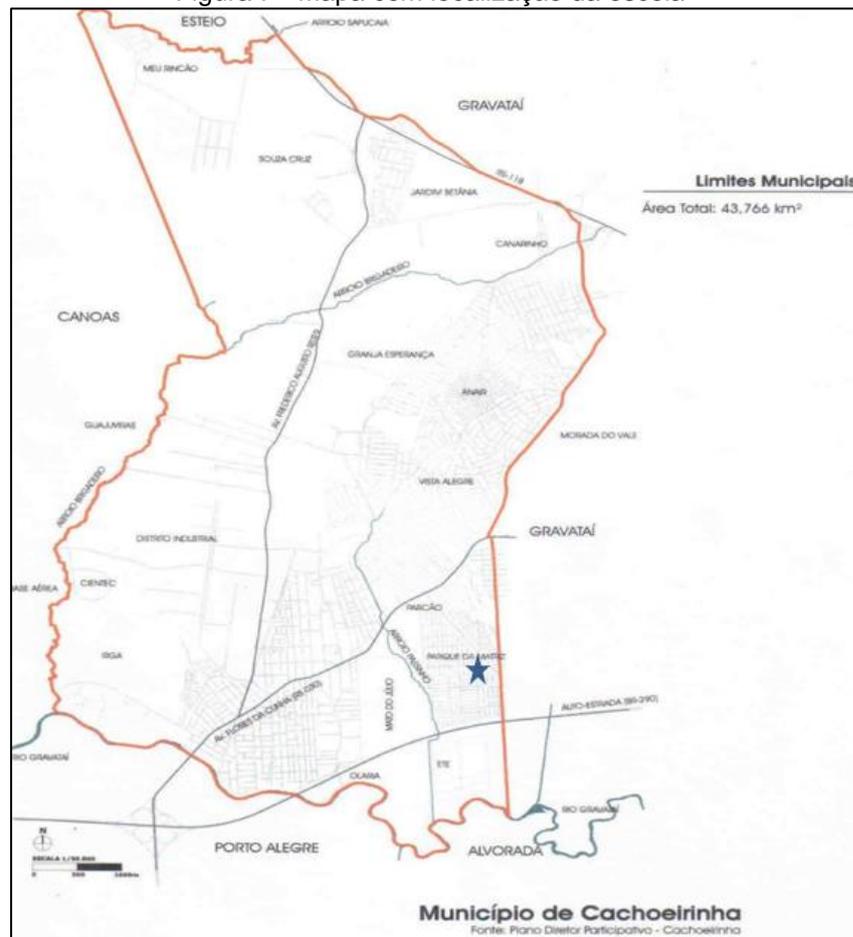
Os alunos que serão contemplados nesta pesquisa estão no Módulo 4, sendo:

Art. 15. O Módulo 4 – Estruturante Final, constituído pelas turmas de 6º e 7º anos, deve assegurar:

- I – O conhecimento da complexidade do aprendizado da Língua Portuguesa, da Língua Inglesa, da Literatura, da Educação Física, da Música e das demais artes;
- II – O desenvolvimento das aprendizagens, do objeto simbólico ao real, estruturando conceitos, experiências das Ciências, da Matemática, da Geografia e da História da Humanidade (CACHOEIRINHA, 2019, p. 6).

Por estarem no período aproximado de transição entre o estágio de desenvolvimento operacional-concreto para o estágio operacional formal, do objeto simbólico ao real, como evidenciado (BECKER, 2001), segundo o inciso II do art. 15, parece interessante trabalhar com uma sequência didática, onde o simbólico, o concreto e a criticidade podem ser desenvolvidos e estruturados. A escola, objeto desta pesquisa, possui um dos melhores Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da região metropolitana e tem sua organização metodológica baseada na pedagogia de projetos. A escola está localizada em uma zona predominante residencial, conforme demarca a estrela no mapa da Figura 2.

Figura 7 - Mapa com localização da escola



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Prefeitura de Cachoeirinha (2019).

Possui pouco acesso via transporte público e a maioria dos alunos atendidos tem renda familiar entre 2 e 4 salários-mínimos regionais. A comunidade escolar percebe na escola e na educação uma forma de ascensão social (PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRINHA, 2020). O bairro onde ela está inserida é o Parque da Matriz, predominantemente residencial, com um centro comercial próximo. A escola está a cerca de um quilômetro e meio de distância do *shopping center* de Cachoeirinha/RS, do Parcão Municipal, do corpo de bombeiros, da delegacia e da Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico, conhecida como “Casa do Leite”. Da instituição, consegue-se visualizar a BR-290, e, apesar de o bairro não ter acesso a ela, já existe uma proposta do governo municipal para a criação de uma via de acesso nos próximos anos. Os alunos moram nas ruas ao redor da escola, se deslocam caminhando. Contudo, grande parte deles chega ao estabelecimento de transporte escolar ou de automóvel, conduzido pelos pais.

A escola possuía o total de 700 alunos, no ano de 2020, que frequentam aulas

do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, e estão distribuídos em dois turnos, tendo 12 turmas pela manhã (currículo por área de conhecimento) e 12 à tarde (currículo por atividades)¹³. Em 2020, 87 educandos do sexto ano estudam no período da manhã. As turmas analisadas nesta pesquisa possuem, em média, 30 alunos, tendo equilíbrio entre a quantidade de meninos e meninas, os quais estão dentro da faixa etária de idade esperada para o módulo. Eles possuem bons conhecimentos sobre o bairro em que vivem, sabem onde se localizam os principais pontos comerciais e de lazer, mas utilizam linguagem depreciativa quando se referem a eles.

A cidade é pouco conhecida, como se eles vivessem em um mundo à parte do restante, pois, quando vão ao centro de Cachoeirinha/RS, é comum utilizarem o termo “*fui lá na faixa*”¹⁴, “*comprei na faixa*” ou, ainda, “*lá no centro*” como se fosse algo muito distante deles. São crianças que não saem muito de casa e, nos momentos de lazer, se dedicam a atividades como jogos de *vídeo game*, uso da *internet* e, sobretudo, das redes sociais. Utilizam, em sua maioria, parques e *shoppings centers* de Porto Alegre (POA) para lazer e compras. A maioria dos pais trabalha em outros municípios, principalmente na capital, enquanto eles permanecem em casa de parentes no período contrário à escola¹⁵.

A instituição escolar analisada é referência em inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais na cidade¹⁶. Nas turmas de sexto ano, inclusive, há sete alunos desse grupo. Quatro deles acompanham a turma em suas atividades, necessitando apenas de algumas intervenções por parte dos professores; os demais precisam de maiores adaptações e acompanhamento do educador social¹⁷. Constatou-se ser essa faixa etária importante nesta pesquisa, de modo a estimular a curiosidade e o encantamento inerentes a esses alunos. Tendo sido feita a apresentação dos educandos e do contexto escolar em que estão inseridos, na próxima seção, explora-se o referencial teórico, que foi a base desta pesquisa. O Quadro 3 delinea um resumo com o esquema da sequência didática.

¹³ Informações obtidas através da análise de documentos da secretaria da escola.

¹⁴ Cachoeirinha surgiu na via de ligação entre Porto Alegre- Gravataí, ao longo de uma RS, por isso o comércio e serviços se concentram ao longo desta estrada, que regionalmente conhecemos como *faixa*, é uma representação que os sujeitos ainda mantêm na linguagem oral.

¹⁵ Informações obtidas através de conversa e de uma atividade escrita de boas-vindas, realizadas no início do ano letivo.

¹⁶ Informação obtida durante formação de professores, oportunizada pela escola, no início do ano letivo de 2020.

¹⁷ As atividades propostas para os educandos com necessidades especiais encontram-se no Apêndice A.

Quadro 3 - Esquema da Sequência didática

	Atividade 1 (Imagine só como seria)	Atividade 2 (Vamos contar esta história?)	Atividade 3 (Então foi assim...)	Atividade 4 (E Cachoeirinha/RS se parece com Sitiolândia ou não?)	Atividade 5 (E antigamente a estrada era assim...)	Atividade 6 (A cidade de Cachoeirinha/RS na rota turística)
Expectativa de aprendizagem	Refletir sobre as características da cidade, tendo como ponto de partida o lugar do aluno se seus conhecimentos prévios	Sintetizar, a partir de um texto, as descobertas evidenciadas a partir da atividade anterior	Comparar diferentes visões de mundo, estabelecendo conexões entre elas.	Perceber que histórias semelhantes ocorrem nas diferentes partes do globo, mas que todas contêm as suas especificidades, que as tornam únicas e especiais para cada indivíduo.	Refletir sobre as formas e funções de diferentes locais e em diferentes épocas, além das mudanças nos aspectos sociais e culturais	Compreender o mundo a partir das marcas referencias que a cidade tem.
Conteúdos	A cidade e suas diferentes paisagens	A cidade e sua história	A cidade e sua história	A cidade e suas especificidades	A cidade e suas transformações	A cidade e suas marcas referencias
Procedimentos Metodológicos	Expressão de práticas espaciais por meio do desenho	Expressão de práticas espaciais por meio do texto escrito	Expressão de práticas espaciais por meio da leitura	Expressão de práticas espaciais por meio de uma situação problema semelhante	Expressão de práticas espaciais por meio da imagem	Expressão de práticas espaciais por meio da produção de material
Avaliação	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.	Comprometimento com a realização e entrega da atividade.
Noções espaciais a serem desenvolvidas pelos alunos	Percepção de que, nas paisagens, encontramos elementos que foram construídos em diferentes épocas.	Percepção de que, nas paisagens, encontramos elementos que foram construídos em diferentes épocas.	Percepção de que, nas paisagens, encontramos elementos que foram construídos em diferentes épocas.	Compreensão da espacialização de fenômenos e processos geográficos em diferentes escalas, tornando possível assim, uma análise complexa da realidade.	Compreensão de que o espaço é composto por elementos e aspectos que existem nas paisagens, mas também nas diversas ações que as pessoas realizam nas paisagens.	Compreensão de que o espaço geográfico é composto por diferentes relações existentes entre os lugares, paisagens, os territórios, as pessoas e a natureza.

Fonte: elaborado a partir dos dados da pesquisa (2021)

4.1 CONTEXTUALIZANDO O ANO DE 2020

Atualmente, vive-se um ano atípico e totalmente inesperado. Mas, o que é a vida sem a incerteza? Iniciou-se o período letivo de 2020 em Cachoeirinha/RS, no dia 19 de fevereiro. Ouvia-se falar, nas reportagens da mídia, sobre um novo vírus que se espalhava pela China e por outros países da Europa, mas não se imaginava o que aconteceria nos meses seguintes. Quando março iniciou, em uma das formações pedagógicas da escola, cogitou-se que esta poderia ser fechada, mas não se acreditava nessa hipótese, pois já se havia passado e superado outros episódios de doenças, como o surto de Influenza e Meningite, e a escola sempre se manteve aberta; naqueles primeiros dias de março, isso parecia ser impossível.

O vírus se espalhou rapidamente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia e o prefeito de Cachoeirinha/RS ordenou, então, o fechamento de todas as escolas, públicas e privadas, a partir do dia 17 de março de 2020, por um período de duas semanas. Na semana seguinte outras cidades e o estado do RS seguiram a mesma linha, fechando as escolas pelo mesmo período. Naquele momento não se tinha ideia de que a escola ficaria fechada por um ano inteiro e que as atividades seriam passadas de forma remota aos alunos até o encerramento do ano letivo.¹⁸

Após as duas semanas iniciais e sem nenhuma regulamentação dos órgãos competentes, realizou-se, de forma virtual, uma reunião pedagógica para se manter o vínculo com os alunos. Os materiais seriam enviados por *e-mail*, até que as ordens das instâncias educacionais superiores fossem elaboradas. Trabalhou-se com leituras de livros, materiais adicionais e revisão dos conteúdos dos anos anteriores durante todo o mês de abril, estendendo-se até a metade de maio, quando o governo do Estado decretou a antecipação das férias escolares de inverno e definiu que as aulas presenciais retornariam no mês de junho, se a pandemia estivesse controlada.

Em junho, os casos de Covid-19 se acentuaram e as escolas não reabriram. Em Cachoeirinha/RS, a Secretaria de Educação criou uma plataforma virtual *online*, que seria alimentada pelos professores da rede com atividades para os alunos, mas as escolas poderiam utilizar outras ferramentas, mantendo sua autonomia em relação à organização e ao envio das atividades. A escola pesquisada manteve o envio das

¹⁸ Em Cachoeirinha/RS, de acordo com um decreto do governo municipal, as aulas só retornaram de forma presencial no ano de 2021.

atividades de forma remota, por *e-mail*, solicitando que, quando possível, os alunos retornassem as atividades por esse mesmo canal. Todos recebiam, mas poucos eram os retornos. Os alunos que não dispunham de ferramentas digitais buscavam na escola o material impresso.

As atividades que se pensou realizar com os alunos tiveram de ser readaptadas, de modo que pudessem ser enviadas de forma virtual. Após revisões e estudos sobre temas diversos e pertinentes à educação, foi encontrada, na sequência didática, uma forma de desenvolver os conteúdos e tornar a aprendizagem significativa para os alunos. Entende-se que essa é uma forma de organizar, planejar, estruturar e articular as atividades pedagógicas, de acordo com o objetivo que se propõe (ZABALA, 1998).

As propostas pedagógicas deste estudo formam desenvolvidas de forma remota, com envio por *e-mail* do material escrito, vídeos gravados pela professora e mais tarde, com encontros virtuais na plataforma *Google Meet*. O material foi devolvido pelos alunos, em sua maioria, de forma impressa ou em registros no caderno, nos plantões organizados pela escola para o recebimento do material, e analisado pela professora, em casa. Os materiais enviados por *e-mail* foram respondidos de forma mais rápida e as dúvidas esclarecidas durante os encontros virtuais. Para os alunos que apresentaram dificuldade em realizar as propostas pedagógicas, ofereceu-se plantões via *Google Meet*, para esclarecimento de dúvidas ou gravação de explicações das atividades, de forma individualizada, sendo a segunda opção utilizada pela maioria.¹⁹

Foi um trabalho árduo e difícil para todas as partes, mas que em muitas vezes surpreendeu pela capacidade criativa e inovadora dos alunos, que muitas vezes são subestimados. A capacidade de se reinventar e de superar desafios foi uma das grandes lições desse ano. Lidar com as incertezas, na busca de uma verdade provisória, fez todos vencerem os desafios da estrada na busca pelo conhecimento geográfico capaz de traduzir a realidade e entender o mundo, mesmo que provisoriamente. Exibe-se, na próxima subseção, as propostas pedagógicas

¹⁹ Os alunos que entraram em contato via *e-mail* discorrendo sobre dúvidas, preferiam que lhes fossem enviados vídeos esclarecendo a questão, do que marcar um encontro virtual via *Google Meet*, não queriam se expor em aulas individuais com a pesquisadora pela plataforma digital, mantendo um certo distanciamento, assim como ocorre em sala de aula. Nas atividades em grupo, a participação se deu de forma mais efetiva. A interação também ocorreu com pedidos de ajuda nas folhas devolvidas, com pequenos recados como: “não compreendi, pode explicar na aula virtual? Pode me explicar por vídeo?”.

desenvolvidas com os alunos ao longo desse ano letivo.

4.2 IMAGINE SÓ COMO SERIA...

O imaginário faz parte da vida. Quantas vezes, durante a infância, para-se diante de algo e se pergunta como ele seria antes? Quem será que fez? Conforme se vai crescendo, esquece-se de continuar perguntando, talvez pelas atribuições das tarefas do dia a dia, as quais consomem grande parte do tempo. Esquece-se de questionar e se desaprende a aprender. O mundo do adulto é muitas vezes percebido como enfadonho, cansativo e sem sentido. As crianças exploram o mundo, buscam repostas, querem desafios. A escola parece ser tão atrativa ao longo dos anos iniciais, mas, à medida que se avançam as séries e os anos escolares, a dúvida vai se apagando, as pessoas se acomodam e não questionam mais tanto.

A proposta inicial partiu da vontade de desafiar, de fazer com que os alunos ponderassem sobre seu lugar, como ele se constitui, porque ele é do jeito que é, como, qual motivo ou por quem ele foi organizado, com qual intenção e a quem atendia. Eles partiram de uma revisão realizada no início do ano, quando, na tentativa de conhecê-los melhor e estruturar suas aprendizagens, foram revisitados conteúdos sobre a formação do RS e os aprendizados significativos elaborados no quinto ano, apresentando um *feedback* das aprendizagens desenvolvidas, iniciando, deste modo, a jornada de apropriação de novos conhecimentos e de novas possibilidades.

Nos primeiros dias letivos, após as primeiras atividades com dinâmicas e acolhimento, questionou-se o que lembravam de ter trabalhado em Geografia no ano anterior. Apesar de obter respostas clássicas do tipo: “*Não lembro o que comi ontem, como vou lembrar do ano passado?*”, sempre existe um grupo de alunos que consegue lembrar, e foi mediante essas lembranças que se explorou os temas em mapas, textos, imagens de livros e materiais diversos, e se fez ligações entre um assunto e outro. Nessa introdução, relembrou-se a formação territorial do RS, assistindo vídeos curtos e debatendo temas ligados à constituição de seu território. Fez-se associações entre as disciplinas de História e Geografia e, por vezes, fez-se uso de obras literárias como ferramentas de análise.²⁰

Em função do conhecimento prévio dos alunos referente à formação territorial

²⁰ Neste ano, foi explorada a leitura do livro “Vovô fugiu de casa”, de Sérgio Caparelli, que traz como pano de fundo a história da colonização italiana no RS.

do Estado, ligada a questões de disputas e interesses econômicos, que se ligam, igualmente, à história do Brasil, propôs-se atividades que os estimulassem a refletir sobre a cidade, sua história e sua constituição territorial, assim como sobre os arranjos, as formas e funções que ela tinha e têm. Objetivou-se, com isso, que eles fossem autores dessa história, utilizando o desenho como forma de representação, corroborando Kaercher (2007, p. 30), quando afirma que “a capacidade de desenhar é importante para a geografia, pois é uma das formas de descrever a paisagem”. Desse jeito, foram desafiados a contar a história de Cachoeirinha/RS, por seu próprio ponto de vista, aplicando conhecimentos prévios e reflexões elaboradas com base nas conversas sobre a história da formação do RS e do Brasil, desenvolvendo muito mais do que capacidades estéticas, uma maneira teórica de ler o mundo (KAERCHER, 2007).

Utilizando o desenho de maneira reflexiva, tencionou-se fazê-los pensar sobre o local onde vivem e, com esse pensar e analisar a paisagem em diferentes tempos, eles foram desafiados a perceber o que não pode ser mais visto, representar cristalizações da paisagem usando a imaginação, dialogando com o ontem e o hoje. Pereira e Dias (2015) tratam sobre o papel do desenho como instrumentalizador do desenvolvimento da linguagem, na medida em que auxilia na produção de conhecimento, como parte do processo de compreensão de que existem outras formas de comunicação, sendo a visual uma delas. O desenho está carregado de simbolismo e representações, as quais podem traduzir a forma como os alunos se veem e como eles veem o mundo, ele permite a organização de ideias, revela aprendizados e desenvolve a autoexpressão (PEREIRA; DIAS, 2015).

A ideia inicial foi a de que, em sala de aula, eles desenvolvessem a composição dos desenhos, mas, devido à pandemia, a atividade teve que ser realizada em casa, com auxílio dos familiares. Alguns entraram em contato via *e-mail*, informando a dificuldade na realização da atividade, por isso foi enviado um vídeo explicativo, apresentando imagens de diferentes locais do Brasil e do RS, nas épocas que eram abordadas nas tarefas. *Links* dos vídeos que foram assistidos nas primeiras semanas de aula presencial, quando se discutiu sobre a formação do RS e do Brasil, também foram enviados. Utilizou-se o livro didático com sua proposta de atividade, que tratava sobre a modificação de uma paisagem imaginária ao longo dos anos. Poucos alunos não conseguiram realizar a atividade ou apresentaram dificuldades ao realizá-la, mesmo após as explicações via *e-mail* ou em vídeo gravado pela professora. A ideia

inicial era de que eles expusessem, de maneira espontânea, os desenhos em sala de aula, quando haveria uma conversa sobre os elementos e as escolhas de representação. Infelizmente, devido às circunstâncias, tudo aconteceu de maneira individual e virtual, com troca de *e-mails* entre professora e alunos.

Ao analisar o material devolvido, percebeu-se que a grande maioria teve muito capricho e dedicação com a elaboração da atividade, observou os detalhes da ponte, do rio e do entorno, percebendo que, à medida que os anos passavam, a cobertura vegetal diminuía e as casas e os meios de transporte avançavam na paisagem. Acredita-se que os vídeos e explicações oferecidas durante os atendimentos *online*, contribuíram para essa compreensão, haja vista que as atividades foram realizadas e entregues em maior número depois das explicações e sugestões enviadas. Um grupo pequeno de alunos se concentrou em apenas representar a ponte, não como um ponto de partida, mas como o único elemento a ser representado, nas respostas estava o uso da madeira, do ferro e do concreto na confecção da ponte, enfatizando a modernidade e a evolução do uso de matérias ao longo do tempo.

Quanto à questão do porquê essas mudanças foram ocorrendo, alguns alunos conseguiram explicitar que, conforme mudava a necessidade das pessoas, alterava também a maneira que se relacionavam com a cidade. Falam bastante em “*necessidade de a cidade evoluir*” e “*as necessidades das pessoas mudam*” para justificar as mudanças na paisagem, evidenciando a elaboração de argumentos que fazem perceber que eles entendem as mudanças das formas e das funções que envolviam e envolvem a cidade ao longo dos anos, um passo importante para a construção do conceito de espaço geográfico.

Ao estabelecerem essas relações, nota-se que os Princípios Sistêmico e Organizacional e o Hologramático podem ser contextualizados, na medida que compreendem que essa parte do todo, Cachoeirinha/RS, se liga a outras partes e que sofre influências destas em sua constituição, e que o todo não é apenas a soma das partes, devido às suas peculiaridades. A seguir apresentamos o modelo da proposta de atividade e algumas das atividades realizadas pelos alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

1. Imagine que você chegou no território do atual território de Cachoeirinha/RS em 1700. Tenha como ponto de referência a ponte que liga a cidade a Porto Alegre/RS. Desenhe a seguir essa paisagem.

a) Observe o desenho. Por que você utilizou esses elementos em sua representação?

b) Agora imagine essa mesma paisagem em 1900. Desenhe novamente.

c) Os elementos representados são os mesmos do primeiro ou não? Por quê?

d) Observe atentamente os seus desenhos. Compare os dois. O que mudou? Por quê?

e) Em um terceiro desenho, imagine a mesma cena de Cachoeirinha/RS, só que agora no ano de 1970. Faça um novo desenho.

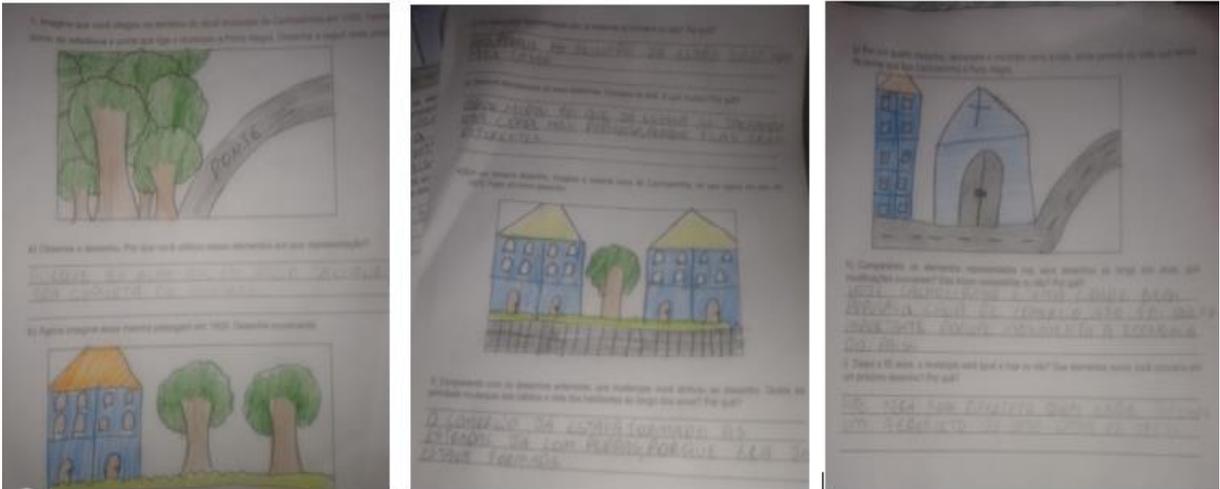
f) Comparando com os desenhos anteriores, que mudanças você atribuiu ao desenho. Quais as principais mudanças dos hábitos e vida dos habitantes ao longo dos anos? Por quê?

g) Em um quarto desenho, demonstre a cidade como é hoje, ainda partindo da visão que temos da ponte que liga Cachoeirinha/RS a Porto Alegre/RS.

h) Comparando os elementos representados nos seus desenhos ao longo dos anos, que modificações ocorreram? Elas foram necessárias ou não? Por quê?

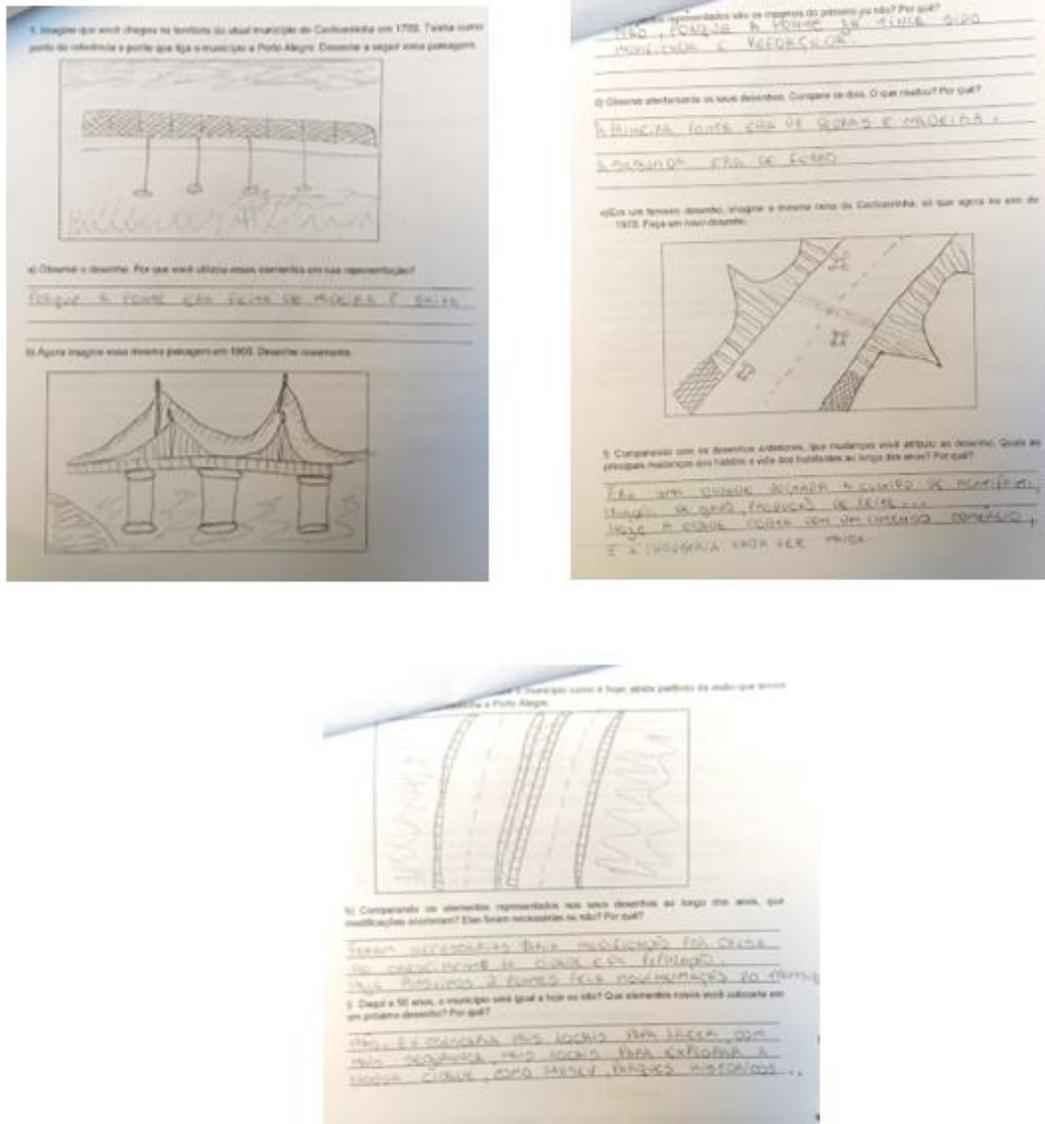
i) Daqui a 50 anos, a cidade será igual a hoje ou não? Que elementos novos você colocaria em um próximo desenho? Por quê?

Figura 8 - Representação feita por um aluno com as modificações da paisagem Atividade 1



Na Fig. 8 percebe-se a riqueza de detalhes, a modificação da paisagem a partir das informações que o aluno já tinha. Suas respostas são coerentes com os desenhos e justificam os elementos representados. Na primeira representação o aluno diz que utilizou estes elementos porque *“eu acho que Cachoeirinha era cheia de arvores.”* Na segunda imagem aparecem as casas, mas os elementos naturais ainda predominam na paisagem e na terceira representação as casas estão em maior número e aparece o asfalto. A aluno justifica sua representação dizendo que *“O que mudou foi que já estava se tornando uma cidade mais populosa.”* Na quarta representação a ponte está representada com uma curvatura, a igreja e o asfalto ganham destaque, assim como os prédios mais altos, a justificativa diz que: *“O comércio já estava formado, as estradas já com pedras. Ela já estava formada.”* Daqui a 50 anos o aluno imagina que: *“Vai estar bem diferente, quem sabe com um aeroporto ou uma linha de trem.”*

Figura 9 - Representação da atividade 1 realizada por um aluno – concentrada na ponte



Na Fig. 9 o aluno concentrou seus desenhos na ponte, falando sobre sua estrutura, como foi mudando ao longo dos anos, inicialmente “Feita de madeira e barro” e depois ganhando elementos que a deixaram mais firme, como “A segunda é feita de ferro”. Justifica estas mudanças porque “Foram necessárias várias modificações por causa de crescimento da cidade e da população. Hoje possuímos 2 pontes por causa da movimentação do trânsito.” Daqui a 50 anos ele imagina que a cidade estará diferente, propondo alguns atrativos: “Eu colocaria mais locais de lazer, com mais segurança, mais locais para explorar a nossa cidade, como museu, parques históricos...”

4.3 VAMOS CONTAR ESSA HISTÓRIA?

A escrita é uma importante forma de registro, ela permite sintetizar as aprendizagens, analisar as descobertas e verificar o que não ficou muito claro. Do mesmo modo permite expressar e mostrar como se enxerga o mundo. A proposta de atividade, apresentada nesta seção, pretendeu utilizar linguagem textual como forma de sintetizar as descobertas obtidas, oportunizando aos alunos serem autores de seus conhecimentos, buscando dar-lhes capacidade de organizar e sintetizar o que aprenderam com um texto escrito.

Ler e escrever em geografia é uma estratégia cognitiva disciplinar que, na parceria com as demais áreas, permite ao aluno adquirir uma visão de mundo, reconhecer e estabelecer seu lugar no espaço geográfico, o que inclui a noção também, da sua possibilidade de exclusão (SCHAFFER, 2007, p. 91).

Ao escrever, o aluno pode identificar o que entende de mundo, que relações tem com este lugar e como está inserido, ou não, nele, criando formas de atuar e modificar sua realidade, se assim desejar. Ao analisar os textos escritos pelos alunos nesta atividade, notou-se que muitos têm dificuldades em sintetizar e até mesmo em compreender o que deveria ser feito. Muitos apenas anotaram as respostas da atividade em uma folha do caderno e não realizaram a reflexão e nem a organização dos parágrafos.

Outros escreveram de forma aleatória, não relacionando o que tinham escrito nas análises dos desenhos anteriores com a construção textual de agora. Um número pequeno de alunos copiou trechos retirados da *internet*, que tratavam sobre a formação territorial de Cachoeirinha/RS. E a grande maioria não realizou a atividade. Assim, mais uma vez, reforça-se a importância de construir a habilidade de escrita autoral entre os alunos, fortalecendo sua criatividade e autonomia no processo de aprendizagem.

Ao comentar, nas atividades *online*, o porquê de muitos não terem feito o texto, eles não sabiam explicar, apenas explicaram que não conseguiram fazer. Parece claro que por não estarem na escola de forma presencial, acabaram selecionando as atividades que iriam desenvolver, deixando de lado as mais desafiadoras ou que exigiam uma demanda maior de tempo e análise para serem realizadas. Após conversa

virtual durante os encontros via *Google Meet*, mais textos foram sendo recebidos.

Acredita-se que, o conjunto composto pelo esclarecimento das dúvidas, pela explicação e pela interação com os colegas e com a professora fez eles se sentirem mais aptos para realizarem a atividade. A obrigatoriedade para a realização das tarefas, imposta a partir do mês de outubro, pela mantenedora, foi igualmente um ponto importante para fazê-los escrever (essa hipótese também não deve ser descartada), mas o número de entregas desta atividade permaneceu baixo.

Nota-se que a maioria dos textos era bastante superficial, destacando a transformação da paisagem ao longo dos anos, sem relacionar com fatos e acontecimentos espaço-temporais, como havia ocorrido com os desenhos e respostas das análises. Essas relações se efetivaram somente após a explicação da professora e os questionamentos propostos durante as atividades *online*. Como em sala de aula presencial, é gratificante ver os rostos surpresos e ouvir as expressões de “*agora entendi o que a senhora queria dizer...*”. Esses fatos evidenciam, novamente, a importância da presença e da interação com o professor, que auxilia na mediação do conhecimento.

A seguir apresentamos o modelo da proposta de atividade e um exemplo do material entregue pelo aluno.

4.4 ENTÃO FOI ASSIM?

Dando continuidade à proposta de verificar como o estudo da cidade facilitara o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade, a atividade seguinte intencionou fazer com que os alunos lessem e fizessem comparações entre os diferentes textos analisados em aula. O objetivo era compararem o que escreveram anteriormente com o que ocorreu com o território de Cachoeirinha/RS ao longo dos anos, estabelecendo conexões e reflexões sobre o que imaginaram ser e o que realmente aconteceu. A ideia é dar voz às suas produções aos questioná-los sobre o que ficou parecido ou não. O que mais lhe chamou a atenção, o que descobriram de novo e o que já imaginavam.

Kaercher (2007, p. 31) avulta que dar voz ao aluno é uma parte importante do processo de ensino aprendizagem, “ouvir o aluno é importante não só porque entendemos sua forma de pensar, mas sobretudo, porque percebemos a nossa ignorância em relação ao universo simbólico deles”. As problematizações propostas ao final da leitura oportunizaram o registro de suas aprendizagens, permitindo a reflexão sobre o mesmo. Essas questões foram respondidas de maneira oral, durante a atividade online, sem envio para a professora.

Reitera-se que esta é uma atividade que pretendia auxiliar os alunos a compreenderem a história da formação territorial da cidade, estabelecendo conexões entre diferentes visões de mundo, a deles e da pesquisadora. Após o envio da atividade via *e-mail*, na aula virtual foram esclarecidas as dúvidas, conversando sobre elas. Alguns mostraram surpresa ao perceberem como a história da cidade foi acontecendo. Disseram que seus textos estavam parecidos, usando as expressões “...só que o nosso não está tão bonitinho assim né sora?!...”. Assim, durante a conversa e leitura de trechos do texto, verificou-se que eles conseguiram identificar que a história de sua cidade está relacionada à história do Brasil como um todo. Ao relatarem que “*Então se não tivesse tido a briga entre Portugal e Espanha não existiria Cachoeirinha?*” ou “*Ah, então é por isso que a rua perto da prefeitura se chama Tapajós! Legal*”. Eles começaram a fazer conexões e a refletir sobre situações e acontecimentos que antes pareciam desconectados de seu cotidiano.

A seguir modelo enviado para os alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

3. Leia com atenção o texto *Que lugar é esse na estrada...*, de Grazielle Sensolo, que descreve a formação de Cachoeirinha/RS. Após, responda as problematizações:

Que lugar é esse na estrada...

Cachoeirinha/RS nasceu ao redor de uma rodovia, uma rede, que ligava distintas partes do Brasil, seguindo o processo histórico por qual passou todo o sul do país, com a tentativa de catequização dos indígenas e sua escravização. O reconhecimento e a instalação das sesmarias, os migrantes vindos da região de Laguna e a instalação da Aldeia dos Anjos, trouxeram população e impulso para a região dos atuais municípios de Gravataí e Cachoeirinha/RS. (MONTEIRO E SILVA, 2017)

Em 1730, iniciou-se a implementação dos primeiros assentamentos em Viamão e Gravataí, no chamado Rincão do Gravatahy, sesmaria de Pedro Gonçalves Sandoval. Em 1732, ocorreu a conclusão da Estrada dos Conventos ou Estrada Real, que ligava Viamão até Araranguá, levando a Curitiba. Quando, em 1736, terminaram as melhorias na nova estrada dos tropeiros, que levava as tropas até a Serra Geral por Santo Antonio da Patrulha, Gravataí entrou na rota de circulação de tropas. Com isso, a estrada começou a ter uma estrutura com boas instalações para pouso e despacho de embarcações para Rio Pardo ou Rio Grande. O local ficou conhecido como estratégico para o trânsito de carretas que iam da Aldeia dos Anjos até a capital da Província. Possuía também uma boa travessia pelo rio, já que havia uma formação rochosa que represava as águas, facilitando a travessia dos viajantes. (MONTEIRO E SILVA, 2017; MOMBACH, 1991)

Os primeiros assentamentos localizados na região do atual município de Cachoeirinha/RS também possuem sua história vinculada a disputas antigas entre os reinos de Portugal e Espanha por territórios além-mar. Após a assinatura do Tratado de Madrid, foi acordado entre os dois reinos que Portugal devolveria as terras da Colônia de Sacramento que estava em território espanhol, em troca das terras onde estavam localizados os Sete povos da Missões. Quem povoaria estas terras seriam povos vindos do arquipélago de Açores, que sofria com a superpopulação. Devido a isso e a assinatura posterior do Tratado de Santo Ildefonso (1777), os índios guaranis que estavam na região das missões deveriam deixá-la. Com a negação dos índios em deixar seu local de origem, eclodiu a Guerra Guaranítica. Naquele contexto, milhares de indígenas fugiram para o território português, estabelecendo-se na região do Rio Pardo e do atual município de Santa Maria (MONTEIRO E SILVA, 2017; MOMBACH, 1991)

O processo de colonização da região que corresponde aos limites do atual município ocorreu a partir da ocupação do Capitão Antonio Pinto Carneiro, que trouxera da região do rio os índios sobreviventes das guerras guaraníticas. Dessa forma, fundou-se a Aldeia Nossa senhora dos Anjos (MOMBACH, 1991). Quando o senhor José Marcelino de Figueredo chegou ao poder da Província de São Pedro, em 1772, a Aldeia dos Anjos começou a se desenvolver. Ele urbanizou o aldeamento por meio da construção de moinhos, olarias e escolas. Indígenas foragidos das Missões jesuítas do Uruguai foram levados a Gravataí e ensinados a trabalhar com a cultura

do arroz.

Nos primeiros anos da Aldeia, além das doenças e da fome, os índios enfrentavam a pressão da população portuguesa para que deixassem a região. Para tentar sanar os problemas entre brancos e índios, várias ações comunitárias foram desenvolvidas pelo governo de Antonio Carneiro a fim de apaziguar os ânimos e organizar melhor o território, que, por fim, obteve bom resultado. Mais tarde, os indígenas se estabeleceram nas proximidades de Itacolomi, entre o morro e a estrada antiga que existia até Pinhal. Esse local ficou conhecido como Potreiro dos Índios (MOMBACH, 1991).

Após a criação dos primeiros municípios do estado do Rio Grande do Sul, em 1809, a Aldeia dos Anjos tornou-se um distrito de Porto Alegre. Devido ao grande trânsito de carretas de mercadorias que vinham do Litoral Norte e de Santo Antonio da Patrulha, ela passou, posteriormente, à condição de vila. Em quatro meses, a vila tornou-se oficialmente o município de Gravataí, na data de 23 de outubro de 1880. O município, mais tarde, perdeu parte de seu território e, em 7 de junho de 1957, uma lei municipal criou o distrito de Cachoeirinha/RS. A emancipação ocorreu legalmente no ano de 1965, tendo sua implementação em 1966 (MONTEIRO E SILVA, 2017; MOMBACH, 1991)

A origem do nome do distrito remete a uma pequena queda de água que havia próximo à ponte sobre o rio Gravataí. Porém, o local que, inicialmente, foi visto como um ponto positivo, pois permitia a navegabilidade, mais tarde se caracterizou como um empecilho. Por isso, as rochas que davam origem à queda hoje não existem mais, haja vista que precisaram ser dinamitadas para permitir um maior fluxo de navegação no rio (MOMBACH, 1991; TEIXEIRA, 1998).

O município de 43,77km² pertencia aos Batistas, família dona de grande parte das terras da atual Cachoeirinha/RS. Com a morte do Coronel João Batista Soares da Silveira e Souza, em 1923, as terras foram divididas entre os herdeiros, que as lotearam. Com a expansão da vila que fazia parte de Gravataí, as ruas Tamoio, Tabajara, Tupi e Tapajós foram abertas para formar o primeiro loteamento, a Vila Cachoeirinha (MOMBACH, 1991). Uma grande área de terras ainda não loteada permanece no coração da cidade, conhecida pelos cidadãos como “Mato do Júlio”, a área mantém viva na memória dos habitantes as histórias do início da formação de Cachoeirinha/RS.

(SENSOLO, Grazielle Macedo Barreto. Porto Alegre, 2019).

a) Leia novamente o texto que você escreveu a partir dos desenhos. Agora, o compare com a leitura acima. Os textos trazem semelhanças entre si ou não? Quais?

b) Essa forma de ocupação e organização territorial pode ter ocorrido em outros locais do Brasil ou não? Por quê?

c) Cite 2 aspectos em que o município de Cachoeirinha/RS se assemelha a outros lugares? Por quê?

4.5 E CACHOEIRINHA/RS SE PARECE COM SITIOLÂNDIA OU NÃO?

Buscando trazer problematizações que levaram os alunos a refletirem e estabelecerem conexões entre o todo e as partes, utilizando conhecimentos dentro de suas especificidades, expõe-se, nesta subseção, uma atividade desenvolvida pelo professor Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni no livro “Ensino de Geografia – práticas e textualizações do cotidiano” (2005), páginas 69 a 74, parte II - A cidade de Sitolândia/RS – de modo a fazer com que os alunos percebessem que as histórias semelhantes ocorrem nas diferentes partes do globo, mas que todas contêm as suas especificidades, que as tornam únicas e especiais para cada indivíduo.

Tratou-se da atividade mais desafiadora, para ser realizada de forma remota. A atividade foi enviada em duas etapas, seguidas de um vídeo explicativo gravado pela professora. No vídeo, foram contextualizadas as informações descritas na problematização e esclarecidas, ao máximo, as possíveis dúvidas, que poderiam ser apontadas pelos alunos.

A atividade foi realizada e os alunos se empenharam em responder, apesar de grande parte das respostas ser bastante objetiva e sem muita reflexão, mas, eles conseguiram elencar os objetos ‘faltantes’ na legenda, respondendo aos questionamentos e identificaram que a falta de alguns elementos contribuía com os índices de desenvolvimento da cidade, tanto sociais, como econômicos. Alguns relacionaram a cidade de Sitolândia com seu bairro, percebendo que muitos dos elementos existentes nesse local imaginário estão presentes nele ou nas suas proximidades. Relacionaram a constituição da Igreja como elemento predominante em cidades do interior, devido à força da religião na vida dos imigrantes europeus e conseguiram perceber para onde e como Sitolândia poderia crescer e se desenvolver. Alguns apontaram que Cachoeirinha /RS também teve uma igreja construída próximo à ponte, o que evidencia o pensar no seu lugar e fazer relações entre diferentes partes do todo.

Quando questionados sobre a semelhança de Sitolândia e Cachoeirinha/RS, disseram que a vinda de imigrantes é uma delas, assim como as atividades agrícolas, que existiam no início da cidade, e que as duas iam acabar ‘evoluindo’, pois, com a chegada das indústrias e tecnologias, os “*locais tendem a crescer e se desenvolver mais*”. Discutiu-se sobre os problemas ambientais que as indústrias poderiam

acarretar, como colocar um curtume perto do rio ou das casas, e se eles conseguiram enxergar esse tipo de dano em Cachoeirinha/RS ou se pensavam em algum outro exemplo relacionado na cidade, eles não conseguiram estabelecer relações.

Esta atividade seria mais rica e interessante se pudesse ter sido trabalhada com mais tempo e presencialmente, contribuindo para que o Princípio da Reintrodução do Conhecimento pudesse ser explorado de maneira mais pertinente. De qualquer maneira, acredita-se ter despertado, nos alunos, esta vontade de conhecer, de fazer relações e estabelecer conexões, fazendo com que eles possam buscar suas próprias traduções para explicar o mundo, compreendendo-o, mesmo que provisoriamente. A seguir, apresentamos o modelo da proposta de atividade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Parte II A cidade de Sitolândia/RS

A seguir são apresentadas as informações para a contextualização de Sitolândia. Há três plantas urbanas que representam diferentes “momentos” temporais da cidade: 1920, 2000, 2020.

Dados para a contextualização:

A cidade foi fundada em 1855.

O município possui, no ano de 2000, 80 mil habitantes, sendo que 50% da população é rural.

A cidade está situada nos bordos meridiana do Planalto Arenito Basáltico Gaúcho (Planalto e Chapadas da Bacia do Paraná).

O município apresenta economia baseada no setor agrícola, sendo 80% dos imóveis rurais considerados “pequenas propriedades”.

Existem duas pequenas indústrias de calçados, cujas matrizes estão no Vale do Rio dos Sinos”.

A taxa de analfabetismo é de 40%.

A taxa de crescimento demográfico é de 3% ao ano.

Os ventos predominantes possuem sentido Nordeste-Sudoeste.

A diferença de altitude entre a rua “i” e a margem direita do rio é de 300 metros.

Sitiolândia 2000



Sitiolândia 1920



Sitiolândia 2020



Fonte: Castrogiovanni (2000, p. 70,71 e 72).

Problematizações (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 73-74):

- Que mudanças farias na Legenda existente na planta de 2000? Por quê?
- Entre os elementos fornecidos na contextualização, quais os que estão de acordo com a realidade do teu município? Por quê? E a do RS? Por quê?
- Entre os elementos representados na legenda da planta de 2000, quais os que acreditas não estarem de acordo com as informações da contextualização? Justifica.
- Que outro elemento uma cidade de 40 mil habitantes deve apresentar? (Pensa na tua cidade).
- O tamanho do núcleo urbano representado corresponde a uma cidade de 40 mil habitantes? Explica.
- Se optasses por viver em Sitiolândia, quais elementos que gostaria que ela oferecesse, além do já existentes? Por quê?
- A localização da igreja corresponde à realidade das cidades fundadas no final do século XIX? Por quê?
- Em qual local construirias uma indústria de calçados? E uma petroquímica? E um curtume? Por quê?
- Se no lugar da farmácia, situada na rua “i” e, for construído um prédio de 14 andares, a que horas do dia fará sombra na igreja? Por quê?
- Em que sentido, provavelmente, irá “crescer” a cidade nos próximos anos? Por quê?
- Quais elementos que demonstram a afirmação: “esta cidade está localizada na chamada área colonial gaúcha”? Por quê?
- A rodoviária está bem localizada? Explique.
- Em que margem do rio a mata já foi cortada? Que consequências podem ocorrer a partir desta atitude?
- Caso fosse o atual Prefeito de Sitiolândia e tivesse recurso para construir apenas um equipamento para a melhoria social da população, justamente no terreno “?”, o que construirias? Por quê?
- Na planta de 1920, pinta de vermelho a provável área urbanizada (ocupada) na época. Justifica a área escolhida.

Faz uma legenda para a planta de 1920, considerando o momento histórico. Consulta pessoas, fontes ou histórias de vida do início do século XX. Em qual ano gostarias de viver em Sitiolândia? Por quê? Quais os prováveis problemas que deveriam existir em Sitiolândia em 1920? Completa a planta do ano de 2020 empregando teu imaginário. Considera todos os ensaios de possibilidades projetados a partir das questões ecológicas (ambientais) e tecnológicas. Quais os prováveis problemas que deverão existir em Sitiolândia no ano de 2020? Por quê? E Cachoeirinha/RS se parece com Sitiolândia ou não? Por quê?

Figura 11 - Atividade realizada por um aluno referente a atividade 4

A) EU NÃO PROJEIA NADA PORQUE PARA MIM A PESSOA ESTÁ BOM CLARA.

B) NOTO QUE A MARCHA TEMPO COM MEU BOM PÓDIO NO PÁRQUE DA MATEIA ECONOMIA DAS TRAVES DO ELICITADO TEMEROSAS ALGUNS ALGUNS F. COM OS BARRIOS NISTIMOS MESMO DESSE BOM PÉSSIMO E DO AS TAMBAO, POU EXPONTERADOS EM TODAS AS CIDADES OS JATEM ECONOMIZADOS NA IMAGEM.

C) BARRIO QUE ESTÁ SALTANDO A PARTE QUE PRESENTA A ECONOMIA RUÍDICA A IMAGEM MOSTRA O MUNICÍPIO INDUSTRIAL E AS VERTICAIS SALAM DE UMA CIDADE RUÍDICA.

D) BARRIO QUE MEECARDS GRANDES, ATACADO E A PRINCIPAL FALTA ESCOLAS.

E) UMA CIDADE DE QUARENTA MIL HABITANTES E COM PRADA PEQUENA.

88888888

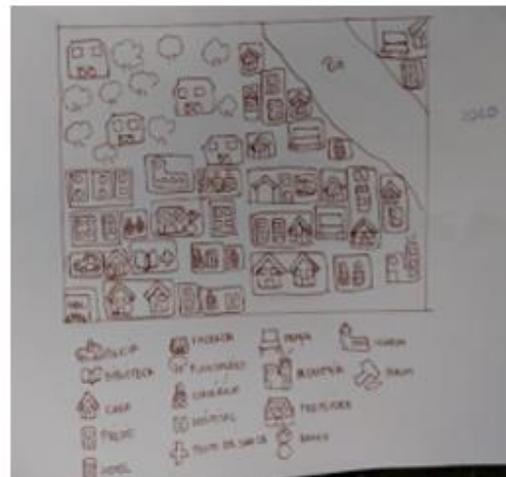
A) SENTI FALTA DE ESCOLAS E CRECHES PORQUE ESTAS NÃO PODEM FALTAR.

G) SIM POUO MATE PRECISO MATRIZO A IGREJA ERA O CENTRO CULTURAL DA CIDADE. A RELIGIÃO INFLUENCIAVA A VIDA POLITICA, ADMINISTRATIVA E CULTURAL DAS PESSOAS.

H) INDUSTRIAS DE LALÇADOS, E A PETAQUERIA NA DIVISA DA CAPITAL PARA ATENDER AS DUAS CIDADES, O CULTIVAR CONTRA O PACTO DA OUA CI PORQUE GERIO DE BOM ACESSO AQUELES FUNÇIONARIOS E NIX 95% TAM DE MORADIA NA SEMANA POR QUAL CASO TEM LONGE SENDO DE POUO VEM DAS CIDADES VISUINAS.



Planta de 1920



Planta de 2020

Percebe-se que o aluno conseguiu estabelecer boa relação entre a atividade e sua vida cotidiana. Trouxe elementos de seu bairro, achando a localização imaginária

semelhante com o local onde mora, ao dizer que: “ *Noto que a imagem se parece com meu bairro porque no Parque da Matriz encontramos todos os elementos fornecidos...*” na sequência ela diz que estes elementos também podem ser percebidos no Estado: “ *E do RS também pois encontramos em todas as cidades os elementos fornecidos na imagem.*” Identificou a falta de elementos que justifiquem a ruralidade da localidade imaginária, assim como a falta de escolas. Interessante quando ele justifica a questão “g” dizendo: “ *Acredito que não, porque a maioria construiu suas igrejas nas divisas com a capital.*” Tras a sua realidade para tentar explicar outras.

4.6 E ANTIGAMENTE ESSA ESTRADA ERA ASSIM...

Depois de explorar a história da ocupação da cidade por meio de desenhos, texto escritos e leituras, de analisar o modo de ocupação do espaço, como na atividade sobre a cidade imaginária de Sitiolândia, foi proposta a análise de outro tipo de texto: imagens. Tencionava-se observar imagens antigas de Cachoeirinha/RS, com o objetivo de transportar os alunos à reflexão sobre as formas e funções de diferentes locais, em diferentes épocas, além dos aspectos sociais e culturais que os antigos habitantes tinham, estimulando-os a perceber que “[...] nossa história pessoal implica em ocupar espaço, inclusive simbólico, entre os que nos precederam [...]” (KAERCHER, 2007, p. 26). Esses foram os que nos precederam, que importância eles tiveram? Foi uma das questões levantadas ao longo da exposição das imagens.

Os alunos receberam por *e-mail*, imagens de diferentes locais da cidade, em épocas distintas, e deveriam observá-las com atenção, tentando identificar o local de origem de cada uma. Na atividade realizada *online*, foram projetadas imagens e se conversou sobre esses locais – os alunos informaram que perguntaram para seus familiares se conheciam e sabiam onde elas haviam sido tiradas. Os relatos orais foram interessantes, já que muitos conseguiram interagir com as famílias, em um diálogo intergeracional, o qual ficará guardado na memória. À medida que se mostrava o mapa, pedindo que identificassem onde este local é hoje, houve uma surpresa em perceber como a paisagem da cidade foi se modificando ao longo do tempo.

Foi solicitado que anotassem, no caderno as informações, o que mais lhes chamou a atenção, de modo a responder os seguintes questionamentos:

- a) Quais imagens mais lhe chamaram a atenção? Por quê?
- b) Ocorreram muitas mudanças, ou não? Por quê?

c) Será que as mudanças foram boas para todos os moradores da cidade, ou não? Por quê?

A grande maioria recebeu as mudanças de forma positiva, identificando que foram necessárias para a modernização da sociedade. Contudo, não conseguiram relacionar essa ‘modernização’ à modificação da sociedade e das necessidades emergentes no mundo. Um pequeno grupo disse que não foram boas para todos, pois, certamente, quem vivia do plantio e da criação dos animais teve de ir embora ou mudar de atividade. Essa forma de análise demonstra maior capacidade de entendimento dos fatos como um todo. A seguir disponibilizamos as imagens observadas por um aluno e suas anotações em relação a elas.

Figura 11 - Imagens antigas da cidade

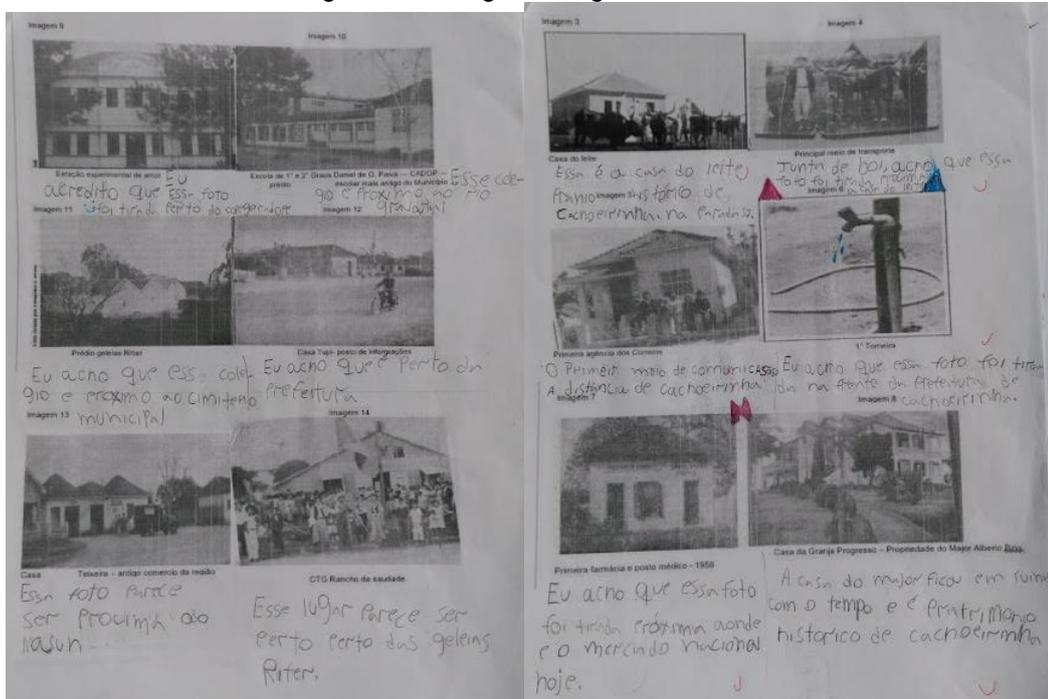
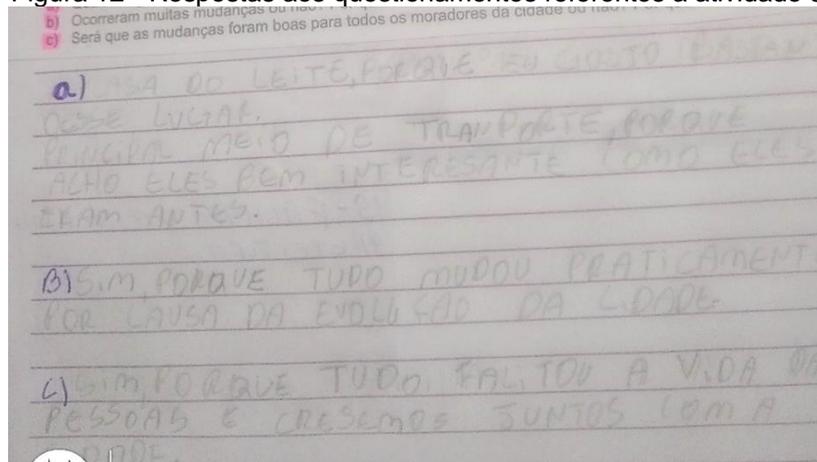


Figura 12 - Respostas aos questionamentos referentes a atividade 5



Na figura 12 o aluno realizou anotações em cada imagem, identificando onde estes elementos poderiam estar presentes nas diferentes épocas. Na figura?? As imagens que mais chamaram a atenção foram a Casa do Leite, pois mostra também o meio de transporte utilizado na época. Justifica as mudanças por conta da “*evolução das cidades*” e diz que elas foram boas “*porque facilitou a vida das pessoas e crescemos junto com a cidade*”

4.7 A CIDADE DE CACHOEIRINHA/RS NA ROTA TURÍSTICA

Após a verificação do histórico da cidade, notou-se que alguns elementos arquitetônicos descritos estão, ainda hoje, presentes na paisagem, mas, grande parte dos cidadãos e estudantes não os conhecem. Tornou-se oportuno propor uma atividade pedagógica que auxiliasse os alunos a compreenderem o mundo a partir das marcas referenciais que a cidade tem. Ao visitar o *site* do Governo do Estado do RS, obteve-se as seguintes sugestões de marcas referenciais²¹ na cidade de Cachoeirinha:

- a) Centro Tradicional Gaúcho (CTG) Guapos da Amizade;
- b) CTG Rancho da Saudade;
- c) Esporte Clube Cruzeiro;
- d) Faculdade Cesuca;

²¹ Segundo conceito trazido por Castrogiovanni (2013).

- e) Geleias Ritter;
- f) Horto Florestal;
- g) Parcão da Paz Ignácio Aloysio Herbert;
- h) Paróquia São Vicente de Paula;
- i) Parque Ambiental; e
- j) Parque Tancredo Neves (RIO GRANDE DO SUL, [201-?]).

Nem todas as marcas referenciais estão contempladas na descrição acima, mas são muitas as propostas pedagógicas que podem ser elaboradas a partir delas. Fazer com que os alunos analisem essas paisagens, buscando conhecer e valorizar esses espaços, parece ser uma boa alternativa à prática pedagógica. Castrogiovanni (2013, p. 385) sugere que, “[...] na leitura do espaço urbano, após a representação da visão global, parte-se para o estudo da visão específica. Na visão específica estudam-se os elementos marcantes da paisagem urbana [...]”. Tencionou-se traduzir para a área da educação essas análises que são sugeridas para um planejador.

Para melhor trilhar um campo do conhecimento, do qual ainda não se tem tanta intimidade, o Turismo, toma-se como base as propostas sugeridas na análise espacial de Castrogiovanni (2013), por acreditar que, mesmo essas não sendo voltadas a educadores, podem ser valiosas para uma prática pedagógica que dialogue com a cidade e desperte, nos alunos, essa visão do todo nas partes e das partes no todo. Desta forma, os faz perceber a riqueza do espaço urbano em que estão inseridos, e quiçá, despertar uma visão patrimonial que os faça querer preservar esses espaços como marcos identitários, importantes para a construção de suas próprias histórias como cidadãos. Ao longo do processo de construção espacial, inicia-se a desvinculação dessa construção, que tal retomá-la? Carlos (1999, p. 87) salienta que:

Assim o espaço coloca a dimensão da história de como o homem, ao produzir sua existência, produz um espaço enquanto processo de criação da *vida* humana em todas as suas dimensões. E como nesse processo, ao longo do tempo, o homem perde a dimensão do espaço como produto social.

Esquece-se, por vezes, da vida presente no espaço, fragmenta-se, interrompe-se o perceber do produto social e se transforma as estruturas em itens mais importantes do que as pessoas e as histórias por trás dessa construção. Para saber se colocar como cidadão, parte e participante da construção espacial, é preciso

conhecer e apropriar-se dos espaços de vivência, para poder propor e cobrar a qualificação desses locais ou não? Que tal partir de uma visão geral para uma mais específica, a fim de qualificar as ações, enquanto cidadãos, e melhor compreender o espaço geográfico?

No texto analisado, Castrogiovanni (2013) sugere que o ponto de partida deve levar em conta a visão geral. Como despertá-la nos alunos? Sugere-se começar com questionamentos voltados à visão geral que eles têm da cidade, com um diálogo e exposição de ideais. Assim, propôs-se a seguinte problematização: Cachoeirinha/RS será a cidade sede de um grande evento esportivo e vocês foram escolhidos para organizar a cidade para receber os turistas, como farão? Esse questionamento inicial pode fazê-los pensar sobre a história da cidade, sobre o que eles conhecem do seu lugar, sua visão geral, a visão do todo. Com esta questão, descobriu-se quais representações eles trazem sobre o seu lugar e que laços estabelecem com ele ou não, buscando compreender como se dá essa relação e como se pode auxiliá-los a compreender que a relação que se tem com o lugar vai influenciar na vida e na constituição da própria cidadania.

Após a exploração dos elementos gerais, das construções identitárias, dos aspectos mais globais que podem ser vislumbrados por este questionamento inicial, parte-se para as peculiaridades, para a visão específica. Que itens se consegue listar para visita? Por quê? Para essa etapa, foi necessário ter um conhecimento prévio da cidade, que se obteve com as atividades até aqui desenvolvidas. Sendo, então, possível explorar outros materiais, como, por exemplo, o *site* da Secretaria do Turismo do RS, conhecendo e deslumbrando os pontos turísticos sugeridos. Questionou-se se eles concordavam com a escolha dos pontos, quais outras sugestões teriam e porquê, permitindo-lhes maior autoria e autonomia na construção de seu conhecimento.

Assim é provável que, como sujeitos professores, desenvolvamos o exercício da escuta e do diálogo, auxiliando os alunos a se enxergarem como sujeitos urbanos, “[...] sujeitos atores que se movimentam e ajudam a (re)construir o espaço urbano” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 386), neles e nos demais seres sociais que agem neste espaço. Castrogiovanni (2013) afirma que marcos referenciais seriam a composição entre os sujeitos e as marcas. Esses servem de guia para a o fortalecimento das identidades construídas dentro dos espaços urbanos, mostram como as estruturas foram se organizando dentro do todo complexo, que é o espaço geográfico, e permitem visualizar as singularidades presentes nos locais, mesmo que estejam

altamente globalizados.

O próximo item observado nesta visão específica são os pontos de encontro. Que pontos de encontro há em Cachoeirinha/RS? Que pontos vocês julgam importantes para serem visitados? Por quê? Ao questionar os alunos durante uma aula *online*, não apareceram muitas sugestões novas, eles elencaram praticamente as mesmas opções compostas no *site* da Secretaria de Turismo. Muitos diziam não conhecer outros pontos da cidade, outros disseram que Cachoeirinha/RS “*não tinha nada de bom para ser visto*”. Alguns disseram que não havia investimento por parte do governo para incentivar a visita da cidade, que o “*Mato do Júlio podia ser transformado em um centro de lazer, onde a população pudesse aproveitar com segurança*”. Questionou-se sobre o que foi estudado e sobre as orientações recebidas, para que pensassem a respeito, a fim de estabelecer pontos de encontros e marcas referencias na cidade, a fim de torná-las atrativas a um turista.

Entre os inúmeros elementos trazidos pelo autor ao longo do texto, identifica-se nos *caminhos* a melhor opção para continuar trilhando essa jornada em busca de qualificar os processos educativos através da visão do turismo²², pois estes “[...] são partes das paisagens ou assumem em seus limites paisagens particulares” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 387).

Indaga-se como os caminhos ligam, entrecruzam as marcas referenciais listadas por eles, que dificuldades ou facilidades os turistas encontrariam ao trilhar esses caminhos? Eles seriam viáveis, possíveis ou não? Que impressões os turistas iriam ter? Vocês trilhariam esses caminhos ou não? Foi um momento de troca, de reflexão, de aprendizagem sobre a cidade e sobre si mesmos. Foi uma oportunidade de vivenciar a cidade descrita por eles, conhecendo-a por diversos ângulos, cada qual de um olhar, cada um com diferentes singularidades.

As palavras finais de Castrogiovanni (2013) enuncia que as propostas pedagógicas permitem a reflexão, o diálogo e a interação dos cidadãos-alunos com a cidade, e contribuem para a formação cidadã e para a compreensão do mundo a partir de seu lugar, mesmo que provisoriamente. Essa ideia também é partilhada por Callai (2000). “A cidade deve ser vista como um bem cultural onde devem ser valorizadas

²² Compreende-se a importância dos demais itens abordados, mas, utiliza-se apenas os caminhos que parecem mais apropriados, pois permitem que os alunos busquem trilhar, dentro do espaço urbano, um roteiro de análise, que estará repleto de significados e representações, que são fundamentais ao fazer pedagógico.

funções culturais que atendam à vida qualificada do sujeito cidadão. Nas leituras do turismo urbano, devem estar priorizadas as possibilidades em acentuar tais funções sociais” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 388). A fim de acentuar essas visões sociais pela leitura de seu lugar, descreve-se a proposta de oficina.

Solicitou-se uma pesquisa dos alunos sobre os bairros de Cachoeirinha/RS. Após, por meio de informações previamente selecionadas pela professora de um material disponibilizado pela Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal²³, elaborou-se uma aula expositiva e dialogada, analisando mapas que sintetizavam as informações contidas no documento dessa Secretaria, com equipamentos (praças, parques, áreas de lazer, etc.) que existem nas cidade, infraestrutura, postos de saúde, escolas, hospitais, densidade demográfica, índice de população distribuído por faixa etária e hidrografia. Explorou-se, do mesmo jeito, o *site* da Secretaria de Turismo do Estado do RS (RIO GRANDE DO SUL, [201-?]), buscando infográficos e mapas de diferentes regiões do estado, a fim de familiarizar os alunos com a organização da página virtual e com as informações ali disponibilizadas. A proposta elaborada pela professora seguiu o roteiro a seguir.

²³ Material elaborado pela secretaria de saúde de Cachoeirinha/RS.

CACHOEIRINHA/RS NA ROTA TURISTICA

Vocês vão imaginar que Cachoeirinha/RS será sede de um grande evento esportivo e que foram convocados para fazer o planejamento deste evento. Observem o mapa da cidade, a distribuição dos bairros. Pensem no que estudamos até aqui. Busquem as marcas referenciais que vocês julgam importantes que um turista conheça, se imaginem transitando pela cidade, conhecendo cada local. A partir disto crie um roteiro turístico de visita à cidade, respondendo as seguintes questões:

- a. Como chegar?
- b) Onde ficar?
- c) Onde comer?
- d) O que fazer?

Vocês podem colocar outros elementos que acharem apropriados, mas os itens destacados anteriormente são essenciais. Explore sites de turismo, de agências de viagem, conversem com seus familiares sobre a cidade e seus elementos, pesquise sobre o que é interessante de mostrar a um visitante. Sejam criativos.

Ao final, vocês irão reunir todas estas informações em um folder que será entregue pela Secretaria de Turismo de Cachoeirinha/RS aos turistas que visitarão a cidade durante o evento esportivo.

A atividade foi realizada com grande capricho por grande parte dos estudantes, sendo o principal problema a falta de atenção e a não observação dos itens que estavam sendo propostos. Muitos distribuíram as informações de qualquer maneira em uma folha, ou fizeram a descrição dos marcos referenciais, sem se preocuparem com os critérios exigidos pela proposta.

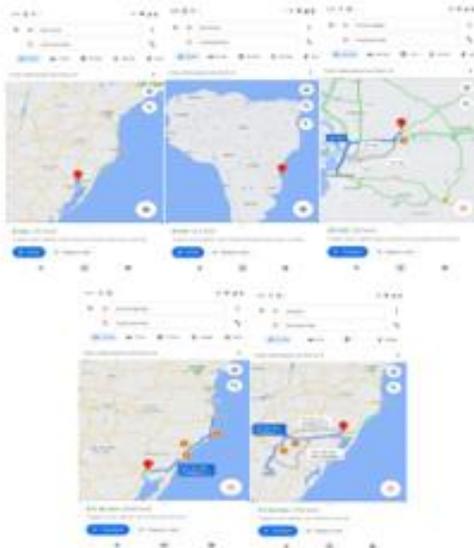
Mesmo após o encontro *online*, onde se mostrou como eles deveriam elaborar um *folder* turístico, utilizando sugestões de *sites* e as apresentadas pela professora, muitos continuavam sem compreender o que deveria ser feito. Mais uma vez, percebeu-se que a distância entre os sujeitos alunos e a professora interferiu de forma negativa no desenvolvimento da proposta. Identificou-se que eles conheciam mais sobre a cidade, que tinham interesse em destacar os pontos que acreditavam ser relevantes para uma pessoa conhecer, mas não souberam aplicar isso na prática.

A proximidade do fim do período letivo, o cansaço de um final de ano tão atípico e o fato de três professores terem testado positivo para a Covid-19, fez com que a escola fechasse totalmente no mês de dezembro, impossibilitando a entrega das últimas atividades de maneira presencial, pesou no pleno desenvolvimento dessa atividade, causando grande frustração, pois poucos foram os retornos deste folder. Em um dos últimos encontros *online*, a maioria dos alunos disse ter gostado muito das atividades, que conseguiu conhecer mais sobre a cidade, interagir com os familiares, que foi positivo. Compreende-se que se proporcionou aos alunos, mesmo que provisoriamente, um saber significativo e contextualizado.

Figura 13 - Folder produzido pelo aluno referente a atividade 6

Cachoeirinha - RS - Brasil

Como chegar?



O que fazer? Passeios ao ar livre, pracinhas, feiras de rua (parque e praça de esportes), passeios culturais (casa do leite, biblioteca pública, compras, playground, praça de alimentação (Shopping do Vale), etc...

Esportes: Parólio - R. Manoel Inácio, 1/9 - Parque de esporte Cachoeirinha RS, 94714-280



Praça de Esportes - Av. João de Deus, 1/9 - Vila Carlos Augusto Willers, Cachoeirinha - RS



Casa do Leite/Biblioteca pública Rua Duvidoso Manoel Sales, 71- Parque de lazer, cachoeirinha - RS



Shopping do Vale - Av. General Flores de castro,4001 - vila bom princípio Cachoeirinha



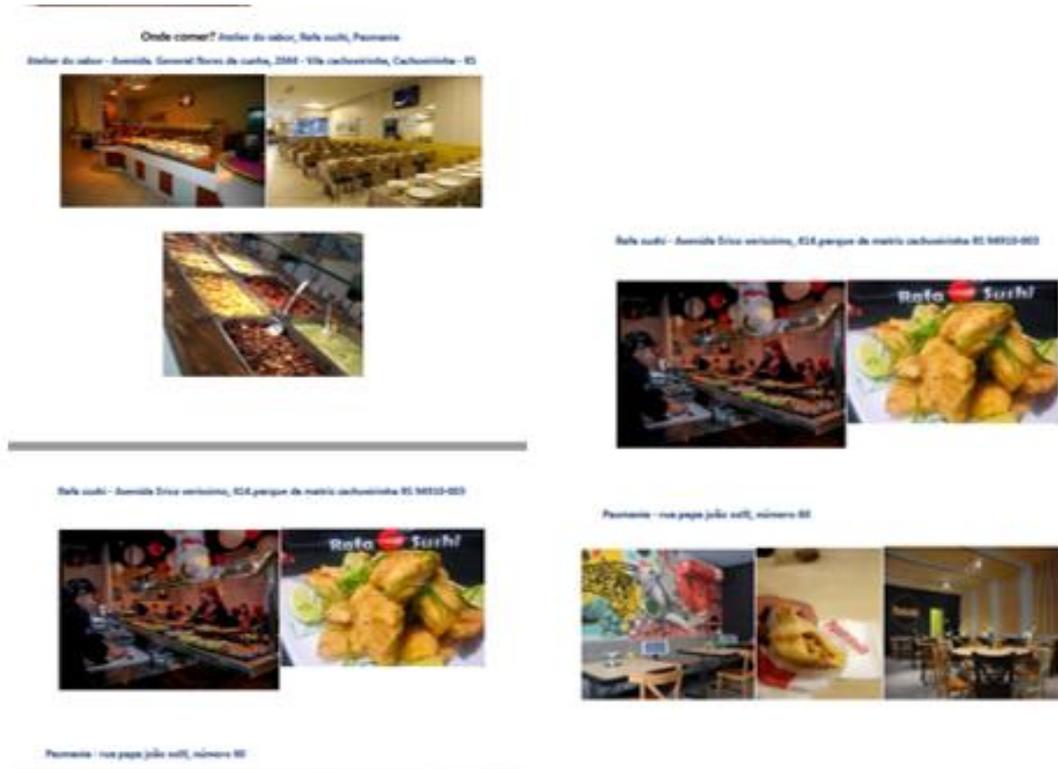
Onde ficar? Hotel Alamo, Hotel Pico, Milla Rural

Hotel Alamo - Av General Flores de castro, 4700 - Vila Bom princípio, Cachoeirinha - RS, 94710-401 - <http://www.almohotel.com.br/>



Hotel Pico - Av General Flores de castro, 783 - Jardim - Centro, cachoeirinha - RS, 94710-000 - <http://hotelcomocachoeirinha.blogspot.com/2011/>





A Figura 13 é um exemplo da última atividade proposta em nossa sequência didática. Foi entregue via e-mail, sendo realizada no computador e salva em um documento de PDF. O aluno seguiu os passos recomendados, utilizando recursos sugeridos pela professora. Utilizou mapas para localizar e sintetizar o “Como chegar” à cidade, mostrou fotos dos pontos sugeridos para visita, lazer, alimentação e pernoites, identificando a endereço dos mesmos. Poderia ter trazido mais informações referentes a eles, demonstrando porque estes locais merecem a visita. Infelizmente o distanciamento imposto pela pandemia dificultou a plena realização desta atividade, como já destacamos no decorrer do texto, mesmo assim foi gratificante poder conduzi-los por esta estrada do conhecimento, favorecendo a compreensão, mesmo que provisória, do espaço geográfico, através do estudo da cidade.

Desenvolver atividades com alunos de sexto ano sempre foi um grande desafio, é um período de transição entre a criança, que se deixa levar pelo futuro incerto, e o adolescente. Nem sempre é fácil estimular os alunos a conhecer o mundo ao seu redor, auxiliá-los nas descobertas do futuro e na compreensão do mundo – soa desafiador. Por isso, era preciso voltar à essência de pesquisadores para desenvolver práticas pedagógicas que auxiliassem a compreender conceitos pertinentes à descoberta do mundo, de diferentes realidades e possibilidades.

Informou-se aos responsáveis e aos alunos, por *e-mail* enviado à escola, com o cabeçalho contendo as atividades, que, a partir dos estudos sobre a cidade de Cachoeirinha/RS, seria desenvolvida uma dissertação de mestrado. Fez-se uma reunião com os pais para explicar a proposta, mas esta teve baixa adesão. Optou-se, então, por se gravar um vídeo e enviar aos pais, para explicar as atividades e deixá-los tranquilos quanto à exposição dos filhos. Apesar de todo esse movimento, poucos entregaram os termos de consentimento da pesquisa, o que, em parte, prejudicou a análise da produção dos alunos.

Durante um encontro virtual, foi novamente solicitado para que os responsáveis se fizessem presentes para esclarecer dúvidas, mas eles continuaram a ignorar essas solicitações. Sem entender o porquê de não enviarem os termos, mesmo após as explicações e esclarecimentos de dúvidas e dos elogios recebidos por *e-mail* quanto à qualidade na elaboração das atividades.

Apesar dos contratemplos, fez-se tudo a fim de que a pesquisa avançasse. Assim, iniciou-se a caminhada, rumo à estrada do conhecimento geográfico, partindo de Cachoeirinha/RS. Inicialmente, pensou-se nas práticas e como elas estavam favorecendo, ou não, o conhecimento dos alunos em relação a sua cidade, constatou-se que pouco avançavam rumo a esta questão. Buscou-se ouvir outros profissionais da rede, tentando entender a percepção que se tinha e se esses anseios eram compartilhados por outros colegas de profissão. Ao analisar suas repostas, entendeu-se que todos, em sua essência, traziam esta vontade de aproximar a vida dos alunos, seu cotidiano neste lugar, para ensinar Geografia. No entanto, igualmente não sabiam qual o rumo exato a tomar ou, se sabiam, não conseguiram explicar aplicando exemplos práticos.

Refletindo sobre as demandas em sala de aula, a visão que os alunos tinham sobre seu lugar, percebeu-se o quanto eles desconheciam sua história de formação, as diferenças entre as funções de formas da paisagem, em seu dia a dia não paravam para refletir sobre isso.

Após realizar algumas revisões de conteúdo, falar sobre a formação territorial do RS e observar as modificações nas paisagens ao longo dos anos, empregou-se o imaginário como forma de analisar o espaço em que estavam inseridos, usando os desenhos e considerando a cidade em diferentes tempos, eles puderam perceber o quanto a paisagem foi se modificando na medida em que as necessidades humanas iam se diferenciando da origem. Quando analisaram se as mudanças na cidade foram

boas para todos, deram-se conta de que para os produtores rurais e para o rio Gravataí elas não foram tão boas assim. Os alunos puderam perceber que sempre existe um certo desconforto em relação à mudança e que, se ela é boa para mim, pode ser que para outros não seja - isso faz parte do mundo. Esta é uma importante reflexão para se pensar sobre o próprio lugar, como e porque ele se constituiu e se constitui do jeito que é.

Referentemente aos Princípios da Complexidade emergindo é o segundo Princípio Sistêmico e Organizacional, que determina que não é possível conhecer o todo sem as partes e sem considerar que o todo não é apenas a soma das partes, pois a história deste lugar não está dissociada do contexto que a envolve e dos personagens que a tornam viva e dinâmica. Ao sintetizarem esses conhecimentos utilizando um texto, puderam estabelecer uma relação espaço-temporal, tentando explicar os porquês das mudanças, praticando seu poder de síntese e de expressão linguística, algo importante para exercer sua cidadania, pois demonstra que sabem se posicionar e expressar suas ideias com clareza em relação ao seu contexto.

Buscando estabelecer conexões entre o todo e as partes, no que a Complexidade chama de Princípio Hologramático, realizou-se a oficina de Sitiolândia, a fim de estabelecer conexão entre o texto e seu contexto, entre o todo e as partes. Na tentativa de estabelecer relações entre a cidade imaginária e a sua, foi proposto que os alunos refletissem a partir de suas óticas e percebessem que há outras formas de ver o mundo, depende da parte do todo em que se está, no entanto, existem conexões entre elas. Assim, esta área urbana em que os alunos estão inseridos pode ser trabalhada em todos os anos do ensino, pois faz parte do processo de movimento entre a escala local-global e seu retorno, sem ser cíclico, sendo valorizada como um ponto de partida e/ou de chegada.

Buscou-se fazer-los perceber que Cachoeirinha/RS é ao mesmo tempo uma parte e o todo. Quando se pensa no bairro temos a parte do todo que é Cachoeirinha/RS, que por sua vez torna-se parte do todo que é o Rio Grande do Sul, o Brasil e o mundo.

Ao observar a paisagem da cidade, percebe-se que ela faz parte do todo globalizado, paisagens urbanas são cada vez mais evidentes, mesmo em pequenas cidades. Processos urbanos complexos se engendram e orientam a ordenação espacial nessa parte, assim como no todo.

Nas atividades finais propostas, indicou-se que a partir do lugar e do

conhecimento que se tem dele, pode-se fazer sua própria tradução da realidade, tentando compreender o mundo, mesmo que provisoriamente, percebendo sua dinamicidade, poesia e beleza. Como afirmado, os caminhos desta estrada não foram fáceis, desafios surgiram a cada passo, mas o que seria da vida sem o inesperado? A Complexidade pareceu aliviar a jornada ao demonstrar que nada é definitivo e que a beleza do caminho está em observá-lo durante a caminhada. E isso foi o que se intencionou mostrar aos alunos durante essa jornada, tendo Cachoeirinha/RS como uma possibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Ao realizar esta pesquisa, buscou-se trilhar caminhos que articulassem os saberes geográficos com os saberes cotidianos dos alunos, por meio de propostas pedagógicas que oportunizassem aos educandos pensar o espaço geográfico a partir do seu lugar e da cidade de Cachoeirinha/RS, auxiliando-os a compreendê-los, mesmo que provisoriamente.

Refletindo sobre as práticas pedagógicas empregadas, notou-se que pouco se utilizava as análises e interpretações de mundo feitas em aula. Assim, surgiram as questões: Será que os demais professores da rede também se atentavam para essa questão, ou não? Por quê? A fim de descobrir como a cidade é trabalhada nas escolas de rede pública de Cachoeirinha/RS, fez-se entrevistas com professores da rede.

Para tanto, ponderou-se que era preciso compreender, igualmente, como os alunos se relacionam com sua cidade. Compreende-se que é importante ouvir o que esses têm a dizer. Por essa razão foi solicitado que eles entrevistassem alguém da família, elaborando questões como: Qual seu nome e sua idade? A quanto tempo vive em Cachoeirinha/RS? Você gosta da cidade? Por quê? É bom ser um cachoeirense? que pudessem lhes responder como é ser um cachoeirense. Após refletirem sobre o que ouviram dos familiares, deveriam pensar em si próprios, escrevendo um texto sobre como eles se viam enquanto cachoeirenses.

Ao ler suas produções, percebe-se como se davam as relações entre eles e a cidade; muitos falavam mal de Cachoeirinha/RS, diziam não ter nada de mais nela, que era ruim ter nascido ali, alguns nem gostavam de dizer que eram da cidade. Talvez por não a conhecerem e não a enxergarem como um lugar a ser reconhecido e valorizado, repleto de possibilidades. Outros diziam que os pais tiveram de mudar para lá buscando uma melhor condição de vida e conseguiram alcançá-la, por isso identificavam nela um bom lugar para viver. Em função desses achados, tencionou-se construir uma sequência didática que oportunizasse aos alunos conhecer sua cidade; construir uma memória afetiva sobre ela, junto com seus familiares; e resgatar histórias da cidade que lhes oportunizasse o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade e fortalecimento de sua cidadania.

Assim, construiu-se atividades que os desequilibrassem, auxiliando-os a pensar sobre a organização de Cachoeirinha/RS, isto é, se entendiam que as formas, funções, estruturas e processos da cidade nem sempre foram as mesmas, e se isso

interferia, ou não, em suas vidas. Com o isolamento social, imposto pela pandemia, foi necessário reorganizar as atividades, pois não havia mais o contato diário com os alunos. Todavia, em setembro de 2020, teve-se a oportunidade de ouvi-los e de interagir de forma mais próxima, quando foram permitidas, pela escola, a utilização de plataformas digitais para o desenvolvimento das atividades de forma remota. A partir do que já estava sendo desenvolvido, foram esclarecidas as suas dúvidas e auxiliados na compreensão de seu lugar.

Ainda dentro do período de isolamento social, iniciou-se uma sequência didática, com proposta principal de construção de desenhos e produção textual, por parte dos alunos, sobre como pode ter ocorrido a ocupação do território da cidade, analisando a formação de um território imaginário, tentando fazer com que os alunos notassem que a história e a formação de Cachoeirinha /RS são semelhantes com a de outros locais do globo. Após análise de imagens antigas da cidade, descobriu-se onde elas se localizavam, porque foram importantes para a vida dos primeiros habitantes, o que representavam, que funções esses locais tinham no passado e se ainda eram as mesmas, ou não. Investigou-se se eles conseguiriam compreender se essas formas e funções são as mesmas em outros lugares do Brasil, ou não. Percebe-se que após as interferências feitas durante as atividades online os alunos conseguiram compreender melhor estas questões, associando-as a sua vida cotidiana, interrelacionando assim os conceitos geográficos aos saberes, compreendendo a presença da geografia em suas vidas.

Após a análise de imagens e da planta da cidade, de mapas com a densidade demográfica, níveis de escolarização, hidrografia e distribuição dos equipamentos pelo território de Cachoeirinha/RS, imagens estas que foram apresentadas através de projeção durante um encontro virtual, modificou-se a proposta inicial de fazer uma saída pedagógica aos locais vistos nas imagens, por uma atividade turística, devido ao contexto da pandemia e ao não retorno das atividades presenciais na cidade, em 2020. A ideia proposta de criação de um roteiro turístico permitiu conhecer os locais ainda desconhecidos e ajudou a refletir sobre eles.

Foi interessante ouvir e ler o relato dos alunos quando observaram as fotos antigas da cidade e construíram o roteiro turístico, junto com suas famílias. Alguns apontaram a localização exata de onde esses equipamentos ficavam, pois os familiares frequentavam esses locais. Os parentes interagiram, trouxeram memórias e relatos de fatos que os alunos não sabiam, não conheciam de outra forma. Foi um

belo resgate, não só sobre a história da cidade, mas também de muitas famílias, que puderem perceber nessa reconstrução a importância de seu lugar, compreendendo, junto com os alunos, as modificações e as intenções por trás delas, refletindo, da mesma forma, sobre o impacto em suas vidas.

Analisando os objetivos específicos desta pesquisa, entende-se que, ao se buscar compreender como os alunos se relacionam com a cidade, tomando como estudo de caso a cidade de Cachoeirinha/RS, aproxima-se a prática de ensino à vida cotidiana dos estudantes, estabelecendo relações de pertencimento entre sujeito professor e sujeito aluno, favorecendo a aprendizagem mais significativa. Possivelmente conseguimos modificar sua maneira de se ver e se perceber no mundo, auxiliando-os a observar -lo mais atentamente, a fim de ler na paisagem da cidade, nas entrelinhas de seu lugar, o que não está escrito, por isso evidenciamos atingir o objetivo proposto de maneira satisfatória.

Ao mostrar, a partir das especificidades constituídas pelos estudantes, o que está ausente nos currículos escolares e que precisa emergir, em sala de aula, mediante conceitos e temas trabalhados pelo ensino de Geografia, pretende-se evidenciar as especificidades, muitas vezes negligenciadas pelo currículo, o qual, por muitas vezes é utilizado de maneira automática e não reflexiva, tornando a aprendizagem enfadonha e desconectada com a realidade. A partir da Complexidade, entende-se que o currículo deve ser reflexivo, construído a partir do diálogo e aberto a novas possibilidades. Ao desenvolver oficinas que recontem a história da cidade de Cachoeirinha/RS percebe-se essas especificidades, aspectos locais que se explicam a partir de sua história. Compreender como este lugar se organiza, como se tenciona e é tencionado pelo meio, como resiste aos processos de globalização e como evidencia suas peculiaridades possivelmente favoreceram a reflexão sobre práticas que podem ser desenvolvidas a fim de que os conceitos e temas da geografia possam ser trabalhados em um currículo articulado com a realidade local. Atividades que apresentem o lugar do aluno, valorizem sua apropriação e compreensão demonstram as ausências em sala de aula e temas ligados a estes aspectos e que precisam emergir dentro do currículo. Trazer o território, o lugar, a paisagem, as técnicas e as modificações e dinâmicas espaciais a partir de Cachoeirinha/RS evidenciou as ausentes que precisam estar presentes.

Ao construir propostas pedagógicas para ler e entender o lugar, a cidade e, conseqüentemente, o mundo, procura-se estabelecer o diálogo entre um currículo

integrado com a realidade local, relacionando os saberes cotidianos com os acadêmicos, de modo a oportunizar a compreensão, mesmo que provisória, do espaço geográfico em que se está inserido. As propostas geraram reflexão de como se pode desenvolver, nos estudantes, a capacidade de pensar geograficamente a partir do seu lugar, criando autonomia, mas sabendo que esta depende de outros fatores. Objetiva-se, igualmente, evidenciar a dialógica como forma de pensar o mundo por diferentes lógicas. Partindo-se das problematizações propostas, destaca-se, por parte do aluno, uma desordem e uma reordenação das ideias. Na busca pelo novo, eles, então, fazem sua própria tradução da realidade e se tornam, assim, autores de sua aprendizagem.

Sendo assim, entende-se que, para compreender como o ensino de Geografia, mediante o estudo da cidade, pode favorecer o entendimento do espaço geográfico em sua complexidade, é preciso entender como os alunos se relacionam com a cidade, ouvindo-os e dialogando com os seus saberes prévios, permitindo a interpelação dos conceitos frente às especificidades dos lugares, das paisagens e dos territórios, considerando a globalização. Assim, é provável, que as práticas pedagógicas que desenvolvam habilidades e competências favoreçam a reflexão do cotidiano e da vida em sociedade, para que os fenômenos locais possam ser aplicados a outras realidades, desenvolvendo a capacidade de representação espacial. Para tanto, o estudo do lugar e da cidade favorece na medida em que trata de questões ligadas ao espaço geográfico e seus conceitos-chave.

As paisagens são a porta de entrada neste espaço, pois, com um olhar atento, contam a história espaço-temporal de uma parte do espaço. Nesse compasso, entendê-las significa compreender sua própria identidade como cidadão de Cachoeirinha/RS. Essas questões precisam emergir em um currículo flexível e intrincado com as características locais, que oportunizaram novas aprendizagens e novas oportunidades de ler e compreender o mundo.

Provavelmente práticas pedagógicas que permitam aos educandos articular os conceitos geográficos com seus conhecimentos cotidianos, em diferentes escalas, tendo habilidades e competências que deem conta desta articulação tornam-se mais significativas.

Conclui-se, sem concluir, não esgotando as possibilidades que se abrem frente as bifurcações da estrada. Ainda há muitas dúvidas, como: teríamos mais sucesso se não estivéssemos em uma pandemia ou não? E se mais escolas tivessem participado

da pesquisa, os resultados seriam diferentes ou não? A respostas seriam as mesmas se fosse com uma escola da rede privada? Que outras atividades poderiam ser realizadas a partir da cidade? Seguimos, abertos ao diálogo, de modo a construir juntos, novos caminhos e possibilidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. A cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 9, n. 2, 2007.

ATLAS SOCIOECONOMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas socioeconômico**. 2021. Disponível em:
<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rmpa>. Acesso em: 3 set. 2021.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 8 ago. 2019.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS

BRASIL. **Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938**. Dispõe sobre a divisão territorial do país e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, mar. 1938. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del0311.htm. Acesso em jun./2020.

CACHOEIRINHA. Conselho Municipal de Educação. **Resolução N.º 025, de 31 de maio de 2019**. Institui as Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Infantil (pré-escola), altera as do Ensino Fundamental, orienta adequações à Base Nacional Comum Curricular para a Rede Pública Municipal de Ensino. Diário Oficial da União, Brasília, maio 2019. Disponível em: <http://cmecachoeirinha.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio. **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-169.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani A. *In*: CARLOS, Ana. (Org.) Apresentando a metrópole na sala de aula. **Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. P. 79-144

CASTRO, Alda; LAUANDE, Maria. Contribuições do currículo para a formação e profissionalização docente. *In*: NASCIMENTO, Ilma *et al.* (Org.). **Currículo escolar**: dimensões pedagógicas e políticas. São Luís: Edufma, 2010. p. 52-70.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.) **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.p.11-79

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 35-48.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 33-48.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo, organização e reconstrução do espaço urbano contemporâneo. **Revista Rosa dos Ventos**, p. 381-389, jul./set, 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2241>. Acesso em: 14 jun. 2020.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

CORRÊA, Roberto. **Processo, forma e significado: uma breve consideração**. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes>. Acesso em: 19 mar. 2020.

CORRÊA, Roberto. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Cidades**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 199-218, jun. 2011.

COSTELLA, Roselane. Competências e habilidades no contexto da sala de aula: ensaiando diálogos com a teoria piagetiana. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 226-240, jan./jun. 2011.

COSTELLA, Roselane; SCHAFFER, Neiva. **A geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em 23/11/2021.

ELKIND, David. **Crianças e adolescentes: ensaios interpretativos sobre Jean Piaget** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

FERNANDES, Mariane. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: à produção nas teses de pós-graduação em Geografia de 2001-2011**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**.

57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. Vida, espaço, edifícios: nessa ordem. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GELPI, Adriana; KALIL, Rosa. **A cidade comentada**: expressões urbanas e glossário em urbanismo. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2016.

GIL FILHO, Sylvio. Geografia cultural: estrutura e primado das representações. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 51-59, jan./dez. 2005.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>. Acesso em: 13 ago. 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura- notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e realidade**, v.22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

KAERCHER, Nestor. Práticas geográficas para repensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobri a si mesmo. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio; KAERCHER, Nestor. **Geografia**: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-33.

KLAUSBERGER, Marcos Irineu. **O ensino de Geografia no contexto das escolas de fronteira: transpassar os limites curriculares (Tese)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020. 546 páginas.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MACEDO, Lino. Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ENEM**: Exame Nacional do Ensino Médio. Textos teóricos e metodológicos. Brasília: MEC/INEP, 2009.

MACEDO, Roberto. **Currículo**: educação, currículo e avaliação. Pedagogia módulo 4, v. 2 – EAD. Ilhéus: Editus, 2011.

MATTOS, Carlos. Modernización capitalista y transformación metropolitana en América Latina: cinco tendencias constitutivas. *In*: LEMOS, Amalia; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, María. **América Latina**: cidade, campo y turismo. San Pablo: CLACSO, 2006.

MOMBACH, Cristina. **Memória de Cachoeirinha**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra, 1991.

MONTEIRO, Marcos; SILVA, Guilherme. **Fragmentos**: da colonização à emancipação de Cachoeirinha. Cachoeirinha, RS: Prefeitura Municipal de Cachoeirinha, 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

MORIN, Edgar. **Rumo ao Abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

PAULA, MARCELO, MORAES. **Geografia, espaço & interação**: 6º ano Ensino Fundamental: anos finais/ Marcelo Moraes Paula, Maria Angela Gomez Rama, Denise Cristina Christov Pinesso. – 1º Edição. São Paulo: FTD, 2018. p.18

PEREIRA, Caroline; DIAS, Dayana. A representação da paisagem através do desenho. *In*: SACRAMENTO, Ana; ANTUNES, Charles; SANTANA FILHO, Manoel. (Org.). **Ensino de Geografia**: produção do espaço e processos – formativos. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 221-240.

PEREIRA, Sueli. Etínia, raça e identidade: pontos e contrapontos no currículo escolar. *In*: NASCIMENTO, Ilma *et al.* (Org.). **Currículo escolar**: dimensões pedagógicas e políticas. São Luís: Edufma, 2010. p.127-145.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRINHA. **Plano municipal de saúde 2010-2013**. 2010. Disponível em: <http://www.cachoeirinha.rs.gov.br/portal/attachments/article/1664/Plano%20Municipal%20de%20Sa%C3%BAde%202010-2013%20.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRINHA. **Carta de zoneamento**. 2019. Disponível em: <http://www.cachoeirinha.rs.gov.br/portal/attachments/article-/1425/Carta-5-Zoneamento.jpg>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRINHA. Secretaria Municipal de Educação. Escola Dagmar de Lima Mucillo. **Projeto Político Pedagógico – PPP 2020-2025**. Cachoeirinha: [s.n.], 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Cachoeirinha - o que fazer**. Porto Alegre, [201-?]. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/oquefazer/50/cachoeirinha>. Acesso em: 20.05 2021.

SAKAKIBARA, Gabriel. **Classificação das áreas urbanas e rurais no Brasil: uma discussão a partir dos territórios municipais**. Dissertação (Mestrado de Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2019.

SANTOS, Flaviane; OLIVEIRA, Pablo. As redes geográficas na era da globalização: algumas reflexões sobre a rede urbana em sua historicidade e na prática teórico-metodológica. **Formação**, São Paulo, v. 26, n. 47, p. 1-22, fev. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SENSOLO, Grazielle; CASTROGIOVANNI, Antonio. A cidade e suas representações: compreender provisoriamente o espaço urbano. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio. (Org.). **Movimentos para ensinar geografia – revoluções**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021.

TEIXEIRA, Ruy. **Cachoeirinha e sua história – reminiscências**. Porto Alegre: Edigal, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

YOUNG, Michael. Superando a crise na teoria do currículo: uma abordagem baseada no conhecimento. **Cadernos Cenpec – Pesquisa e Ação Educacional**, v. 3, n. 2, p. 226-250, 2013. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/238/249>. Acesso em: 19 set. 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ATIVIDADES OPORTUNIZADAS, NÃO ANALISADAS NA PESQUISA

Como apresentado ao longo deste estudo, haviam três educandos com necessidades especiais nas classes em que a pesquisa foi aplicada, eles apresentavam paralisia cerebral, deficiência intelectual e motora. Assim, foi necessário adaptar as atividades aplicadas à turma para que eles tivessem a oportunidade de desenvolvê-las da mesma forma, mas em seu nível de entendimento. Expõe-se, no Apêndice A, algumas das atividades oportunizadas, que não foram analisadas nesta pesquisa, por falta do termo de consentimento dos responsáveis. Mostra-se apenas as propostas, de modo a divulgar a importância e a preocupação que se tem com a inclusão escolar de todos os estudantes.

O LUGAR E A PAISAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

Os conceitos importantes para compreender a Geografia

ATIVIDADES:

O LUGAR E A PAISAGEM

PARA A GEOGRAFIA, O LUGAR É UM LOCAL QUE TEM SIGNIFICADO E IMPORTANCIA PARA NÓS. PENSE EM UM LUGAR QUE VOCÊ GOSTA MUITO DE ESTAR E DESENHE ELE ABAIXO.

PARA A GEOGRAFIA, A PAISAGEM É A PARTE DE UM LOCAL QUE VEMOS EM UM DADO MOMENTO. O QUE VOCÊ VÊ NESTE MOMENTO? DESENHE ABAIXO;

AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

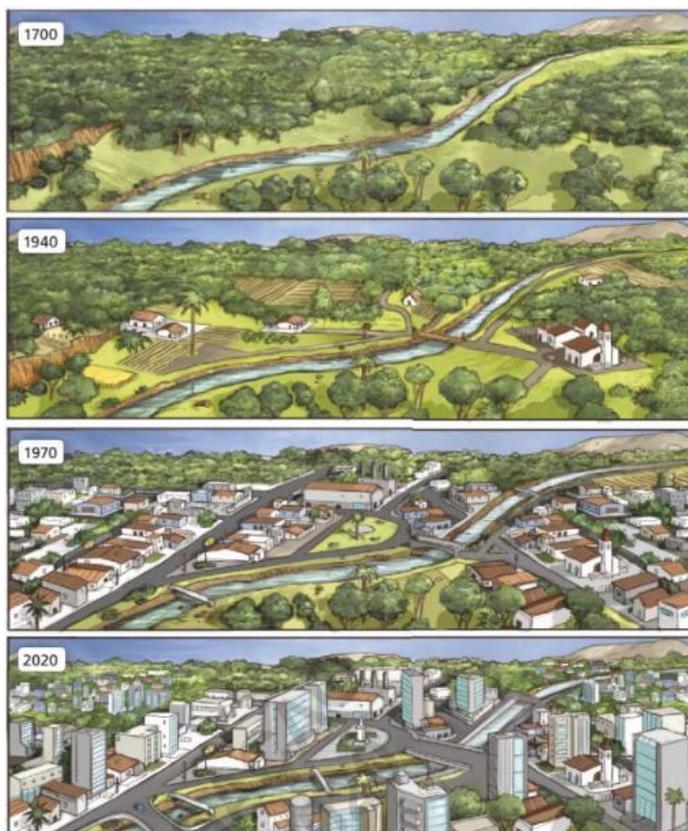
Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS

1. OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR. COM A AJUDA DA FAMÍLIA, APONTE AS DIFERENÇAS.



Fonte: Livro didático- Geografia, Espaço e interação – 6ºano do Ensino Fundamental, p. 18

2. ESSE LOCAL PODERIA SER CACHOEIRINHA? (PODE RESPONDER ORALMENTE)

AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
 - ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.
- AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS

1.COM AJUDA DA FAMILIA, LEIA O TEXTO A SEGUIR:

AS MUDANÇAS NA PAISAGEM

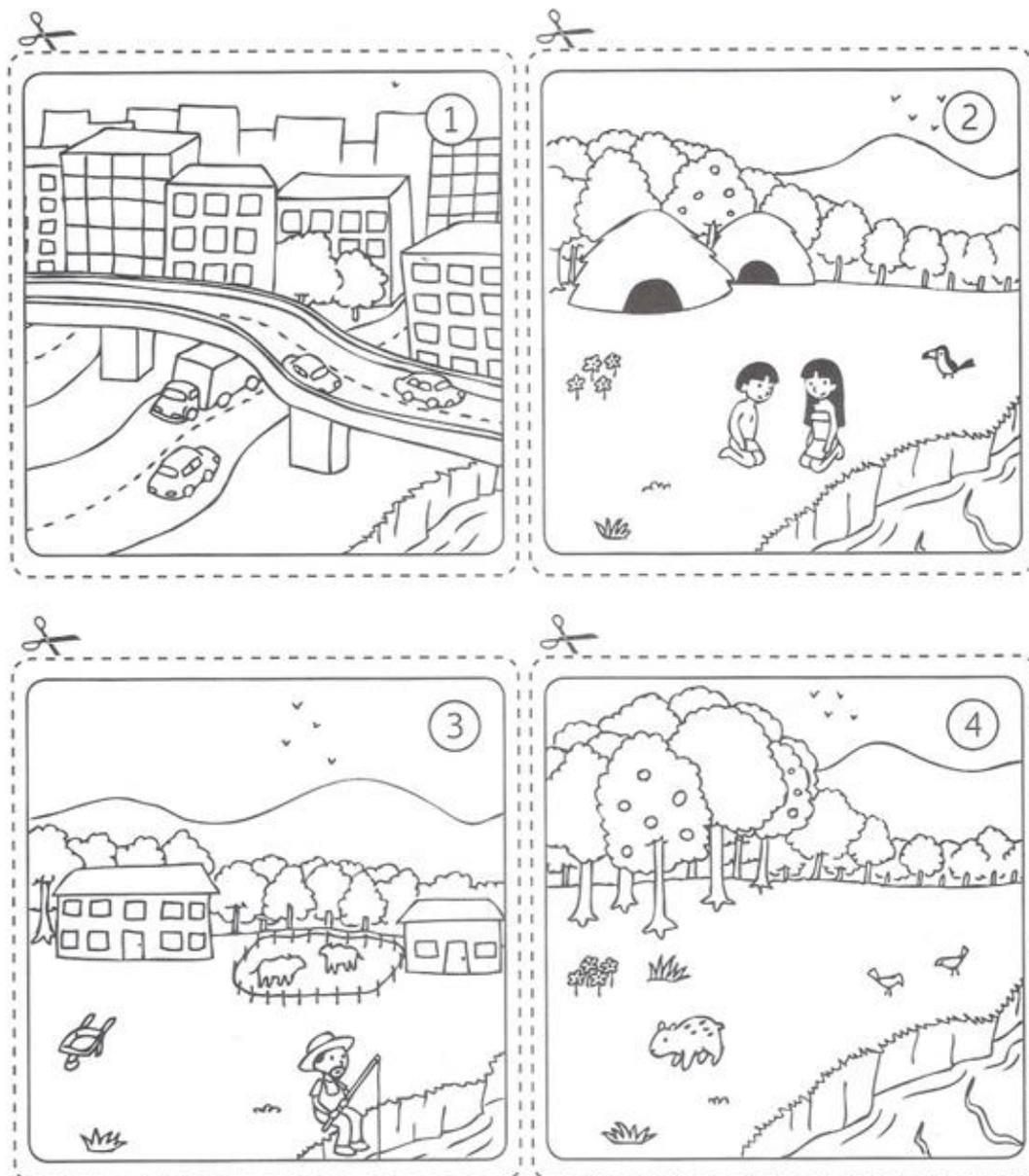
NOS TEMPOS ANTIGOS, QUANDO OLHÁVAMOS A PAISAGEM, ELA ERA NATURAL, COM MUITAS ÁRVORES E ANIMAIS. DEPOIS OS SERES HUMANOS COMEÇARAM A APARECER, VIVENDO JUNTO COM AS ÁRVORES E OS ANIMAIS, CONSTRUINDO PEQUENAS CASAS.

MAIS TARDE, AS CASA ERAM GRANDES, FEITAS DE MADEIRA OU TIJOLOS E OS SERES HUMANOS TINHAM PLANTAÇÕES E CRIAVAM ANIMAIS.

POR FIM SURGIRAM AS CIDADES, COM CARROS E PRÉDIOS.

A) OBSERVE AS IMAGENS COM ATENÇÃO, PINTE OS DESENHOS.

B) RECORTE AS IMAGENS E COLE NO CADERNO SEGUINDO A ORDEM DOS FATOS DESCRITOS DO TEXTO.



Fonte: <https://atividadespedagogicas.net/2019/05/avaliacoes-de-geografia-sobre-paisagens.html> Acesso em 18/05/2019

A PAISAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

ROTEIRO

A PAISAGEM

1. OBSERVE AS DUAS IMAGENS A SEGUIR, ELAS MOSTRAM A ENTRADA DE CACHOEIRINHA EM DIFERENTES ÉPOCAS.

A) VOCÊ CONSEGUE NOTAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS IMAGENS?
CIRCULE ESSAS DIFERENÇAS.



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=447575>
Acesso em 18/05/2019



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@29.9578197,51.1094055,3a,75y,12.7h,87.53t/data=!3m6!1e1!3m4!1sITDMhLf0CjEIDivGfUfzVA!2e0!7i16384!8i8192?hl=pt-BR> Acesso em 18/05/2019

A PAISAGEM II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

A PAISAGEM

1. ESSA ERA A CASA DO LEITE EM 1940



ESSA É A CASA DO LEITE EM 2019



A) MARQUE UM "X" NAS MUDANÇAS DA PAISAGEM

A PAISAGEM MUDA COMO A GENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

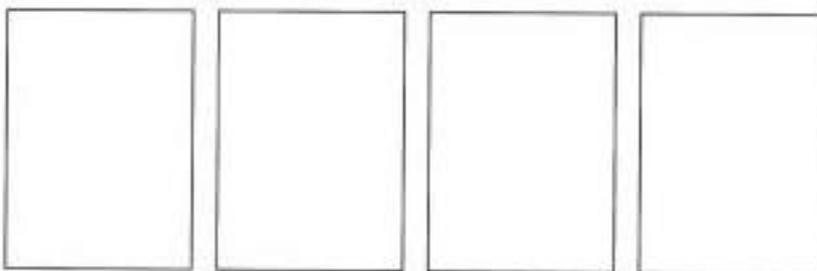
Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

A PAISAGEM

CACHOEIRINHA MUDOU MUITO AO LONGO DOS ANOS. NOS MUDAMOS TAMBÉM. OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR, APÓS FAÇA O QUE SE PEDE:

1 AS FIGURAS ABAIXO REPRESENTAM AS VÁRIAS ETAPAS POR QUE UMA PESSOA PASSA DURANTE A VIDA.
 RECORTE AS FIGURAS E COLE-AS NA SEQUÊNCIA.



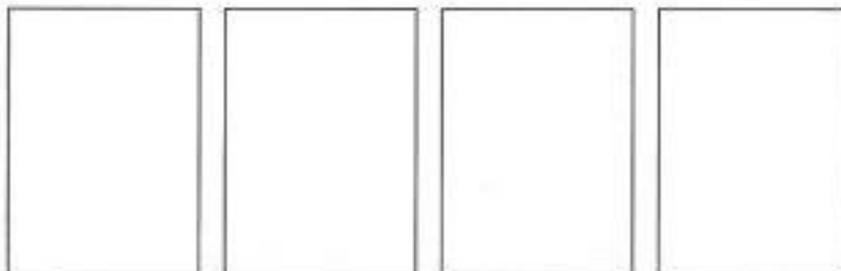
2 AGORA, FAÇA UM X NO DESENHO QUE REPRESENTA VOCÊ HOJE. DEPOIS, PINTÉ AQUELE QUE MAIS SE PARECE COM SEU PAI.



EU NO TEMPO

1 OS DESENHOS ABAIXO REPRESENTAM AS VÁRIAS ETAPAS POR QUE UMA PESSOA PASSA DURANTE A VIDA.

RECORTE AS FIGURAS E COLE-AS NA SEQUÊNCIA.



2 AGORA, FAÇA UM X NO DESENHO QUE REPRESENTA VOCÊ HOJE. DEPOIS, PINTE AQUELE QUE MAIS SE PARECE COM SUA MÃE.



2. LEIA AS FRASES A SEGUIR, APÓS REPRESENTE CADA UMA DELAS COM UM DESENHO.

- A) CACHOEIRINHA ERA UMA GRANDE FAZENDA
- B) SE TRANSFORMOU EM UMA PEQUENA CIDADE.
- C) HOJE É UMA CIDADE BONITA E DESENVOLVIDA.

DIFERENTES PAISAGENS DA CIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

A PAISAGEM

1. OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR:



SHOPPING



MATO DO JÚLIO

REPONDA (PODE SER ORALMENTE)

- A) QUAL DESSAS IMAGENS MOSTRA UMA PARTE MAIS ANTIGA DA CIDADE?
- B) DE QUAL VOCÊ GOSTA MAIS? POR QUÊ?

CACHOEIRINHA AO LONGO DO TEMPO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

1. CACHOEIRINHA ERA UMA GRANDE FAZENDA, HOJE ELE É UMA CIDADE URBANIZADA.

A) RECORTE DE JORNAIS, REVISTAS, LIVROS, ETC. TRÊS IMAGENS QUE REPRESENTAM ELEMENTOS DA FAZENDA E DA CIDADE E COLE A SEGUIR:

FAZENDA

CIDADE

PONTOS TURISTICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

1. DEPOIS DE CONHECER A CIDADE, VER QUE ELA SE MODIFICOU COM O PASSAR DOS ANOS VAMOS DESCOBRIR MAIS ALGUMAS COISAS SOBRE ELA. PARA ISSO REALIZAE A ATIVIDADE A SEGUIR:

Elevador de Salvador (Salvado, BA)
 Cataratas de foz do Iguaçu (Foz do Iguaçu. PR)
 Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida (Aparecida, SP)
 Cristo Redentor (Rio de Janeiro, RJ)
 Lençóis Maranhenses (Barreirinhas, MA)



- A) ELAS SÃO PONTOS TURISTICOS DE CIDADES DO BRASIL. VOCÊ JÁ VIU ALGUMA DELAS ANTES?
- B) QUAL VOCÊ GOSTARIA DE CONHECER?

PAISAGENS TURISTISTICAS DE CACHOEIRINHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACÉDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

1. NA ATIVIDADE ANTERIOR VOCÊ OBSEVOU IMAGENS DE PONTOS TURISTICOS DE CIDADES BRASILEIRAS. OBSERVE AGORA IMAGENS DE PONTOS TURISTICOS DE CACHOEIRINHA:



Geléias Ritter



Horto Florestal



Parcão da Paz Ignácio Aloysio Herbert



Paróquia São Vicente de Paulo



Parque Ambiental



Parque Tancredo Neves



Shopping do Vale



Ruínas da Casa Major Alberto Bins



Faculdade CESUCA

- A) VOCÊ CONHECE ALGUM DELES? QUAIS?
B) QUAL VOCÊ NÃO CONHECE E GOSTARIA DE CONHECER?

JOGO DOS PONTOS TURISTICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

ATIVIDADE:

1. NA ATIVIDADE ANTERIOR VOCÊ OBSERVOU IMAGENS DE PONTOS TURÍSTICOS DE CACHOEIRINHA. AGORA ESCOLHA UM DELES, DESENHE NO CADERNO OU RECORTE IMAGENS QUE POSSAM REPRESENTÁ-LO. APÓS, COM AUXÍLIO DA FAMÍLIA, ESCREVA UMA PALAVRA OU FRASE, DIZENDO PORQUE ESSE LUGAR DEVE SER VISITADO.

2. OS PONTOS TURÍSTICOS SÃO IMPORTANTES PARA A CIDADE POIS CONTAM A SUA HISTÓRIA E ATRAEM VISITANTES. OBSERVE AS PALAVRAS A SEGUIR, DESEMBARALHE AS LETRAS E DESCUBRA OS NOMES DOS ALGUNS PONTOS TURÍSTICOS DE CACHOEIRINHA:

- A) PPINGSHO –
- B) CACESU –
- C) CÃOPAR –
- D) NHABADO –
- E) GTC -

PRATICANDO A CIDADANIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PESQUISADORA: GRAZIELLE MACEDO BARRETO SENSOLO

Aluno(a): _____

Orientações:

- ✓ Leia as informações com a criança, converse com ela sobre o que entendeu. Auxilie sempre que necessário, mas permita que ela realize a atividade com o máximo de autonomia possível.
- ✓ A atividade pode ser realizada nesta folha ou no caderno.

1. DESCOBRIMOS MUITAS COISAS SOBRE A CIDADE. AGORA IMAGINE QUE VOCÊ SERÁ O/ A PREFEITO/PREFEITA DA CIDADE. COLE IMAGENS OU FAÇA UM DESENHO SOBRE UMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER PELA CIDADE.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

do Estudante menor de 18 anos
(para pais/responsáveis)

Prezados Pais ou Responsáveis,

Eu, Grazielle Macedo Barreto Sensolo, responsável pela pesquisa “NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO CACHOEIRINHA SURGE COMO UMA POSSIBILIDADE”, estou fazendo um convite para seu/a filho/a participar como voluntário/a nesse estudo. O objetivo principal deste estudo compreender se o trabalho com o município favorece a construção do conceito de Espaço Geográfico e o entendimento do mundo por parte dos alunos. O estudo adquire importância ao permitir que possamos rever nossas práticas educativas em favor de nossos alunos, auxiliando-lhes a compreender seu lugar para entender o mundo. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa Qualitativa Participante, que irá propor atividades em sala de aula e estudos de campo sobre a temática com os alunos que tiverem o Termo de Consentimento assinado por seus pais ou responsáveis. A participação de seu/sua filho/a neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pela pesquisadora que manterá a identidade de seu/sua filho/a no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da participação de seu/sua filho/a no estudo. Ao participar seu/sua filho/a estará contribuindo para a produção de conhecimento e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas, da Escola e dos professores, junto aos alunos. Caso você e seu/sua filho/a tenham qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) localizado na Av. Paulo da Gama, 110 Sala 301 Prédio Anexo I da Reitoria CEP: 90040-060 - Bairro Centro - Porto Alegre – RS, também estará disponível pelo telefone (51) 3308 3738 ou e-mail: etica@propeq.ufrgs.br, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h00min às 17h, bem como com o pesquisador responsável, pelo telefone (51) 99883 9824. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações. Ao assinarem este termo de consentimento, você e seu/sua filho/a não abrem mão de nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assinem este termo de consentimento a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em autorizar a participação de seu/sua filho/a neste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento ou irá acessar o link disponibilizado a seguir para a versão do termo online. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação de meu/minha filho/a é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que meu/minha filho/a, mesmo após minha autorização, pode optar por não participar da pesquisa. Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que meu/minha filho/a será submetido/a,

dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar a participação do que meu/minha filho/a neste estudo.

Assinatura do participante _____

Assinatura do responsável _____

Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__

Linck para acesso ao termo online:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScKS_6CliaDrUXIIRHtN6tZqBAyvT6zGcVZqzEuj3rcr4dVGg/viewform?usp=sf_link

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

do Estudante menor de 18 anos

Olá tudo bem? Gostaria de lhe convidar a participar de uma pesquisa intitulada: “NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO, CACHOEIRINHA SURGE COMO UMA POSSIBILIDADE”. O objetivo principal deste estudo compreender se o trabalho com a cidade favorece a construção do conceito de Espaço Geográfico e o entendimento do mundo. O estudo adquire importância ao permitir que possamos rever nossas práticas educativas em favor de vocês, alunos, auxiliando-lhes a compreender seu lugar para entender o mundo. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa Qualitativa Participante, que irá propor atividades em sala de aula sobre a temática. A sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pela pesquisadora que manterá a sua identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo. Ao participar você estará contribuindo para a produção de conhecimento e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas, da Escola e dos professores. Caso você e seus responsáveis tenham qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) localizado na Av. Paulo da Gama, 110 Sala 301 Prédio Anexo I da Reitoria CEP: 90040-060 - Bairro Centro - Porto Alegre – RS, também estará disponível pelo telefone (51) 3308 3738 ou e-mail: etica@propesq.ufrgs.br, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h00min às 17h, bem como com o pesquisador responsável, pelo telefone (51) 99883 9824 ou e-mail profgraziellesensolo@gmail.com. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações. Ao assinarem este termo de consentimento, você e seus pais ou responsáveis não abrem mão de nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assinem este termo de consentimento a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em autorizar a participação deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento ou preencherá o formulário online no link disponibilizado a seguir. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação de meu/minha filho/a é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que meu/minha filho/a, mesmo após minha autorização, pode optar por não participar da pesquisa. Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que meu/minha filho/a será submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e

esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar a participação do que meu/minha filho/a neste estudo.

Assinatura do participante _____

Assinatura do responsável _____

Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__

Link para acesso ao termo via formulário online:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfgRVU5WbiQuTRQkFPAswQUT2AdpsTPt1YZFCdCfwlEXv-27g/viewform?usp=sf_link

**APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA
CIENTÍFICA (TAPC)
(para Instituições)**

**TERMO DE ANUÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA
(TAPC)
(para Instituições)**

A pesquisa "NA ESTRADA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO CACHOEIRINHA SURGE COMO UMA POSSIBILIDADE". O objetivo principal deste estudo visa compreender se o trabalho com a cidade favorece a construção do conceito de Espaço Geográfico e o entendimento do mundo por parte dos alunos. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa Qualitativa Participante, que irá propor atividades em sala de aula e estudos de campo sobre a temática abordada. Os dados serão coletados e analisados pela pesquisadora Grazielle Macedo Barreto Sensolo, Mestranda, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integrante na linha de pesquisa em Ensino de Geografia. A pesquisadora proponente (telefone 51- 99883 9824, e-mail: grazisensolo@gmail.com) é o responsável por esta pesquisa e assegura que não serão identificados os participantes, as pessoas e instituições eventualmente citadas no processo de coleta de dados, mantendo-se o anonimato dos dados colhidos, que serão utilizados apenas nesta pesquisa. O/A Diretor/a do Colégio/Escola: EMEF Dagmar de Lima Mucillo no uso de suas atribuições e poderes a ele conferidos, autoriza a realização da pesquisa em sua Unidade Escolar e declara ter recebido as informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como os estudantes participarão desta investigação, sem ser coagido a responder eventuais questões consideradas de menor importância ou constrangedoras. A instituição apresenta a ciência de que, a qualquer momento, poderá não apenas buscar esclarecer as dúvidas que tiver em relação aos procedimentos metodológicos, assim como usar da liberdade de deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer dificuldade. A assinatura do representante autorizado da instituição neste Termo de Consentimento autoriza o pesquisador a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a confidencialidade dos dados coletados, quando solicitada pela instituição, e das pessoas citadas/referenciadas na pesquisa. Declaramos que recebemos uma cópia do presente Termo de anuência para a realização de pesquisa científica e acadêmica e que este foi suficientemente esclarecido pelo pesquisador.

Porto Alegre, 04 de março de 2020.

Nome e assinatura do pesquisador

Autorizo a realização deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.



Nome e Assinatura Representante Institucional

Cristiane dos Santos Torres
Diretora
Aut. 1106/20

APENDICE C - Entrevistas com sujeitos professores

Sujeito Professor	A		
Idade	45		
Natural de	Porto Alegre		
Data:	26/4/21		
Formação	Curso	Instituição	Ano
	Graduação em História	FAPA	2000
	Especialização em EJA	FASB	2005
	Mestrado em Educação	UNISINOS	2013
	Doutorado em		
Tempo de magistério	22 anos		
Já lecionou em			
Sempre lecionou em			
Instituições que leciona atualmente		CH semanal	Séries atendidas
01	EMEF GETÚLIO VARGAS	20 horas/aula	7 e 8
02	EMEF PORTUGAL	20 horas/aula	EJA 6 ao 9
03	EMEF PAULO FREIRE GRAVATAI	20 horas/aula	6 ao 9

1. Em sala de aula, tu trabalhas o conceito de cidade/município, ou não? Em qual série/ano tu tratas desse conceito? Sim, no 6 Ano

2. Como trabalhas esse conceito em sala de aula? A partir do livro didático e com a experiência da realidade em que eles moram com mapas, trajetos, croquis, entre outros.

3. Para que ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, qual é a melhor forma de ensinar Geografia? Partindo sempre de suas realidades locais, município e bairro, além da experiência de vida social e territorial dos alunos e seus familiares.

4. Na tua leitura, o que é currículo? Para que serve? O currículo é o centro teórico e metodológico da prática pedagógica, orientador de todas as atividades escolares, intencionais ou não.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) estabelece para a Educação Básica, em seu Art. 26, na redação dada pela Lei Nº 12.796/2013, que “*Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*”

5. O currículo que orienta as tuas práticas pedagógicas contempla este dispositivo, ou não? Por quê? Cita exemplos. Sim. Trabalhamos com aspectos da nossa região e com disciplinas específicas como Filosofia, ainda no Ensino Fundamental.

6. Qual é a importância dessas práticas para a aprendizagem dos estudantes? É de suma importância, pois, é a partir desta realidade local de ensino-aprendizagem, que os estudantes irão se construir enquanto seres sociais e verdadeiros cidadãos.

Para Milton Santos (1991), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança, não formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outras percepções.

7. Como podemos identificar/caracterizar a paisagem de Cachoeirinha/RS? É um município pequeno, essencialmente urbano, que serve de ligação territorial entre duas grandes cidades, Porto Alegre e Gravataí. Com pouca vegetação visível, limitando-se somente aos poucos parques e ao Mato do Júlio.

8. Parece haver, por parte dos estudantes, um sentimento de descontentamento com a cidade/município de Cachoeirinha/RS. É possível “se aproveitar” desse sentimento para melhor ensinar Geografia, ou não? Como? / Por quê? Não percebo esse descontentamento. De onde surgiu essa percepção? Mas se tivesse, poderia ser problematizado, sim.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), em seu Art. 2º, pontua que “[...] a educação deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ser cidadão é exercer, ativa e democraticamente, seus direitos e deveres, individuais e coletivos. Acreditamos que a Geografia pode qualificar a cidadania.

9. Em sala de aula, quais temas tu trabalhas que contribuem/podem contribuir para a formação cidadã? Quais recursos tu utilizas para desenvolver esses temas? Trabalho muito com o conceito de que o espaço geográfico é transformado pela ação dos seres humanos, em sociedade. Então, temas como a desigualdade social observada em nossas paisagens locais, regionais e mundial, deve ser problematizada desde a história das formações territoriais até as relações sociais de exploração vividas no espaço e no tempo.

10. Empregando as tuas experiências em sala de aula e a tua vivência aqui em Cachoeirinha/RS, que dicas/sugestões tu darias para um professor de Geografia que irá lecionar nesta cidade? Que procure trabalhar, a partir da realidade social e geográfica dos seus alunos, sempre estabelecendo relações entre o local, o regional e o global.

11. Afinal, o que é cidade? Cidade ainda é geralmente entendida como sinônimo de município. Porém, geograficamente o termo cidade está ligado diretamente aos espaços territoriais essencialmente urbanos.

Sujeito Professor	B		
Idade	34 anos		
Natural de	Porto Alegre		
Data:	20/04/21		
Formação	Curso	Instituição	Ano
	Graduação Administração de empresas e Geografia	Administração: Ulbra Geografia: Uniasselvi	Administração: 2013 Geografia: 2019
	Especialização Latu sensu, Direito trabalhista e supervisão escolar	Direito trabalhista: Uninter Supervisão escolar: Uniasselvi	Direito trabalhista:2015 Supervisão Escolar 2021
	Mestrado em Economia	Unisinos	2016
	Doutorado em		
Tempo de magistério	3 anos		
Já lecionou em	Projeto de Vida		
Sempre lecionou em	Geografia		
Instituições que leciona atualmente		CH semanal	Séries atendidas
01	E.E.E.M Barbosa Rodrigues	36 horas/aula	9º anos. 2º e 3º anos do ensino médio
02	E.E.E.M Carlos Bina.	4 horas/aula	9º anos. 2º e 3º anos do ensino médio
03			

1. Em sala de aula, tu trabalhas o conceito de cidade/município, ou não? Em qual série/ano tu tratas desse conceito? Sim trabalho sobre o aspecto das cidades, claro sigo rigorosamente a matriz de ensino. Nos 9º anos normalmente início como ocorreram as formações das cidades ao redor do mundo.

Já no ensino médio especialmente nos 2º anos trabalho sobre o tema urbanização e direito a cidade com as referências dos autores, Henri Lefebvre escritor do livro “Direito a cidade” David Harvey escritor do livro “cidades Rebeldes”

2. Como trabalhas esse conceito em sala de aula? Primeiramente busco trazer o conceito de concepção das cidades desde seu marco inicial, depois vou direcionando o conteúdo até chegar à realidade mais próxima em que o aluno está inserido e enfrenta no seu dia a dia, este inclusive é objetivo da BNCC trabalhar e desenvolver habilidades que envolvem a realidade de vida do aluno. Neste caso, trabalho muito relacionando a qualidade dos serviços de uso comum da cidade, como transporte público, saúde, segurança e infraestrutura.

3. Para que ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, qual é a melhor forma de ensinar Geografia? Tornar as aulas mais dinâmicas e menos engessadas. Saio dos modelos tradicionais como textos longos, monólogos de explicações do professor, enfim, a Geografia infelizmente é vista como uma disciplina muito chata e monótona pelos alunos, eu como professor busco mudar isso, tornando minhas aulas mais participativas e envolventes, busco puxar o aluno, com situações do dia a dia, ando bastante pela sala de aula, ou seja, torno o ensino de Geografia mais móvel e menos estático, assim busco sair do fixo e ir para o dinâmico.

4. Na tua leitura, o que é currículo? Para que serve? Currículo é a base do ensino que serve para nortear e dar uma noção de atuação para o professor

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) estabelece para a Educação Básica, em seu Art. 26, na redação dada pela Lei Nº 12.796/2013, que “*Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*”.

5. O currículo que orienta as tuas práticas pedagógicas contempla este dispositivo, ou não? Por quê? Cita exemplos. Sim, o currículo orienta estes dispositivos, até mesmo porque o currículo tem ficado dinâmico especialmente como advento da BNCC, está sempre mudando e sendo atualizado.

6. Qual é a importância dessas práticas para a aprendizagem dos estudantes? O ensino, deve ser aos poucos ser lapidado pelo professor, a observação é muito importante nessa profissão, então as práticas docentes são muitas algumas até estão fora do currículo ou da literatura pedagógica, o professor que se destaca é aquele que melhor se adapta a realidade em que está inserido.

Para Milton Santos (1991), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança, não formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outras percepções.

7. Como podemos identificar/caracterizar a paisagem de Cachoeirinha/RS? Paisagem tipicamente Urbana com elementos culturais e humanos.

8. Parece haver, por parte dos estudantes, um sentimento de descontentamento com a cidade/município de Cachoeirinha/RS. É possível “se aproveitar” desse sentimento para melhor ensinar Geografia, ou não? Como? / Por quê? O Papel do professor é ensinar e formar cidadãos críticos. Se existe o descontentamento em relação a paisagem de cachoeirinha, o professor deve usar isto como exemplo em suas aulas, para que o aluno de hoje, se transforme no cidadão crítico que ajudará a mudar a cidade no futuro.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), em seu Art. 2º, pontua que “[...] a educação deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ser cidadão é exercer, ativa e democraticamente, seus direitos e deveres, individuais e coletivos. Acreditamos que a Geografia pode qualificar a cidadania.

9. Em sala de aula, quais temas tu trabalhas que contribuem/podem contribuir para a formação cidadã? Quais recursos tu utilizas para desenvolver esses temas? Urbanização, direito a cidade, vista e análise da realidade local.

10. Empregando as tuas experiências em sala de aula e a tua vivência aqui em Cachoeirinha/RS, que dicas/sugestões tu darias para um professor de Geografia que irá lecionar nesta cidade? Siga em frente, Cachoeirinha é somente mais uma cidade igual a

tantas outras que existem no Brasil, existem problemas, coisas boas, coisas ruins, não passa de uma cidade comum, então trabalhe normalmente.

11. Afinal, o que é cidade? Bom, seguindo a definição da ONU:

Cidade é: “Um aglomerado de pessoas de forma permanente, onde as atividades que ali são executadas não se caracterizam como agrícolas”.

Sujeito Professor	C		
Idade	40 anos		
Natural de	Rio de Janeiro/RJ		
Data:	17/03/2021		
Formação	Curso	Instituição	Ano
	Graduação em Geografia	USP	2010
	Especialização em Ensino	GAMA FILHO	2013
	Mestrado em		
	Doutorado em		
Tempo de magistério	10 anos		
Já lecionou em	6º ao 9º anos do ensino fundamental		
Sempre lecionou em	Em escola municipal		
Instituições que leciona atualmente		CH semanal	Séries atendidas
01	EMEF Portugal	12 horas/aula	6º ao 9º
02		— horas/aula	
03		— horas/aula	

1. Em sala de aula, tu trabalhas o conceito de cidade/município, ou não? Em qual série/ano tu tratas desse conceito?

Sim, por ser um conteúdo de 4º e 5º anos esse conteúdo é retomando no 6º ano como sondagem.

2. Como trabalhas esse conceito em sala de aula?

Conversando com os alunos a respeito da cidade onde moram, trazendo as características, físicas, culturais, políticas e sociais; mostrando mapas, globos e se/quando possível trabalhando com o Google Maps, infelizmente temos algumas barreiras no setor público, porém quando possível traga o notebook para a sala de aula e mostro no Datashow para que todos possam visualizar de uma forma diferente a cidade onde moram bem como a capital, e suas localizações no estado, país, continente, mundo.

3. Para que ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, qual é a melhor forma de ensinar Geografia?

Acredito que aliando a prática a teoria, quando trazemos ferramentas de leitura geográfica, como os mapas por exemplo, aliando com a tecnologia e a teoria eles se interessam mais e aprendem mais, o recurso visual e tátil são os que mais despertam curiosidades nos alunos.

4. Na tua leitura, o que é currículo? Para que serve?

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) estabelece para a Educação Básica, em seu Art. 26, na redação dada pela Lei Nº 12.796/2013, que “*Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*”

Currículo é um padrão de conteúdo que deve servir como um guia para o ensino. Infelizmente em nosso país há uma desigualdade muito grande entre o público e o privado impossibilitando de seguirmos o mesmo ‘currículo’ entre esfera pública e particular.

5. O currículo que orienta as tuas práticas pedagógicas contempla este dispositivo, ou não? Por quê? Cita exemplos.

Acredito que sim, estamos sendo ‘obrigados’ a nos adequar a BNCC, que nada mais é que o currículo que devemos seguir. Como exemplos precisamos citar as habilidades da BNCC que está sendo trabalhada com os alunos nos documentos oficiais da escola.

6. Qual é a importância dessas práticas para a aprendizagem dos estudantes?

Boa pergunta. No momento atual, nenhuma. Estamos vivendo um momento em que o aluno de escola pública conseguir ter aulas já é uma conquista, muitos não possuem telefone, internet, muito menos um computador para ajudar nas aulas.

Em um outro momento, onde a vida é “normal” é um projeto interessante, é de extrema importância que haja um ensino igualitário, sem que o aluno da escola particular possua aulas com conteúdos diferenciados, o currículo ‘normatiza’ o conteúdo a ser dado por toda a rede de escolas nacionais. Mas nosso país ainda tem muito caminho a seguir para se tornar mais igualitário. Também acho importante manter os estudos das regionalizações e cultura de cada região, nosso povo é rico e diversificado, é preciso um olhar mais amplo para as diversidades culturais.

Para Milton Santos (1991), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança, não formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outras percepções.

7. Como podemos identificar/caracterizar a paisagem de Cachoeirinha/RS?

Predominante urbana onde há maior circulação de pessoas, quando pensamos em natureza falamos apenas do Mato do Júlio. A paisagem normalmente é trabalhada dentro do espaço geográfico que a aluno vive, pois é onde ele conhece e se reconhece.

8. Parece haver, por parte dos estudantes, um sentimento de descontentamento com a cidade/município de Cachoeirinha/RS. É possível “se aproveitar” desse sentimento para melhor ensinar Geografia, ou não? Como? / Por quê?

Sim é possível. Eles estão insatisfeitos por não conhecerem a cidade onde vivem, muitos não conseguem nem sair de seus bairros. Podemos ensinar mostrando aos alunos todos os recursos que a cidade possui com a vantagem de ser tudo perto e acessível.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), em seu Art. 2º, pontua que “[...] a educação deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ser cidadão é exercer, ativa e democraticamente, seus direitos e deveres, individuais e coletivos. Acreditamos que a Geografia pode qualificar a cidadania.

9. Em sala de aula, quais temas tu trabalhas que contribuem/podem contribuir para a formação cidadã? Quais recursos tu utilizas para desenvolver esses temas?

O estudo da ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é trabalhado em forma de seminários e debates. Durante as aulas sobre a água falamos sobre a

conscientização do uso adequado desse recurso natural. Quando vamos falar sobre os impostos destacamos a respeito da economia, formas de lutar por seus direitos, reconhecimento do valor gasto na conta de luz; quando vamos falar sobre lixo tratamos sobre o coletivo, o descarte adequado, etc.

10. Empregando as tuas experiências em sala de aula e a tua vivência aqui em Cachoeirinha/RS, que dicas/sugestões tu darias para um professor de Geografia que irá lecionar nesta cidade?

Venha com vontade de ensinar, esteja preparado para os desafios da infância/adolescência e não desista nos primeiros 6 meses. Persista, é gratificante.

11. Afinal, o que é cidade?

Um lugar onde há uma interação social, onde as pessoas se relacionam com os espaços geográficos, onde há urbanização, movimento, crescimento, onde a vida acontece.

Sujeito Professor	D		
Idade	39 anos		
Natural de	Viamão - RS		
Data:	30/04/2021		
Formação	Curso	Instituição	Ano
	Graduação em Geografia	PUCRS	2012
	Especialização em	UFRGS	2014
	Mestrado em	-	-
	Doutorado em	-	-
Tempo de magistério	9 anos		
Já lecionou em	-		
Sempre lecionou em	Séries finais do ensino fundamental		
Instituições que leciona atualmente		CH semanal	Séries atendidas
01	EMEF Jardim do Bosque	20 horas/aula	6º ao 9º ano
02	EMEF Bárbara Maix	20 horas/aula	6º ao 9º ano
03	-	- horas/aula	-

1. Em sala de aula, tu trabalhas o conceito de cidade/município, ou não? Em qual série/ano tu tratas desse conceito? Sim, 6º ano

2. Como trabalhas esse conceito em sala de aula? Por meio de leitura, imagens, vídeos e discussão.

3. Para que ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, qual é a melhor forma de ensinar Geografia? Particularmente vejo esse ponto como bastante relativo, pois depende muito da realidade na qual estamos atuando, mas vejo o uso de formas diversas de

intervenção, com mídias, materiais concretos e a exploração do meio no qual o aluno inserido como boas sugestões.

4. Na tua leitura, o que é currículo? Para que serve?

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) estabelece para a Educação Básica, em seu Art. 26, na redação dada pela Lei Nº 12.796/2013, que “*Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*”.

Embora haja uma definição legal de currículo, penso que, simplificada, o currículo deve expressar os aprendizados necessários para que o educando se capaz movimentar os conhecimentos de cada ciência, no caso da geografia, seja capaz de “ler e interpretar” o espaço geográfico.

5. O currículo que orienta as tuas práticas pedagógicas contempla este dispositivo, ou não? Por quê? Cita exemplos.

Parcialmente, vejo que deixa muito a desejar no que se refere a criticidade necessária para o entendimento da geografia.

6. Qual é a importância dessas práticas para a aprendizagem dos estudantes?

Para Milton Santos (1991), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança, não formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outras percepções.

Relaciona-se com atuação em sociedade, embora o aluno domine conceitualmente as ideias trabalhadas, na maior parte das vezes não consegue praticá-las.

7. Como podemos identificar/caracterizar a paisagem de Cachoeirinha/RS?

Cachoeirinha faz parte da região metropolitana de Porto Alegre e apresenta uma paisagem predominantemente urbana.

8. Parece haver, por parte dos estudantes, um sentimento de descontentamento com a cidade/município de Cachoeirinha/RS. É possível “se aproveitar” desse sentimento para melhor ensinar Geografia, ou não? Como? / Por quê?

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), em seu Art. 2º, pontua que “[...] a educação deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ser cidadão é exercer, ativa e

democraticamente, seus direitos e deveres, individuais e coletivos. Acreditamos que a Geografia pode qualificar a cidadania.

Cada comunidade traz diferentes tipos de necessidades. Certamente podemos aproveitar estas para intervir no aprendizado, bem como na própria comunidade. Por exemplo, em uma comunidade onde há pontos de descarte de entulhos, podemos movimentar as autoridades, comunidade e alunos para recuperar estes espaços.

9. Em sala de aula, quais temas tu trabalhas que contribuem/podem contribuir para a formação cidadã? Quais recursos tu utilizas para desenvolver esses temas?

Acredito ser fundamental a discussão de que questões políticas com os alunos, obviamente falo da política de forma ampla, onde se busca encontrar soluções para as questões sociais através do diálogo, da negociação e da pró-atividade.

10. Empregando as tuas experiências em sala de aula e a tua vivência aqui em Cachoeirinha/RS, que dicas/sugestões tu darias para um professor de Geografia que irá lecionar nesta cidade?

Busque conhecer a realidade da comunidade onde está atuando.

11. Afinal, o que é cidade?

Há inúmeras definições que podemos aplicar a cidade, mas para a geografia podemos dizer, de forma simplificada, que se trata da materialização das relações humanas.

Sujeito Professor	E		
Idade	51 anos		
Natural de	Porto Alegre - RS		
Data:	25/04/2021		
Formação	Curso	Instituição	Ano
	Graduação em História	FAPA	1991
	Especialização em Psicopedagogia	CESUCA	2007
	Mestrado em	-	-
	Doutorado em	-	-
Tempo de magistério	31 anos		
Já lecionou em	Escola particular		
Sempre lecionou em	Escola pública		
Instituições que leciona atualmente		CH semanal	Séries atendidas
01	Município de Cachoeirinha	20 horas/aula	6º ao 8º ano
02			
03			

1. Em sala de aula, tu trabalhas o conceito de cidade/município, ou não? Em qual série/ano tu tratas desse conceito? Sim. Esse conceito é trabalhado nas séries iniciais e retomado em todas as séries dos anos finais do Ensino Fundamental

2. Como trabalhas esse conceito em sala de aula? Inserido no contexto do objeto do conhecimento trabalhado no momento. Por exemplo, no sétimo ano trabalhamos Geografia do Brasil, então os alunos necessitam ter clareza nesse conceito.

3. Para que ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, qual é a melhor forma de ensinar Geografia? Aproximando da realidade vivida. O aluno precisa compreender o espaço em que vive. Partir do local para o global.

4. Na tua leitura, o que é currículo? Para que serve?

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) estabelece para a Educação Básica, em seu Art. 26, na redação dada pela Lei Nº 12.796/2013, que “*Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*”.

É um referencial para o trabalho do professor. Para que tenhamos um parâmetro do que vamos trabalhar, considerando reflexões e estudos acerca do mesmo. Auxilia na consolidação do nosso trabalho.

5. O currículo que orienta as tuas práticas pedagógicas contempla este dispositivo, ou não? Por quê? Cita exemplos.

Acredito que sim. Os planos de estudos foram desenvolvidos a partir da BNCC, discutida entre os professores. Trabalhamos as habilidades, referenciando com o contexto próximo do aluno.

6. Qual é a importância dessas práticas para a aprendizagem dos estudantes?

Para Milton Santos (1991), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança, não formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outras percepções.

Para que aconteça a aprendizagem o aluno precisa sentir-se envolvido no processo, acredito que compreendendo o contexto em que vive, a aprendizagem se torna significativa e é atingida.

7. Como podemos identificar/caracterizar a paisagem de Cachoeirinha/RS?

A paisagem de Cachoeirinha é diversificada, bem como sua população. Oscilamos em regiões urbanizadas, outras “rurais”, regiões com bom nível de desenvolvimento urbano e outras muito precárias. As cores, movimentos, odores, sons são parte desse contexto.

8. Parece haver, por parte dos estudantes, um sentimento de descontentamento com a cidade/município de Cachoeirinha/RS. É possível “se aproveitar” desse sentimento para melhor ensinar Geografia, ou não? Como? / Por quê?

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), em seu Art. 2º, pontua que “[...] a educação deve ter por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo

para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Ser cidadão é exercer, ativa e democraticamente, seus direitos e deveres, individuais e coletivos. Acreditamos que a Geografia pode qualificar a cidadania.

Acredito que sim. Percebo que existe uma baixa autoestima de boa parte dos moradores (alunos), penso que precisam entender o processo de formação do município e da população que mora nele, bem como as relações que se estabelecem, dessa forma podemos criar meios de interferir e colaborar nos processos que acreditam que devam ser melhorados.

9. Em sala de aula, quais temas tu trabalhas que contribuem/podem contribuir para a formação cidadã? Quais recursos tu utilizas para desenvolver esses temas?

Parto sempre das práticas da sala de aula, da consciência e responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem e as relações estabelecidas na escola. Utilizando a proposta curricular, abordamos questões propostas no plano de ensino sobre racismo, questões de gênero, relações de trabalho, participação na comunidade, etc.

10. Empregando as tuas experiências em sala de aula e a tua vivência aqui em Cachoeirinha/RS, que dicas/sugestões tu darias para um professor de Geografia que irá lecionar nesta cidade?

Procurar conhecer um pouco mais a cidade e sua população. Fazer referência aos espaços do município para trabalhar os "conteúdos" em sala de aula.

11. Afinal, o que é cidade?

Concentração urbana em que se desenvolve diferentes vivências. Reúne moradias, espaços comerciais, industriais, prestação de serviços de diferentes tipos, onde acontece a vida de uma forma mais intensa e diversificada

APENDICE D – Apresentação projetada aos alunos durante encontro online

EXPLORANDO A CIDADE DE CACHOEIRINHA

LOCAIZAÇÃO DE CACHOEIRINHA



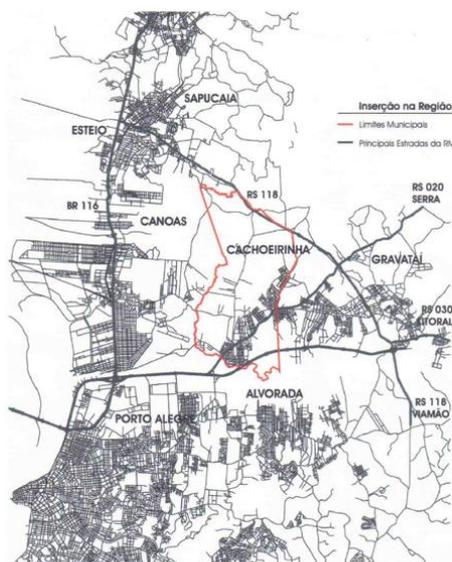
Fonte: IBGE – Mapa de Localização de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul

**LOCALIZAÇÃO DA
CIDADE NA
REGIÃO
METROPOLITANA**



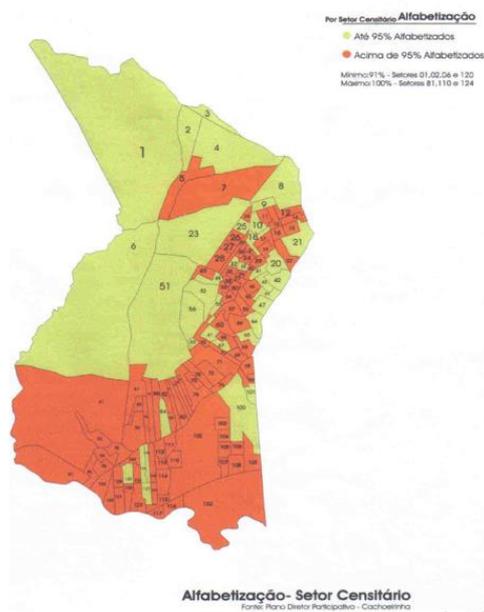
Fonte: IBGE – Mapa de Localização de Cachoeirinha na Região Metropolitana Porto Alegre/RS.

**DELIMITAÇÃO
TERRITORIAL**

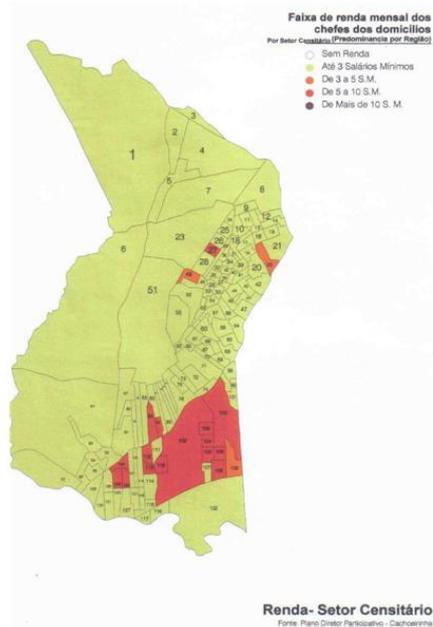


Inserção Metropolitana. Municípios Limítrofes
Fonte: Plano Diretor Participativo - Cachoeirinha

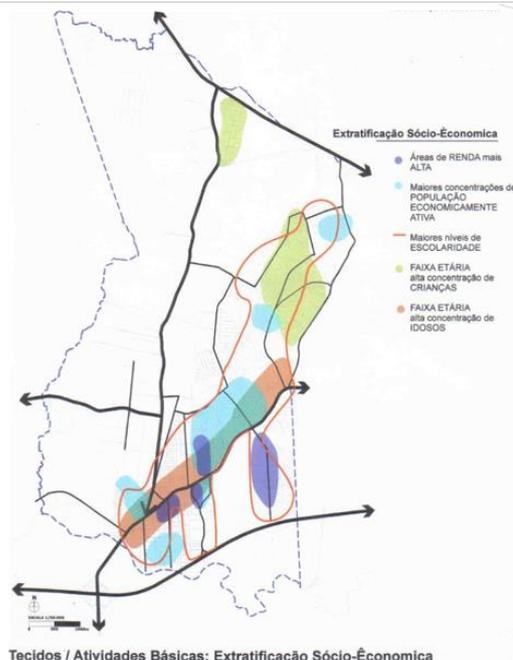
NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO



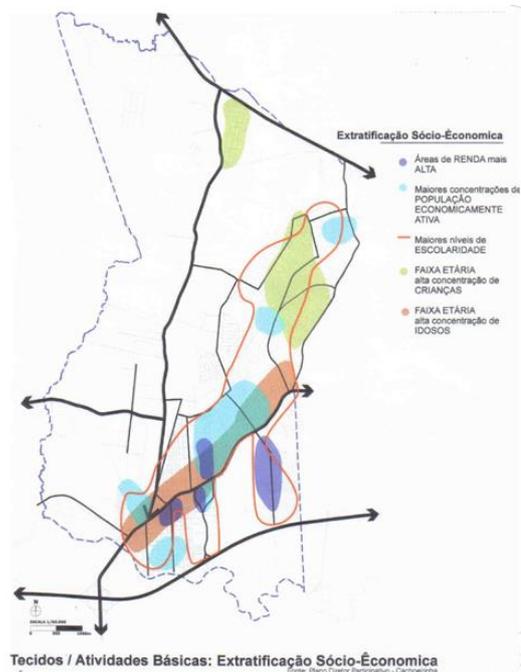
Faixa de renda mensal



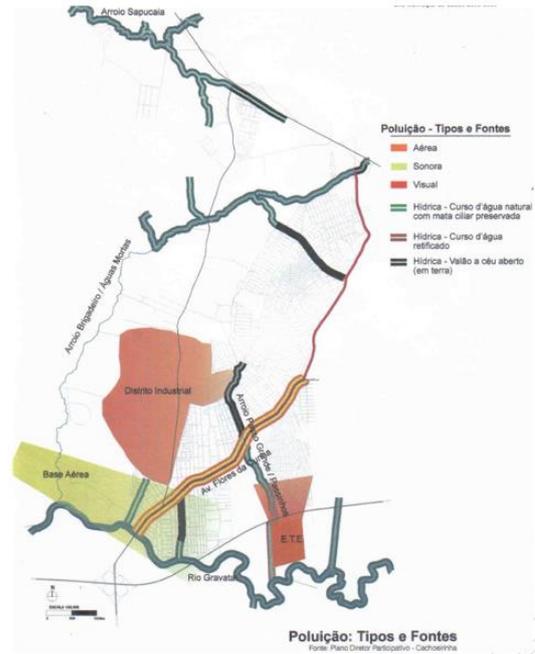
ESTRATIFICAÇÃO



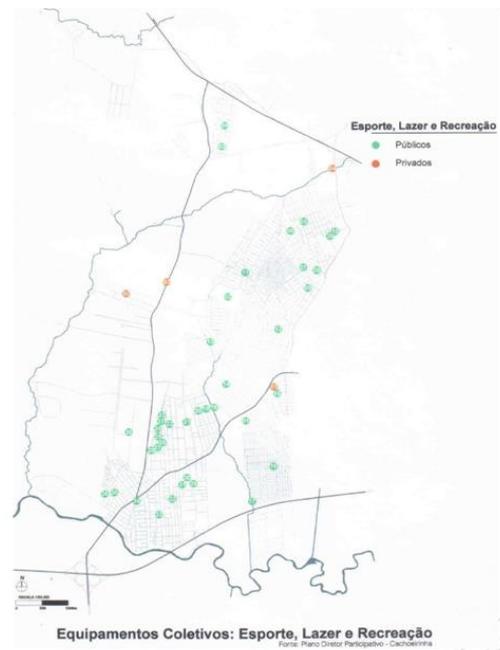
RECURSOS HÍDRICOS



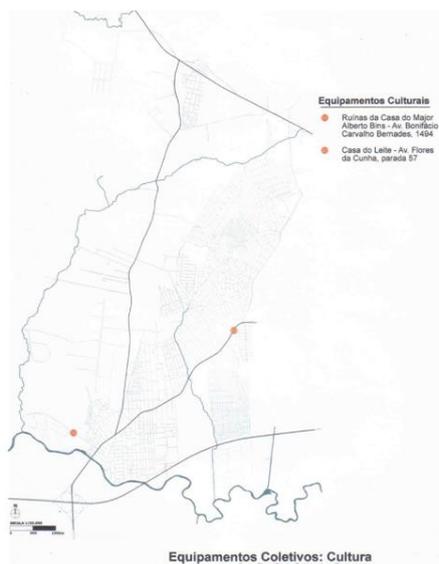
POLUIÇÃO



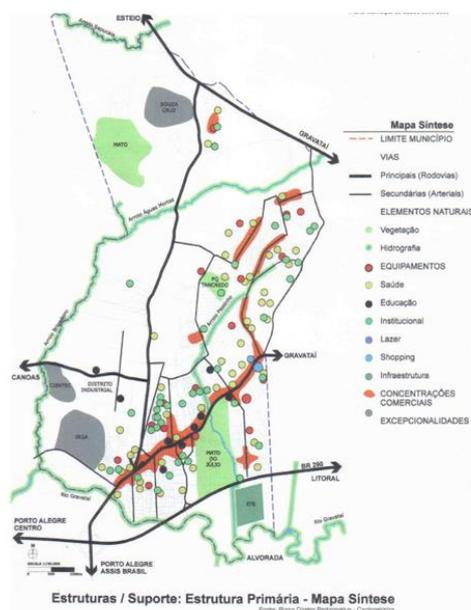
ESPORTE E LAZER



EQUIPAMENTOS CULTURAIS



MAPA SÍNTESE



FONTES DE PESQUISA

- ESTADO DO RIOGRANDE DO SUL.
<<https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/50/cachoeirinha>>
Acesso em Agosto/2020
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAHOEIRINHA.
<<http://www.cachoeirinha.rs.gov.br/portal/attachments/article/1664/Plano%20Municipal%20de%20Sa%C3%BAde%202010-2013%20.pdf>> Acesso Junho/2020.
- PREFEITURA MUNICIAPAL DE CACHOERINHA.
<<http://www.cachoeirinha.rs.gov.br/portal/attachments/article/1425/Volume%202.pdf>> Acesso em Junho/2020.

APENDICE E – Imagens de Cachoeirinha/RS em diferentes momentos históricos

Imagem 1



Pessoas aglomeradas com uma mata ao fundo, próximas a um rio, inauguração da Ponte

Imagem 2



Ponte de ferro

Imagem 3



Casa do leite

Imagem 4



Principal meio de transporte

Imagem 5



Primeira agência dos Correios

Imagem 6



1ª Torneira

Imagem 7



Primeira farmácia e posto médico - 1958

Imagem 8



Casa da Granja Progresso – Propriedade do Major Alberto Bins.

Imagem 9



Estação experimental de arroz

Imagem 10

Escola de 1° e 2° Graus Daniel de O. Paiva — CADOP —
prédio escolar mais antigo do Município

Imagem 11



Prédio geleias Ritter

Imagem 12



Casa Tupi- posto de informações

Imagem 13



Casa Teixeira — antigo comercio da região

Imagem 14



CTG Rancho da saude

Imagem 15



Salão Danúbio Azul — 1951- Centro cultural

Imagem 16



Prédio da Madeireira Prior, o primeiro com 3 pisos – 1964

Imagem 17



Espraiado nos fundos da Rua Anápio Gomes

Imagem 18



Subprefeitura e subdelegacia – 1958

Imagem 19



Fachada da antiga prefeitura - 1997

